

Grimorium Saturni



Tomo III

BIBLIOTECA PLANETA



 Editora Três

PAPUS

TRATADO DE CIÊNCIAS OCULTAS (I)

A Magia
A Cabala
Os Espíritos
A Pedra Filosofal
A Maçonaria

Título original:
TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE SCIENCE OCCULTE

Capa:
ANIBAL MONTEIRO

Tradução:
LUIS CARLOS LISBOA

1973

Esta obra foi composta
nas oficinas da São Paulo Editora e impressa
nas oficinas da IMPRES-SP para
a Editora Três, SP, Brasil.

Editores: Luis Carta, Domingo Alzugaray, Fabrizio Fasano

Redator-chefe: Ignácio de Loyola

Secretário editorial: Armando Gonçalves

Distribuição para todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, fone: 258-4848
Rio de Janeiro, GB

PAPUS



BIBLIOTECA PLANETA

Livros já publicados:

Krishnamurti: *Viagem por um Mar Desconhecido*

Paracelso: *A Chave da Alquimia*

Allan Kardec: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*

Nostradamus: *O Segredo das Centúrias*

H. P. Blavatsky: *A Chave da Teosofia*

Roso de Luna: *O Livro que Mata a Morte*

Roviralta Borrell: *Bhagavad-Gîtâ*

Papus: *Tratado Elementar de Ciências Ocultas* — I

Livros a publicar:

Papus: *Tratado Elementar de Ciências Ocultas* — II

Visconde de Figanière: *Submundo, Mundo e Supramundo*

PAPUS E SUA OBRA

O retrato daquela mulher bela, elegante e misteriosa impressionou profundamente Papus, ao visitar o ateliê do seu amigo, o pintor Guillonnet. Antes mesmo de perguntar pela identidade daquela dama toda de negro, Papus — que sabia ler na luz astral — analisou-a psicologicamente e disse que ela causaria luto e ruínas. Depois de pensar um pouco, concluiu que ela morreria tragicamente. Para o espanto de Guillonnet, a profecia de Papus cumpriu-se pouco tempo depois: no dia 15 de outubro de 1917 os franceses fuzilaram a famosa agente H-25, da polícia secreta de Berlim, conhecida como Mata-Hari, cujo retrato Papus analisara.

Este é apenas um exemplo da grande capacidade de precognição de Papus, pseudônimo de Gérard Encausse, nascido em La Coruña, em 1865, filho de pai francês e mãe espanhola. O nome Papus foi adotado por influência de Eliphas Levi e identifica uma entidade espiritual dedicada à terapia. Quanto a sua nacionalidade, apesar de ter nascido na Espanha, ele viveu praticamente a vida inteira na França.

Foi a partir da caridade e do amor ao próximo que nasceu a fama de Papus. Em 1894 ele doutorou-se em medicina pela Faculdade de Paris. Foi durante sua vida escolar que surgiu o interesse pelo ocultismo. Assim, durante seu curso de medicina, em 1891, ele publicou o *Tratado Metódico de Ciências Ocultas*; em 1892, surge *A Cabala*; e, no ano da sua formatura surgiu *O Almanaque do Magismo*.

Conjugando os estudos de ocultismo e de medicina, ele anunciou, em 1895, a sua teoria sobre a classificação das doenças. Papus dividia as doenças em três grupos: as do corpo, que podem ser eliminadas pela alopatria; as da alma, que podem ser tratadas pela homeopatia, magnetismo ou mediante

processos herméticos; e as do espírito, que são curáveis pela teurgia e pela prece.

Ao tratar de um paciente, ele descobria todo seu passado, logo em um primeiro contato. Suas revelações possuíam minúcias surpreendentes e isso levou-o a ser considerado um “mago dos tempos modernos”.

Em 1914 — usando sua capacidade de precognição — ele profetizou a renovação da Câmara dos Deputados da França. Isso teria sido um detalhe sem importância se ele não afirmasse, logo em seguida, que essa Assembléia deveria ocupar-se de uma guerra de graves consequências. No ano seguinte ele anunciou que a guerra ainda duraria três anos e que a França obteria a vitória pelas armas.

Suas profecias — presentes na sua vida desde a mocidade — já eram famosas fora da França. Assim, o czar Nicolau II, da Rússia, convidou-o a residir na corte, onde passou a gozar de grande simpatia por parte, não apenas dos soberanos, como também do próprio povo, apesar do ciúme de Rasputin, que via nele um prejuízo à direção espiritual do czar e da tsarina.

Logo após o desastre da Mandchúria, Nicolau convocou seus ministros para uma reunião, pois se achava em situação difícil. Nessa mesma ocasião Papus evocou o espírito de Alexandre III, que alertou a todos sobre os perigos de uma revolução. Apesar da presença do espírito desse bravo guerreiro, a revolução não pôde ser controlada e acabou vencendo. O tzar, bem como toda sua família, foi fuzilado.

A vida de Papus caracterizou-se por um dinamismo mental e uma objetividade sócio-cultural. Uma das razões que o levou a lutar por um diploma de medicina, foi o fato de não querer ser chamado de charlatão. Sua reputação de curador era muito grande; por essa razão, ele ficou conhecido como o Cagliostro do século 19.

Substituiu Péladan nas atividades junto a Stanislau de Guaita, "diplomando doutores em cabala"; discorreu sobre a pedra filosofal, transformando chumbo em ouro, ao mesmo tempo em que demonstrava que uma única partícula da pedra filosofal é um eficiente depurativo energético para o sangue, além de curar qualquer doença por mais persistente que seja. Papus fundou ainda revistas

de cunho eminentemente ocultista e escreveu livros que abriam novos horizontes às pesquisas herméticas. Tornou-se o principal defensor (e dirigente) do movimento martinista na França, revivendo com ardor os postulados iluministas da Rosa-Cruz, debatendo e comentando as cartas trocadas entre os mestres Martines de Pasqually e Claude Saint-Martin, que ele mesmo publicaria.

Fez também uma viagem à Índia a fim de controlar melhor seus dons de magia operativa, bem mais importantes para si do que os processos aprendidos na faculdade de medicina ou nas fórmulas do códex.

Papus fundou revistas especializadas como *A Iniciação*, em 1888, e *O Véu de Ísis*, em 1890. Foi membro, desde sua criação, do Grupo Independente de Estudos Esotéricos e da Faculdade de Ciências Herméticas. Foi também presidente da Ordem Cabalística da Rosa-cruz e dirigiu a Sociedade Magnética da França. Era Grão-mestre de alguns ritos maçônicos.

As primeiras contribuições esotéricas de Papus surgiram nas páginas da revista teosófica *O Lótus*, onde publicou uma tradução do *Sepher Yetzirah* (*O Livro da Criação*),

uma abordagem teórica dos problemas cosmológicos e cosmogônicos. Para poder ler as obras cabalísticas no original, Papus estudou hebraico e aramaico.

Por ocasião da sua morte, em 1916, o jornal *Figaro* assinalou que “a harmonia da existência de Papus e a beleza de suas obras exteriores haveriam de testemunhar para sempre, diante de seus filhos espirituais, não apenas a sua boa fé senão também a sua fé inquebrantável”.

Além das obras já citadas, Papus escreveu ainda: *Tratado de Ciências Ocultas*, 1903; *A Ciência dos Magos*, 1905; *Quiromancia*, 1909; *A Reencarnação*, 1912; e muitas outras.

Sua primeira obra foi publicada sob os auspícios da Sociedade Teosófica da França. É importante acentuar que Papus ingressou no ocultismo através da metafísica oriental, trazida para o Ocidente por Helena Blavatsky. Porém, depois de perder o interesse por essa metafísica, ele criou uma escola de ocultismo na Europa. Essa atitude não traduz nenhuma objeção, visto que o objetivo de Papus era o de sintetizar e sistematizar o estudo do ocultismo. A prova mais evidente da

grande importância que ele dava aos subsídios orientais, reside no fato de ele próprio, no *Tratado Elementar de Magia Prática* ter confessado: "...o pequeno número de experiências dignas desse nome, que tivemos ocasião de controlar e comprovar, nos foram transmitidas por um centro oriental, ao qual pertencemos, ocupando entre os associados o grau da última categoria iniciática". Essa atitude merece alguns esclarecimentos.

No Oriente, embora se reconheça e se respeite a validade orgânica dos *Vedas*, há uma completa liberdade na sua interpretação. Ninguém é obrigado, no estudo esotérico, a seguir um rumo, porque um homem guiado é um homem dominado. Basta dizer que *Upanishads* — comentários esclarecedores, núcleo da interpretação dos *Vedas* — deriva de uma palavra do sânscrito que significa diálogo.

Por essa razão, eminentes anacoretas se estabelecem nos sagrados bosques da Índia, segundo a tradição, e mantêm conversações que permitem o desenvolvimento intelectual; o aprimoramento livre das faculdades que visam a revelação da verdade. Assim, cada um faz suas próprias experiências, decorrendo

daí, a manifestação personalíssima do entendimento. Por isso mesmo, observamos na Índia o aparecimento de diversas seitas, até mesmo o materialismo de Brihaspati que deu seus textos antiquíssimos aos *Characas*; o panteísmo de Samkara, que admite a substância numericamente una; o jainismo, de Mahavi-va, aceitando as idéias da imortalidade, transmigração da alma e até do advento de um salvador; e assim por diante, sem contar o cisma tibetano do lamaísmo, cheio de religiosidade; e a seita muito recente denominada *Brahma-Samâj*, que quer dizer *Realização*, fundada pelo pai do poeta Rabindranath Tagore, no século 19, que pretende fundir a doutrina védica da salvação pelo conhecimento, à doutrina budista da salvação pelo amor.

Diante desse ecletismo, delineado em suas linhas gerais, Papus percebeu que a doutrina de Blavatsky, complicada mas maravilhosa, poderia ocidentalizar-se e adaptar-se à escolaridade européia, completamente diferente da preconizada nos *Upanishads*, dialogal e sem preconceitos. Para dar corpo à sua doutrina, ele recorreu a três elementos ocultistas bem familiares aos franceses: o martinismo, o rosacruzianismo e a cabala.

Se por um lado Papus alcançou seus objetivos, consagrando-se efetivamente como hermetista, mago, alquimista e terapeuta, iluminando o caminho para muitos que se tornariam mais tarde excelentes companheiros e até defensores da sua doutrina; por outro lado, como cabalista, seus trabalhos não foram satisfatórios — esta é a opinião de muitos, inclusive a de Arthur Edward Waite (1867-1940), em seu livro, *The Holy Kabalah*. A principal razão do fracasso de Papus como cabalista, deve-se à influência que sofreu por parte de Eliphas Levi, pseudônimo do ex-seminarista Alphonse Louis Constant, que ingressou no ocultismo sem nenhuma convicção; tanto isso é verdade, que seus últimos momentos foram fortificados pelos ritos da Igreja católica.

Eliphas Levi não tinha solidez nos seus conhecimentos, mas era dotado de uma imaginação ardente. Dizia-se grande cabalista, mas para L. de Gérin-Ricard (*Histoire de l'Ocultisme*), não passava de “um padre desbatinado que foi alternativamente mau pintor, mau poeta, mau jornalista, execrável sociólogo, ostentando constantemente e com muita presunção — e em todos os domínios — um primarismo irritante”.

Não é nossa tarefa, porém, focalizar Papus como intérprete da cabala, apesar desta se constituir numa presença constante em seus trabalhos sobre o ocultismo, por ser equivalente, em última análise, ao estudo do setenário bramânico da cosmogonia e da antropogenia.

O presente livro despertou grande interesse na França, quando surgiu, porque diz respeito ao trabalho de Rosenkreutz, que estabeleceu o trânsito do Oriente para o Ocidente de conhecimentos até então circunscritos aos centros iniciáticos da Ásia, e que conforma a Rosa-cruz com seus sinais de passe e de reconhecimento puramente "internos", isto é, inatingíveis e despercebidos pelos profanos.

Este livro ensina como desenvolver, na doutrina martinista, as faculdades adormecidas no homem, colocando-o em relação com o invisível. Faculta ainda a tomada de posição junto ao simbolismo que, sendo o perfume da verdade, indica o canteiro escondido, onde crescem as flores da mais pura metafísica.

O Tratado Elementar de Ciências Ocultas é, portanto, um livro indispensável ao es-

tudo de outros textos do ocultismo, bem como à comparação dos postulados que, tendo suas raízes no Oriente, podem esclarecer ao Ocidente o verso de Shakespeare: “Entre o céu e a terra, muito há de que não cuida nossa vã filosofia”.

EDMUNDO CARDILLO

*Possibilita a compreensão e provê
a explicação das teorias e dos
símbolos empregados na antigui-
dade por alquimistas, astrólogos e
cabalistas.*

INTRODUÇÃO

A trindade — As correspondências e a analogia — O astral

A história nos informa que os grandes pensadores da antiguidade, que viram nascer a civilização no Ocidente, foram complementar seus estudos no conhecimento dos mistérios egípcios.

A ciência ensinada pelos detentores desses mistérios é conhecida sob nomes diversos: ciência oculta, hermetismo, magia, ocultismo, esoterismo etc.

Sempre idêntico nos seus princípios, esse código de instrução constitui a ciência tradicional dos magos e nós a trataremos como ocultismo.

Esta ciência abarca a teoria e a prática de um grande número de fenômenos, sendo que apenas uma ínfima parte deles constitui, em nossos dias, as matérias que compõem o magnetismo e as evocações ditas espíritas. Essas práticas, incluídas no estudo da psiqueuterpia, formavam apenas uma pequena parcela da ciência oculta, que compreendia ainda três grandes divisões: a teurgia, a magia e a alquimia.

O estudo do ocultismo é importante sob dois pontos de vista: esclarece o passado, uma época totalmente esquecida, e permite ao historiador recuperar a antiguidade sob uma forma ainda pouco conhecida. Este estudo apresenta ao experimentador contemporâneo um sistema sintético de afirmações a serem controladas pela ciência e outro de idéias sobre as forças desconhecidas da natureza e do homem.

O emprego da analogia, método característico do ocultismo e de sua aplicação às ciências contemporâneas, ou às nossas concepções modernas de arte e sociologia, nos permite inaugurar uma fase toda nova sobre problemas ainda insolúveis.

O ocultismo, entretanto, não pretende ser o único a dar a solução certa às questões que ele aborda. É um sistema filosófico que dá sua solução para questões que muito atormentam o espírito humano. Será essa solução a única expressão da verdade? Só a experimentação e a observação serão capazes de demonstrá-lo.

Para evitar erros de interpretação, o ocultismo deve ser dividido em duas grandes partes:

1 — Uma parte imutável, representada pela base da tradição, facilmente encontrada em todos os trabalhos sobre hermetismo, qualquer que seja sua época ou origem.

2 — Uma parte pessoal do autor, constituída de comentários e aplicações pessoais.

A parte imutável pode ser dividida em três partes:

a) A existência da trindade como lei fundamental para todos os planos do universo.

b) A existência de *correspondências* unindo intimamente todas as porções do universo visível e invisível.

c) A existência de um mundo invisível, cópia exata e fundamento perpétuo do mundo visível.

A possibilidade dada a cada inteligência de manifestar suas faculdades na disposição dos detalhes é causa eficiente do progresso dos estudos, a origem de diversas escolas e a prova da possibilidade que tem cada autor de conservar intacta sua personalidade, qualquer que seja o campo de ação abordado por ele.

PRIMEIRA PARTE
TEORIA

CAPÍTULO I

A ciência da antiguidade — O visível, manifestação do invisível — Definição da ciência oculta

É acentuada, hoje em dia, a tendência a confundir a ciência com as ciências. Tanto aquela é imutável nos seus postulados, como estas variam de acordo com o capricho dos homens. O que era científico há um século está bem perto de se transformar em fábula em nosso tempo. No domínio das ciências, tudo se transforma a cada instante.

Ninguém ignora que os sábios contemporâneos dedicam seu tempo a esses estudos particulares, embora eles atribuam à ciência os verdadeiros progressos obtidos em seus respectivos terrenos. A falácia dessa concepção surge quando se tenta fazer a síntese da ciência, expressão total da verdade eterna.

Esta idéia de uma síntese, englobando em algumas leis imutáveis uma enorme massa de conhecimentos acumulados há mais de dois séculos, faz com que os pesquisadores de nossa época se percam em divagações suficientemente vagas e distantes para desejar a seus descendentes um novo amanhecer no horizonte dos conhecimentos humanos.

Parece audacioso afirmar que essa síntese existiu, que suas leis sendo verdadeiras se aplicam aos conhecimentos modernos, teoricamente falando, e que os egípcios já iniciados, contemporâneos de Moisés e de Orfeu, possuíam-na integralmente.

Afirmar que a ciência existiu na antiguidade é passar, na opinião da maior parte das pessoas sérias, por sofista ou ingênuo. Vou, no entanto, tentar provar meus pontos de vista, pedindo apenas aos meus contraditores alguma atenção.

Antes de tudo, vão me perguntar, onde podemos encontrar vestígios dessa pretensa ciência antiga? Que conhecimentos ela abarca? Que descobertas práticas ela produziu? Como entender essa famosa síntese de que falamos?

Tudo bem considerado, não são os dados históricos que nos faltam para reconstituir essa antiga ciência. Os fragmentos de grandes monumentos, os hieróglifos, os ritos de iniciação de procedência diversa, os manuscritos, tudo se comprime, afoitamente, para ajudar nossas buscas.

Uns, porém, são indecifráveis, sem uma decodificação eficiente. Outros, por sua antiguidade, não são acreditados pelos sábios contemporâneos, que os atribuem apenas à escola de Alexandria.

É necessário, pois, recorrer a bases mais sólidas e nós vamos encontrá-las nas obras de autores anteriores à escola de Alexandria, a Pitágoras, a Platão, a Aristóteles, a Plínio, a Tito Lívio etc. Desse modo, não haverá mais como argumentar sobre a antiguidade dos textos.

Não será fácil, certamente, investigar peça por peça os documentos antigos dos velhos autores. Isso foi feito, em grande parte, por outros pesquisadores, aos quais devemos esse trabalho gigantesco. Entre os mais notáveis, devemos citar Dutens, Fabre d'Olivet, Saint-Yves d'Alveydre.

Abrindo a obra de Dutens constatamos os efeitos produzidos pela ciência antiga. Lendo Fabre d'Olivet e Saint-Yves d'Alveydre, penetramos nos templos onde refulge uma civilização capaz de ofuscar as pretendidas civilizações modernas.

Não posso aqui senão resumir esses autores, os quais devem ser consultados para a devida constatação das afirmações que vou fazer, a fim de fornecer as provas necessárias do que afirmei acima.

Em astronomia, os antigos conheciam o movimento da Terra em torno do Sol, a teoria da pluralidade dos mundos,

a atração universal, as marés produzidas pela atração lunar, a constituição da Via Láctea e sobretudo a lei redescoberta por Newton. A propósito, não posso resistir ao prazer de citar duas passagens muito significativas da obra de Dutens. Uma delas, sobre a atração universal, refere-se a Plutarco; a outra, sobre o teorema de Pitágoras:

“Plutarco, que conheceu quase todas as verdades brilhantes da astronomia, entreviu também a força recíproca que faz gravitar os planetas uns em torno dos outros ‘e, após emprender as razões da tendência dos corpos para o centro da Terra, ele procura sua origem numa atração recíproca entre todos os corpos, tal como o Sol e a Lua trazem para si suas partes e por força da atração as retêm em sua esfera particular’. Ele aplica esses fenômenos a outros, mais gerais e, sobre o que se passa na Terra, ele deduz tudo o que deve ocorrer nos demais corpos celestes. Ele fala ainda de uma força inerente aos corpos que faz atrair para a Terra todos os corpos a ela subordinados.

Uma corda de um instrumento, diz Pitágoras, produz os mesmos sons que uma outra corda cujo comprimento é duplo, quando a força que a distende é quádrupla; e a gravidade de um planeta é quádrupla, em relação à gravidade de um outro que esteja no dobro da distância. Para que uma corda musical se torne uníssona de uma corda mais curta do mesmo tipo, sua tensão deve ser aumentada na mesma proporção em que o quadrado do seu comprimento se torna maior; a fim de que a gravidade de um planeta seja igual à de um outro planeta mais próximo do Sol, ela deve ser aumentada à proporção que o quadrado de sua distância ao Sol seja maior. Se imaginarmos cordas musicais ligando o Sol a cada planeta, para que elas vibrem no mesmo som seria necessário aumentar ou diminuir sua tensão na mesma proporção que seria necessária para tornar iguais as gravidades dos outros planetas”. Pitágoras tirou sua doutrina sobre a harmonia das esferas dessas noções de semelhança.

Essas descobertas de princípios gerais podem ser obtidas pela força da inteligência; mas podemos encontrar nas antigas descobertas experimentais, dessas que cobriram de gló-

rias o século 19, esses indícios de progresso que nos arrebatam?

Uma vez dentro da astronomia, consultemos Aristóteles, Arquimedes, Ovídio e sobretudo Estrabão, citado por Dutens, e veremos aparecer o telescópio, os espelhos côncavos, as lentes para microscópios, a refração da luz, a descoberta do isocronismo, a vibração do pêndulo etc.

Ficaremos espantados ao ver esses instrumentos, que acreditamos tão modernos, perfeitamente conhecidos pelos antigos. Mas ainda não falei das questões mais importantes: o vapor, a eletricidade, a fotografia e toda nossa química, onde estão elas na ciência antiga?

Agatias viveu no sexto século da nossa era. Ele escreveu um livro que foi reimpresso em 1660. Nas páginas 150 e 151 de seu livro encontramos a descrição completa da maneira pela qual Anteno de Tralle se serviu do vapor como força motora para deslocar um telhado inteiro. Tudo aí está: a maneira de colocar a água, de tapar as saídas para produzir vapor e alta pressão, de governar o fogo etc.

Saint-Yves d'Alveydre cita também o fato em sua obra, onde nos mostra que a ciência era coisa familiar há muito tempo.

“Nossos eletricistas não fariam grande figura ao lado desses magos egípcios e seus iniciados (gregos e romanos), que lidavam com o raio fazendo descer e cair de acordo com sua vontade”. É Saint-Yves quem nos revela esse segredo, uma das práticas mais ocultas no santuário.

“Na *História Eclesiástica de Sozomene* (livro IX, cap. VI) vemos a corporação sacerdotal dos etruscos, defendendo a golpes vigorosos, contra Alarico, a cidade de Narnia que não foi tomada” (Saint-Yves d'Alveydre).

Tito Lívio (livro I, cap. XXXI) e Plínio (*Hist. Nat.*, livro II, capítulo LIII e livro XXVIII, cap. IV), descrevem a morte de Tullus Holtilius, tentando evocar a força elétrica segundo os ritos de um manuscrito de Numa e morrendo fulminado por não saber prever todas as conseqüências.

Sabe-se que a maioria dos mistérios dos magos egípcios seriam apenas tênues véus com que recobriam as ciências e que ser iniciado nos seus mistérios significaria estar instruído nas ciências por eles cultivadas. Dava-se a Júpiter o nome de Elícius, ou Júpiter Elétrico, considerando-o como o raio personificado, que se lançava sobre a terra com a ajuda de certas fórmulas e práticas misteriosas: Júpiter Elícius não significa senão que Júpiter era suscetível de atração, Elícius vindo de *elicere*, segundo Ovídio e Varrão.

Eliciunt coelo te, Jupiter; unde minores

Nunc quoque te celebrant, Eliciumque vocant.

(Ovídio, *Fast.* livr. III, v. 327 e 328).

Está bem claro?

O capítulo IV de *A Missão dos Judeus* nos diz ainda:

“O manuscrito de um monge de Atos, Panselenus, revela, segundo os antigos autores iônicos, a aplicação da química na fotografia. O fato foi revelado a propósito do processo de Niepce e de Daguerre. A câmara escura, os aparelhos de ótica, a sensibilização de placas metálicas são descritas com detalhe”.

Quanto à química dos antigos, tenho sólidas razões para crer, baseado em alguns conhecimentos alquímicos, que seriam muito superiores, teórica e praticamente, à nossa química moderna. Mas como os fatos falam mais que as opiniões, ouçamos ainda Dutens (cap. III do tomo II).

“Os antigos egípcios conheciam a maneira de trabalhar os metais, a douração, a pintura em cores da seda, a vidraria, o modo de desenvolver o embrião num ovo, extrair óleos medicinais das plantas e preparar o ópio, a cerveja, o açúcar de cana — que eles chamavam mel de caniço — e muitos unguentos; eles ainda sabiam destilar e conheciam os alcalinos e os ácidos.

Em Plutarco (*Vida de Alexandre*, cap. XXIX), em Heródoto, em Sêneca (*Questões Naturais*, livro III, cap. XXV), em

Quinte-Curce (livro X, último capítulo), em Plínio (*História Natural*, livro XXX, cap. XVI), em Pausânias (*Arcad.*, cap. XXV), encontramos nossos ácidos, nossas bases, nossos sais, o álcool, o éter, em uma palavra os elementos principais de uma química orgânica e inorgânica cujas chaves seus autores não conheciam ou não queriam revelar.”

Tal é a opinião de Saint-Yves, que vem reforçar a de Dutens.

Mas resta ainda uma questão: a dos canhões e da pólvora.

“Porfírio, no seu livro *A Administração do Império*, descreve a artilharia de Constantino Porfirogeneta.

Valeriano, na *Vida de Alexandre*, fala-nos dos canhões de bronze dos indianos.

Em Ctésias encontramos o famoso fogo grego, mistura de salitre, enxofre e de um hidrocarbureto empregado bem antes de Nino na Caldéia, no Irã, na Índia, sob o nome de fogo de Bharawa. Esse nome que faz alusão ao sacerdócio da raça vermelha, primeiro legislador dos negros da Índia, indica por si próprio uma grande antiguidade.

Heródoto, Justino, Pausânias falam das minas que sepultaram sob uma chuva de pedras e de projéteis inflamados, os persas e os gauleses que invadiram Delfos.

Sérvio, Valério, Júlio, o Africano, Marco Greco descrevem a pólvora segundo as tradições antigas; o último parece estar descrevendo a pólvora contemporânea” (Saint-Yves d’Alvey-dre).

Num outro ramo de conhecimentos, encontramos as pretendidas descobertas medicinais modernas, entre outras a circulação do sangue, a antropologia e a biologia gerais, perfeitamente conhecidas na antiguidade, sobretudo por Hipócrates.

A rigor pode-se admitir que a cada nova descoberta haverá sempre alguém para nos mostrar que um autor antigo já havia falado a respeito; mas haveria alguma experiência por nós desconhecida que já tenha sido realizada no domínio da física e da química, impossível em nossa época?

Para não me tornar cansativo, citarei a respeito apenas Demócrito e suas descobertas, de que perdemos o registro. Entre outras, a produção artificial de pedras preciosas, a descoberta egípcia que permitia a produção de vidro maleável, a conservação perfeita das múmias, a pintura que não se alterava com o tempo, mergulhando uma tela com diversas tintas numa solução, da qual saía com cores variadas, sem mencionar os materiais desconhecidos empregados pelos romanos em sua arquitetura.

Por que tudo isso é tão pouco conhecido?

Talvez pelo hábito que têm os autores clássicos de história de se copiarem mutuamente sem se preocupar com fontes estrangeiras; talvez pelo costume de só se acreditar em alguns jornais ou em certas enciclopédias, feitas sabe Deus como; talvez, mas por que perder tempo em buscar causas que não levam a qualquer conclusão? O fato está aí e ele nos basta: a ciência antiga deu múltiplas provas de sua existência e é preciso dar testemunho dela, ou negá-la totalmente.

Tentaremos aprender agora como se adquiria essa ciência e nisso a obra *A Missão dos Judeus* vai nos ser útil (pág. 79):

“A educação e a instrução elementar eram ministradas pela família. Elas obedeciam aos ritos do velho culto dos ancestrais e dos sexos, no próprio lar, bem como outras ciências que não cabem referir aqui.

A educação e a instrução profissionais eram dadas por aqueles que os antigos italianos chamavam *gens* e os chineses *jin*, isto é, pela tribo, no sentido arcaico e pouco conhecido da expressão.

Estudos mais completos, análogos à nossa instrução secundária, eram as obras do templo e a parte do adulto, e se chamavam mistérios menores.

Aqueles que ao fim de muitos anos haviam assimilado esses ensinamentos, recebiam o título de filhos da mulher, de heróis, de filhos do homem, e possuíam certos poderes sociais, tais como a terapêutica, a mediação junto aos governantes, a magistratura arbitral etc.

Os mistérios maiores completavam esses ensinamentos numa hierarquia de ciências e artes, dando aos iniciados os títulos de filhos dos deuses e filhos de Deus".

É pois no templo que se concentrava essa ciência que agora passaremos a examinar mais de perto. Chegamos então a esses mistérios que de todos nos falam e que são tão pouco conhecidos.

Mas para ser admitido em sua iniciação era preciso pertencer a uma classe especial, devendo uma parte da nação ser mantida e explorada em total ignorância pelos iniciados recrutados numa casta fechada.

Todo homem podia se apresentar à iniciação. Reportemo-nos à obra de Saint-Yves para conhecer detalhes. Cito um autor bem informado a respeito dessas questões, Fabre d'Olivet, que nos vai elucidar esse ponto em particular:

“As religiões antigas, sobretudo as dos egípcios, estavam repletas de mistérios. Uma multidão de imagens e símbolos compunha a série de homens — admirável série — encarregados de ler no livro da natureza e no da divindade, homens divinos que traduziam em linguagem humana a linguagem inefável. Aqueles cujo olhar atônito se fixando nessas imagens, símbolos e alegorias sagradas, nada mais viam além das aparências, corrompiam-se, é verdade, na ignorância; mas sua ignorância era voluntária. Se quisessem sair disso, bastariam falar. Todos os santuários eram-lhes franqueados; se eles tivessem a constância e a virtude necessárias, nada impediria sua caminhada, de revelação em revelação, até as descobertas sublimes. Podiam até, vivos e humanos, seguindo somente sua vontade, descer até os mortos, se elevarem até os deuses e tudo penetrar na natureza elementar. Porque a religião abrangia todas essas coisas e dela nada restava desconhecido do soberano pontífice. O de Tebas, no Egito, por exemplo, só atingia esse ponto culminante da doutrina depois de ter percorrido todos os graus inferiores, de ter esgotado a dose de ciência pertinente a cada grau e de se ter mostrado digno de chegar ao ponto mais elevado.

.....

Não se prodigalizavam os mistérios porque eles representassem alguma coisa importante; não se profanava o conhecimento da divindade porque esse conhecimento existisse; para conservar a verdade para muitos, não se a concedia a todos”.

Qual era a antiguidade desses mistérios?

Qual sua origem?

Nós os encontramos como base de todas as civilizações antigas, quaisquer que sejam as raças a que pertençam. No caso do Egito, cuja iniciação inspirou os maiores hebreus, gregos e romanos, podemos remontá-los a mais de dez mil anos, o que mostra o quanto são falsas as cronologias clássicas.

Eis as provas disso:

“Trata-se do Egito?

Platão, iniciado nesses mistérios, nos diz que dez mil anos antes de Menés existiu uma civilização completa, da qual ele tinha provas reais.

Heródoto insiste em afirmar a mesma coisa, acrescentando ainda quando se trata de Osíris (deus da antiga síntese e da antiga aliança universal), que seus lábios não nos podem revelar mais porque estão selados por juramentos.

Diodoro inutilmente nos assegurou que sacerdotes egípcios tinham as provas de que, muito antes de Menés, havia ali uma civilização completa, que durou até Hórus, 18 mil anos.

Maneton, sacerdote egípcio, fez-nos uma cronologia meticulosa, transportando-nos a 6 883 anos antes.

Ainda inutilmente ele nos disse que antes daquele vice-rei indiano conhecido, imensos ciclos de civilização se sucederam na terra e no próprio Egito.

Todos esses augustos testemunhos, aos quais acrescentamos os de Berosse e todas as bibliotecas da Índia, do Tibete e da China, são considerados nulos pelo deplorável espírito sectário e obscurantista que se esconde sob a máscara da teologia” (Saint-Yves d’Alveydre).

Chegando a este ponto de nossas buscas, lancemos um olhar sobre os pontos abordados e vejamos as conclusões a que pudemos chegar.

Primeiro determinamos a existência, na antiguidade, de uma ciência tão poderosa, nos seus efeitos, quanto a nossa, de hoje. Provamos também que nossa ignorância a respeito desses fatos provém da indiferença com que são tratados os estudos da antiguidade.

Vimos em seguida que esta ciência esteve sempre reclusa nos templos, centros de alta instrução e civilização.

Descobrimos, enfim, que ninguém vive à margem dessa iniciação, cujas origens se perdem na noite dos tempos mais remotos.

Três tipos de provas eram propostos ao início de cada instrução: provas físicas, provas morais e provas intelectuais. Jâmbico, Porfírio e Apuleio, entre os antigos, Lenoir, Christian e Delaage, entre os modernos, dão-nos conta dessas provas, a respeito das quais creio ser inútil insistir. O que resulta de tudo isso é a conclusão de que antes da ciência prevalecia a ciência oculta.

Um estudo mesmo superficial dos escritos científicos deixados pelos antigos permite constatar que se seus conhecimentos visassem aos mesmos efeitos que os nossos conhecimentos, ainda assim seus métodos difeririam muito dos nossos, bem como sua teoria.

Para saber o que se aprendia nos templos é preciso procurar o resto desses ensinamentos nos dados de que dispomos, os quais em grande parte foram conservados pelos alquimistas. Se chegarmos a descobrir um método para desvendar a linguagem simbólica dos alquimistas e, ao mesmo tempo, as histórias simbólicas do Velocino de Ouro, da Guerra de Tróia, da Esfinge, poderíamos sem medo afirmar que já dispunhamos de uma boa parte da ciência antiga.

Veremos primeiro como os modernos tratam um fenómeno natural para melhor conhecê-lo, em oposição ao método antigo.

Que diríamos de um homem que descrevesse assim um livro:

“O livro que me foi dado para estudar está colocado sobre a lareira, a 2 metros e 49 centímetros da mesa onde estou. Ele pesa 545 gramas e 8 decigramas. Ele é composto de 342 pequenas folhas de papel sobre as quais existem 218 180 caracteres de impressão, tendo sido usados nele 190 gramas de tinta preta”.

Eis a descrição experimental do fenômeno.

Se o exemplo é chocante, basta abrir os livros modernos de ciência para constatar o mesmo fato. Eles não fazem com a astronomia, por exemplo, outra coisa, atribuindo ao Sol e a Saturno peso, volume, densidade, aspecto, número de raios etc.

O que nos interessa no exemplo do livro não é seu aspecto material, físico, mas o que o autor quis exprimir com a ajuda das palavras, aquilo que está oculto sob sua forma, seu lado metafísico, afinal.

Esse exemplo basta para mostrar a diferença entre os métodos antigos e os métodos contemporâneos. Os primeiros, estudando um fenômeno, ocupam-se sempre do aspecto geral da questão, os últimos mantêm-se *a priori* isolados do fato.

Para mostrar que esse é o espírito do método antigo, quero reproduzir uma passagem bastante significativa de Fabre d'Olivet, sobre duas maneiras de escrever a história.

“Pois é necessário lembrar que a história alegórica desses tempos recuados, escrita num espírito diverso da história positiva que a sucedeu, não se lhe assemelha de maneira alguma e é por tê-las confundido que tantos e graves erros foram cometidos. É uma observação muito importante a que aqui fazemos novamente. Esta história ligada apenas à memória dos homens ou conservada entre os arquivos sacerdotais dos templos em pedaços destacados de poesia, apenas considerava as coisas do ponto de vista moral, não se ocupando jamais dos indivíduos. Ela designava os povos, as corporações, as seitas, as doutrinas, as artes e as ciências por um nome genérico.

As massas podiam ter um chefe que desse direção aos seus movimentos, mas esse chefe, visto como mero instrumento do espírito, seria deixado de lado pela história. A sucessão de chefes não era mencionada na história alegórica. Apenas os fatos morais eram examinados e descritos, do seu surgimento até o fim. A sucessão dos fatos substituía a sucessão dos indivíduos.

A história positiva, a dos nossos dias, segue um método inteiramente diferente: os indivíduos são tudo para ela. Os modernos ridicularizariam o método alegórico dos antigos, assim como os antigos não compreenderiam os métodos modernos, se eles pudessem prever o futuro. Mas como aprovar o que se desconhece? Aprovamos aquilo que apreciamos e pensamos sempre conhecer tudo o que devemos amar."

Retomamos agora esse livro que serviu para estabelecer nossa comparação, observando bem que há duas maneiras de considerá-lo:

Vendo o que há nele de material, o papel, a tinta, os caracteres. Ou a outra coisa, as idéias do autor, apresentadas com a ajuda desses sinais materiais.

O que vemos revela aquilo que não vemos.

O visível é a manifestação do invisível. Esse princípio, verdadeiro no caso desse fenômeno particular, é real também para todos os demais fenômenos da natureza, como veremos em seguida.

Observaremos ainda mais claramente a diferença fundamental entre a ciência dos antigos e a ciência dos modernos.

A primeira se ocupa do visível unicamente para descobrir o invisível que ele representa.

A segunda dedica-se do fenômeno em si mesmo, sem se envolver com seu aspecto metafísico.

A ciência dos antigos é a ciência do oculto, do esotérico.

A ciência dos modernos é a ciência do visível, do exotérico.

Aproximemos desses dados a obscuridade na qual os antigos mantinham voluntariamente seus símbolos científicos e poderemos então estabelecer uma definição aceitável da ciência da antiguidade:

A ciência oculta — *scientia occulta*

A ciência do oculto — *scientia occultati*

A ciência que oculta o que descobriu — *scientia occultans*.

Essa é a tripla definição da *Ciência Oculta*.

CAPÍTULO II

O método da ciência antiga — A analogia — Os três mundos — O ternário — As operações teosóficas — As leis cíclicas

Após haver determinado a existência, na antiguidade, de uma ciência real, seu modo de transmissão, seus temas gerais, tentemos levar avante nossa análise, determinando os métodos empregados na ciência antiga (*scientia occulta*).

O fim em vista será a determinação do invisível pelo visível, da idéia pela forma. A primeira questão a resolver é saber se existe a relação entre o visível e o invisível e se essa idéia não é expressão de um conceito puramente místico.

Creio ter esclarecido, com o exemplo do livro, páginas atrás, de que trata o estudo do visível, do fenômeno, comparado ao estudo do invisível.

Como saber o que um autor quer dizer ao ver os signos empregados por ele para exprimir suas idéias? Porque sabemos que existe uma relação constante entre o signo e a idéia que ele representa, isto é, entre o visível e o invisível.

Assim como ao ver o signo deduzimos imediatamente a idéia, do mesmo modo, vendo, podemos deduzir o invisível pelo percebimento do visível. Para descobrir a idéia oculta no tipo impresso, precisamos aprender a ler, isto é, a empregar um método especial. Para descobrir o invisível, o oculto

num fenômeno, é preciso também aprender a ler por um método especial.

O método principal da ciência oculta é a analogia. Pela analogia determinamos as relações existentes entre os fenômenos. Quando se processa o estudo do homem, três métodos principais conduzirão ao fim:

Pode-se estudar o homem pelos seus órgãos, pelas suas funções: é o estudo do visível, estudo por indução.

Pode-se estudar o homem pela sua vida, por sua inteligência, pelo que se convencionou chamar de sua alma: é o estudo do invisível, estudo por dedução.

Pode-se, enfim, reunindo os dois métodos precedentes, estabelecer as relações existentes entre os órgãos e a função, ou entre duas funções, ou entre dois órgãos: é o estudo por analogia.

Assim, se considerarmos o pulmão, a ciência que detalha nos informará que esse órgão recebe ar do exterior, o qual sofre certa transformação. Se considerarmos o estômago, a mesma ciência nos ensinará que esse órgão transforma os alimentos recebidos. A ciência do fenômeno não passa daí, ela não vai além da constatação do fato.

A analogia, apoderando-se desses dados e tratando-os pelo método oposto ao do detalhe, formula do seguinte modo os fenômenos:

O pulmão recebe de fora algo que ele transforma.

O estômago recebe de fora algo que ele transforma.

Logo, se o pulmão e o estômago exercem funções análogas, eles são análogos entre si.

Essas conclusões parecerão estranhas, aos homens da ciência oficial. Mas eles precisam lembrar-se desse novo ramo da anatomia que se chama anatomia filosófica. E se se lembrarem da analogia evidente estabelecida entre mãos e pés, pernas e braços, verão que as conclusões acima já existiam na anatomia filosófica.

Se escolho para exemplo a analogia entre estômago e pulmão é para alertar contra um erro que se comete frequentemente e que impede para sempre o entendimento dos textos herméticos — o de crer que duas coisas análogas são *semelhantes*.

Isso é totalmente falso: duas coisas análogas não são mais semelhantes do que o estômago e o pulmão, do que a mão e o pé. Repito que esse detalhe é fundamental para a compreensão das ciências ocultas.

O método analógico não é pois a indução ou a dedução: é o uso da claridade que resulta da união desses dois métodos.

Se queremos conhecer um monumento, dois meios nos são possíveis:

1 — Dar a volta ao monumento, estudando seus mínimos detalhes, conhecendo a composição de todas as suas partes, as relações entre elas etc. Não haverá, no caso, uma idéia geral do conjunto do monumento. Assim acontece com a indução.

2 — Subir a uma grande altura e olhá-lo atentamente, fazendo uma idéia geral do conjunto, embora sem a menor preocupação com os detalhes. Assim acontece com a dedução.

Ambos os métodos têm suas falhas. Um tem o que falta ao outro. Se reunirmos os dois, a verdade surgirá: estudamos os detalhes, depois observaremos o conjunto, e o monumento será totalmente conhecido. Unindo os métodos do físico e do metafísico terá nascido o método analógico, verdadeira expressão da síntese antiga.

Usar a metafísica, como o teólogo, e usá-la com exclusividade, é tão falso quanto usar exclusivamente a física. Somando a percepção e o fenômeno, a verdade aparecerá.

“Que concluir disso?”

O livro de Kant demonstra a inutilidade dos métodos filosóficos no que diz respeito aos fenômenos da alta física e a necessidade de *fazer caminhar lado a lado a abstração e*

a observação dos fenômenos, condenando tudo o que se baseava no racionalismo puro” (Louis Lucas).

Após determinar a existência desse método especial, surge naturalmente nova pergunta. Nossa finalidade é a explicação, rudimentar que seja, de todos os símbolos e de todas as histórias alegóricas reputadas tão misteriosas.

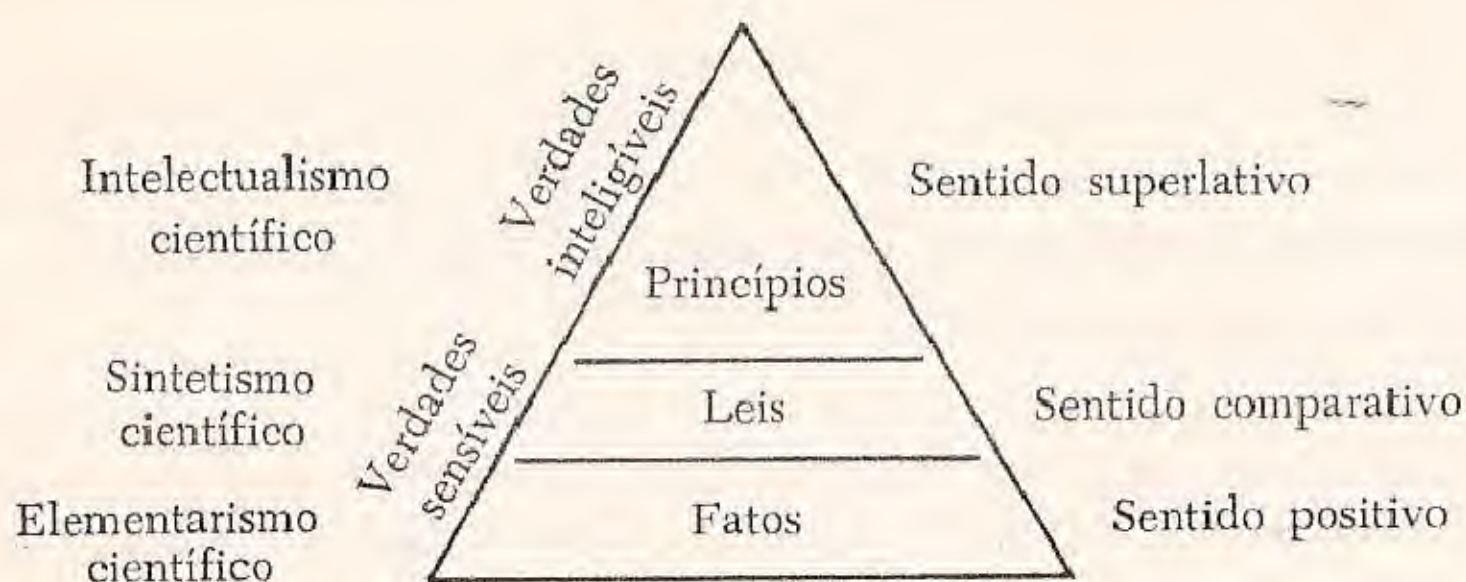
Existirão diferentes graus entre os fenômenos e aquilo que é apreendido pelos sentidos? Podemos observar que um grande número de fatos é governado por um pequeno número de leis. É no estudo dessas leis, chamadas *causas segundas*, que se baseiam os trabalhos científicos.

Mas essas causas segundas são, elas mesmas, governadas por um número muito restrito de *causas primeiras*. O estudo destas é usualmente desdenhado pela ciência contemporânea. Relegadas ao domínio das *verdades perceptíveis*, elas são deixadas nas mãos dos sonhadores de todas as escolas e de todas as religiões. Mas é lá que reside a ciência.

Não vamos discutir aqui quem tem razão. Basta constatar a existência dessa tripla gradação:

- 1 – Domínio infinitivo dos *fatos*.
- 2 – Domínio mais restrito das *leis* ou das causas segundas.
- 3 – Domínio mais restrito dos *princípios* ou das causas primeiras.

Resumindo tudo isso numa figura (*Missão dos Judeus*, pág. 32):



Essa gradação baseada no número três desempenha um papel importante na ciência antiga. É nela que se apóia a analogia, razão pela qual é necessário prestar atenção aos seus desenvolvimentos. Essas três divisões se encontram no homem, no corpo, na vida, na vontade.

Uma parte qualquer do corpo, um dedo por exemplo, pode ser subtraído à influência da vontade sem que cesse, por isso, de viver (paralisia parcial). Ou pode, como no caso da gangrena, ser subtraído à influência da vida sem que cesse de se mover.

Assim, temos três domínios distintos: o domínio do corpo; o domínio da vida, exercendo sua ação por meio de uma série de condutores especiais (o grande simpático, os nervos vasomotores); o domínio da vontade, por meio de condutores especiais (nervos voluntários) e não tendo influência sobre os órgãos essenciais da vida.

Se uma coisa é análoga à outra, todas as partes de que essa coisa é composta são análogas às partes correspondentes da outra.

Desse modo, os antigos estabeleceram que o homem era análogo ao universo. Por isso eles chamavam o homem de microcosmo (pequeno mundo) e o universo de macrocosmo (grande mundo). Daí se conclui que para bem se conhecer a vida no universo é bastante estudar a vida no homem e, reciprocamente, para conhecer os detalhes do nascimento e da morte de um homem basta estudar os mesmos fenômenos no mundo.

À medida que avançamos, nada deve ficar sem ser provado. Assim, faremos agora duas citações interessantes, uma sobre as três hierarquias (atos-leis-princípios), designadas pelos antigos como os três mundos, outro sobre o microcosmo e macrocosmo. Os trechos são tirados da doutrina de Pitágoras, exposta por Fabre d'Olivet:

“Essa aplicação (do número 12) ao universo não foi uma invenção arbitrária de Pitágoras, mas era conhecida dos caldeus, dos egípcios, dos quais ele a recolheu. Essa aplicação de origem ao zodíaco e existiu desde tempos imemoriais.

A distinção dos três mundos e seu desenvolvimento em um número mais ou menos grande de esferas concêntricas, habitadas por inteligências de diferente pureza, foram igualmente conhecidos antes de Pitágoras, que nada mais fez senão reproduzir o que se ensinava em Tiro, Mênfis e Babilônia. Essa foi a doutrina dos indianos.

Para Pitágoras o homem e o universo podiam ser enquadrados na mesma divisão; por isso ele deu ao homem o nome de microcosmo, ou “pequeno mundo”. Nada mais comum na antiguidade que a comparação entre o homem e o universo.

O universo, considerado como um grande todo animado, composto de inteligência, de alma e de corpo, foi chamado Pan ou Fanés. O homem, microcosmo, era composto do mesmo modo mas de maneira inversa, de corpo, alma e inteligência; e cada uma dessas partes era vista sob três modificações, de maneira que o ternário, reinando no todo, reinava também sobre a menor de suas subdivisões. Segundo Pitágoras, cada ternário era compreendido na sua unidade absoluta ou relativa, formando assim o quaternário, ou a tétrade sagrada dos pitagóricos. Esse quaternário podia ser universal ou particular.

Pitágoras não foi o autor dessa doutrina: ela era conhecida na China e em toda a Escandinávia. Um oráculo de Zoroastro expressou-a de modo elegante:

O ternário brilha em cada canto do universo

E a mônada é seu princípio

Assim, de acordo com essa doutrina, o homem, considerado como uma unidade relativa contida na unidade absoluta do grande todo, aparecia, como o ternário universal, sob as três modificações principais do corpo, da alma e do espírito ou inteligência. A alma, como sede das paixões, apresentava-se sob três faculdades: razoável, irascível ou cobiçosa. Segundo Pitágoras, o vício da cobiça caracterizava-se pela avareza ou pela intemperança, o da irascibilidade era a vilania ou a negligência e o da racionalização era a loucura. Todas

estas faculdades eram tocadas pela injustiça. Para evitar esses vícios, o filósofo recomendava quatro principais virtudes a seus discípulos: a temperança para a cobiça, a coragem para a irascibilidade, a prudência para racionalização e para as três faculdades juntas a justiça, a mais perfeita das virtudes, segundo ele, mas virtude da alma — uma vez que o corpo e a inteligência também são sujeitos a vícios e virtudes próprios.”

Novas dificuldades surgem à nossa frente. Agora são os números que exigem esclarecimentos.

De onde vem o uso do número três, tão difundido desde a mais remota antiguidade?

Os livros arcanos, a antiga metafísica e até um escritor moderno, como Balzac, estão impregnados desse uso, tendo conhecido uma linguagem quase esquecida hoje, a dos números.

“Platão, que via na música alguma coisa mais que os músicos de hoje, via também nos números um sentido que nossos matemáticos parecem ignorar completamente. Ele aprendeu de Pitágoras, que por sua vez aprendeu dos egípcios, esse outro sentido misterioso dos números. Em todo o Oriente, então, as mesmas idéias reinavam sobre esse assunto” (Fabre d’Olivet, in *Lang. Herb. Rest.*)

Seria difícil reconstituir aqui essa linguagem dos números em sua totalidade, mas podemos ter uma noção geral disso. Vejamos então um fenômeno qualquer da natureza onde possamos encontrar o número três e conhecer sua significação. Vejamos se a fórmula geral dos alquimistas (“tudo está concebido em tudo”) é verdadeira em suas aplicações. Tomemos a luz do dia como exemplo.

O dia se opõe à noite para constituir os períodos de atividade e repouso da natureza. Logo, há oposição entre luz e sombra. Mas essa oposição é real? Entre luz e sombra, descobrimos, existe a penumbra, a qual participa de uma e outra. A luz depende de maior ou menor quantidade de sombra e vice-versa. A sombra é uma modificação da luz. Esses são fatos e podem ser constatados.

Resumindo: luz e sombra não são completamente separados; a sombra é a luz reduzida. Mas é preciso agora partir dos *fatos* para descobrir as *leis* que os determinam. Duas coisas opostas na aparência têm sempre um ponto comum intermediário entre elas. Esse intermediário resulta da ação recíproca dos opostos e participa de ambos. As duas coisas opostas na aparência não são senão graus diferentes de uma mesma coisa.

Se as *leis* são realmente gerais, elas devem se aplicar a uma grande variedade de fenômenos. O que caracteriza uma *lei* é exatamente o fato de ela explicar uma grande soma de fenômenos. Tomemos outro exemplo, o da existência de dois sexos na natureza, e pensemos a seu respeito o que foi constatado em relação à luz e à sombra. E tudo mais, como calor-frio, sólido-gasoso, positivo-negativo.

LEI

Os opostos têm entre si um intermediário
resultante exatamente deles.



Acrescentei aqui um fenômeno de ordem intelectual, a concepção cristã de Deus, para mostrar a aplicação dessa lei em áreas mais amplas.

Outra lei

Os opostos são apenas a concepção, em graus diferentes,
de uma mesma coisa.

Macho	} Concepção de diversos graus da família	Sólido	} Matéria	Pai	} Deus
Fêmea		Gás		Filho	
Criança		Líquido		E. Santo	

Retomando o exemplo da luz e da sombra, veremos que a primeira age, a sombra se opõe e a penumbra, neutra, flutua entre ambas. Resumindo a *lei*:

Ativo (luz)

Passivo (sombra)

produzem por sua ação recíproca o
neutro, que participa de ambos.

Para resumir os três *fatos* anunciados acima, podemos dizer:

O Ativo	O Passivo	O Neutro
Macho	Fêmea	Criança
Estado gasoso	Estado sólido	Estado líquido
O Pai	O Filho	O Espírito
Luz	Sombra	Penumbra
Calor	Frio	Mornez
Positivo	Negativo	Neutro
Atração	Repulsão	Equilíbrio
Ácido	Base	Sal

Essa *lei* forma, sob o nome de Lei da Série, a base dos trabalhos de Louis Lucas, o qual a aplica a todos os fenômenos químicos, físicos e mesmo biológicos da ciência moderna. De onde se esboça o conceito geral:

Lei do ternário

Do que se viu acima pode-se concluir os três termos constituintes dessa lei:

1 — Um termo ativo.

2 — Um termo passivo.

3 — Um termo neutro resultante da ação dos dois primeiros sobre um outro.

Vejamos isso em números. Os números básicos são 1 e 2, uma vez que $1 + 2 = 3$. O número 1 representa o princípio ativo, o número 2 representa o princípio passivo e o número 3 representa a reação do ativo sobre o passivo. A palavra *ativo* pode ser substituída por outros significantes, como: homem, pai, luz, calor, considerando-se a existência dos três mundos: o material, o moral ou natural e o metafísico ou arquetípico. O mesmo se aplica à palavra *passivo* e à palavra *neutro*.

Nada disso que foi discutido acima é produto da imaginação ou de divagações mais ou menos abstratas. São realidades que nos vêm de tempos muito antigos, produto de estudos e de muita experiência. O *Séfer Ietsira*, um antigo livro hebraico estudado por M. Frank, desenvolve essas idéias com muita precisão. Um outro velho trabalho, *Doutrina dos Pitagóricos — Viagem de Anacarse* (editado em francês em 1809), diz:

“Sendo a essência divina inacessível aos sentidos, empregamos para caracterizá-la não a linguagem dos sentidos mas a do espírito. Damos à inteligência, ou princípio ativo do universo, o nome de mônada; à matéria, ao princípio passivo, chamamos díada ou multiplicidade, uma vez que ele é sujeito à toda sorte de modificações; ao mundo chamamos de tríade, porque ele é o resultado da inteligência e da matéria”.

Fabre d'Olivet, em *Les Vers Dorés de Pythagore*, afirma: “Basta dizer que Pitágoras designava Deus por 1, a matéria por 2 e exprimia o universo por 12, reunião dos dois outros”.

Já vimos o sentido que os antigos davam aos números 1, 2 e 3. Vejamos alguns outros números. Qual a unidade que reúne em si os três termos examinados? Tal como pai, mãe e filho fazem uma unidade, a família, assim também é composto o quaternário, resultado de um ternário somado ao conjunto de que ele resulta.

Um antigo livro de hermetismo fala em “reduzir o ternário através do quaternário à simplicidade da unidade”. Se tudo foi devidamente entendido até agora, percebe-se que 4 é a representação da unidade e que deve funcionar como unidade. Assim, na formação de 3 por 1 mais 2, como é formado o 2? Pela unidade que se opõe e ele próprio.

Vemos então na progressão 1, 2, 3, 4, primeiro a unidade 1; depois a oposição 1 e 2; depois a ação dessa oposição sobre a unidade: $1 + 2 = 3$; em seguida, a volta à unidade, porém de ordem diversa: o conjunto 1, 2, 3, resulta na unidade 4. Isso não é difícil como pode parecer ao leitor menos atento. Desenvolvendo:

O primeiro princípio que aparece na família é o pai, unidade ativa (1).

O segundo princípio é a mãe, que representa a unidade passiva (2).

A ação recíproca, a oposição produto do terceiro termo, é a criança (3).

Finalmente, tudo converge para uma unidade ativa de ordem superior, a família (4).

Essa família vai agir como um princípio ativo, um pai, não para dar nascimento a uma criança mas a uma casta, de onde sairá o grupo, unidade de ordem superior. Eis os quatro termos, em outra disposição:

Unidade ou volta à unidade	Oposição Antagonismo	Ação da oposição sobre a unidade
1	2	3
4	—	—
—	5	6
7	8	9
10	11	12
—	—	—
(1)	(2)	(3) etc.

Como vamos descobrir nessa lei uma das chaves básicas para abrir as portas aos mistérios arcanos, tomarei o desenvolvimento social do homem como exemplo do que foi dito, visando a um melhor entendimento da lei.

Unidade ou volta à unidade	Oposição Antagonismo	Ação da oposição sobre a unidade
1 - a primeira molécula social, homem.	2 - oposição a essa molécula — a mulher.	3 - resultado: criança.
4 - unidade de ordem superior — a família, resumindo os três termos precedentes.	5 - oposição entre as famílias, rivalidade entre elas.	6 - distinção entre as famílias, castas.
7 - unidade de ordem superior, a tribo, resumindo os três termos precedentes.	8 - oposição entre as tribos.	9 - distinção entre as tribos, nacionalidades.
10 - a nação.		
1		

Essa lei é a fórmula geral, aplicável a uma multidão de casos particulares. O capítulo seguinte demonstrará isso. Antes vejamos o que dizem os antigos sobre esses números. Duas operações devem ser desde logo conhecidas:

- 1 — A redução teosófica.
- 2 — A soma teosófica.

A primeira consiste em subtrair todos os números formados de dois ou mais algarismos, em números de um só algarismo, somando os algarismos que compõem o número até que não reste senão um, nesse processo de simplificação:

$$\begin{aligned} 10 &= 1 + 0 = 1 \\ 11 &= 1 + 1 = 2 \\ 12 &= 1 + 2 = 3 \end{aligned}$$

e para números maiores, como

$$\begin{aligned} 3221 &= 3 + 2 + 2 + 1 = 8, \text{ ou} \\ 666 &= 6 + 6 + 6 = 18, \text{ ou} \\ 18 &= 1 + 8 = 9. \end{aligned}$$

Daí decorre a conclusão, segundo a qual todos os números não são senão representações dos nove primeiros algarismos. Os nove algarismos não são senão representações dos quatro primeiros. Esses quatro não são senão estados diversos da unidade. Todos os números, enfim, são manifestações diferentes da unidade.

A segunda operação é a soma teosófica.

Ela consiste em conhecer o valor teosófico de um número pela soma aritmética de todos os algarismos que se seguem à unidade até o número que se deseja conhecer. Exemplo: a soma teosófica de 4 é 10. Assim: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$. Outro exemplo: a soma de 7 é 28. Assim: $1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 = 28$. Ora, 28 se reduz dessa maneira a $2 + 8 = 10$. Poderíamos propor a um matemático, desse modo, a seguinte operação, intrigante para ele:

$$4 = 10$$

$$7 = 10$$

portanto, $4 = 7$.

Essas operações são fáceis de aprender e são indispensáveis ao conhecimento dos escritos herméticos. Vamos verificar matematicamente a seqüência precedente, reduzindo o ternário por meio do quaternário, à simplicidade da unidade.

$$\text{ternário} = 3 \qquad \text{quaternário} = 4$$

$$3 + 4 = 7$$

por redução teosófica;

$$7 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 = 28 = 10$$

por soma teosófica e redução do total.

$$\text{Enfim, } 10 = 1 + 0 = 1.$$

A operação será exposta assim:

$$4 + 3 = 7 = 28 = 10 = 1$$

$$4 = 3 = 1$$

Tomemos agora o exemplo com os algarismos dados antes:

1.	2.	3.
4.	5.	6.
7.	8.	9.
10.	11.	12.
---	---	---
(1)	(2)	(3).

O ciclo recomeça após três progressões, dando origem de novo a 1, 2, 3, etc. Essas três progressões representam Os *Três Mundos*, nos quais tudo está contido.

Notamos, em seguida, que a primeira linha vertical 1, 4, 7, 10, representa de fato a unidade em diversas oitavas:

$$1 = 1$$

$$4 = 1 + 2 + 3 + 4 = 10 = 1.$$

$$7 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 = 28 = 10 = 1.$$

$$10 = 1$$

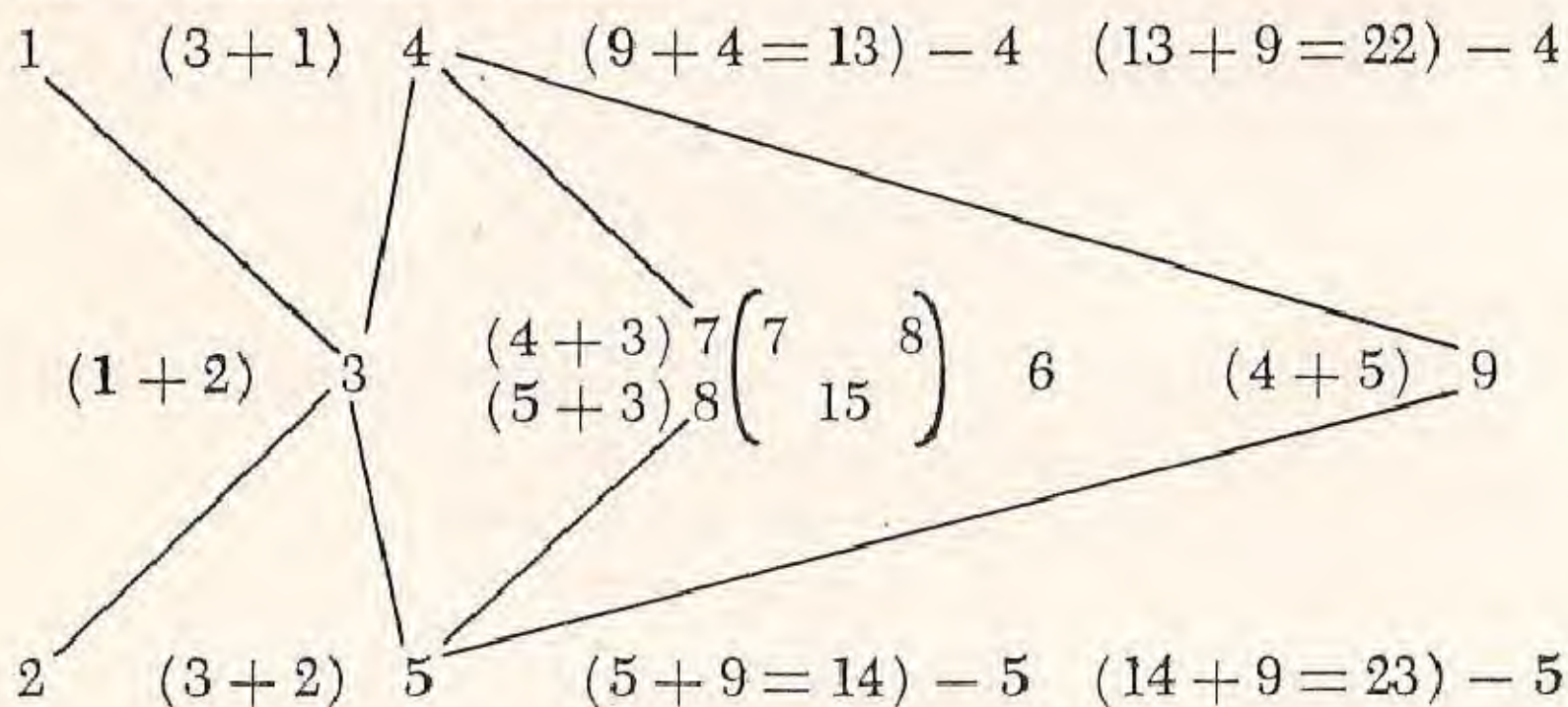
$$13 = 4 = 10 = 1.$$

$$16 = 7 = 28 = 10 = 1.$$

Podemos continuar a progressão até o infinito e verificar essas famosas leis matemáticas que a maioria tende a encarar como místicas.

Aqueles que consideram tudo isso sonhos nebulosos e fantasias ao acaso, aconselho a leitura dos tratados de química de Louis Lucas (*o Traité Methodique de Science Occulte* tem uma relação dessas obras), onde a lei acima é apresentada e desenvolvida com demonstrações suficientes.

Aconselho também, aos que acham que a química e a física não são bastantes, as obras matemáticas de Wronski, onde os princípios expostos são os da antiga ciência oculta. Eis aqui um quadro da *geração de números* que ajuda a explicar o sistema de Wronski:



Vemos aqui a aplicação da lei cujos algarismos, 1, 2, 3, 4 etc., já vimos atrás como atuam. Um e dois geram o três, desses três números saem todos os demais, até 9, à base do mesmo princípio. A partir de 9 todos os números são redu-

zíveis a números de um só algarismo. Os números são dispostos por colunas, três principais e duas secundárias.

Coluna principal 1 — 4 — (13) 4 — (22) 4 — (31) 4

+

coluna secundária 7 (16) = 7 (25) = 7 (34) = 7

Coluna principal 3 ————— 6 ————— 9 ———

∞

Coluna secundária 8 (17) = 8 (26) = 8 (35) = 8

Coluna principal 2 — 5 (14) = 5 — (23) = 5 (32) = 5

Barlet estabeleceu, a partir daí, o seguinte quadro, considerado uma chave definitiva do sistema numeral.



Antes de terminar essa parte da nossa obra, a qual se alongou talvez em demasia, é necessário assinalar algo de grande importância para a compreensão do tetragrama dos hebreus, de que falaremos em seguida.

A progressão 1, 2, 3,

4, 5, 6,

7 etc. é formada de quatro algaris-

mos dispostos em três colunas, uma vez que a quarta cifra não é senão a repetição da primeira. Os hebreus exprimem o nome mais importante de sua divindade por quatro letras, das quais uma é repetida duas vezes, o que reduz o nome divino a três letras, desse modo:

IEVE = IVE (Iavé, Jeová).

Essa observação mostrará sua utilidade a seguir.

Agora, lancemos um olhar para trás, observando os aspectos que a ciência antiga assume perante nosso espírito, quando já sabemos alguma coisa a seu respeito.

Vimos então o método analógico, base daquela ciência e constatamos sua antiguidade. Vimos também que esse método repousa sobre uma hierarquia natural que compreende três grandes divisões, a dos fenômenos, a das causas segundas e a das causas primeiras. Para Saint-Yves d'Alveydre, essa divisão pode ser classificada assim:

Fatos, Leis, Princípios, enfim, Os Três Mundos.

O emprego do número 3 levou-nos ao estudo das concepções especiais que informaram a antiga ciência. Pela formação do ternário descobrimos uma lei cíclica que preside à evolução dos números e, afinal, de toda a natureza.

A análise dessa lei levou-nos, por sua vez, a estudar dois tipos de cálculos que os algebristas ignoram por completo e

que Homero, Moisés, Pitágoras, os sábios da escola de Alexandria e os alquimistas da Idade Média já conheciam: a redução e a soma teosóficas.

De posse desses métodos, podemos ir mais longe. Não hesitamos portanto em penetrar os mistérios antigos para conhecer o grande segredo que os iniciados conservavam coberto por espesso véu.

CAPÍTULO III

*A vida universal — O grande segredo do santuário —
A luz astral (força universal) — Involução e
evolução — O homem segundo Pitágoras*

Em última análise, o corpo humano se reduz à célula, a humanidade se reduz à molécula social que é o homem, o mundo se reduz a um astro e o universo ao mundo.

Mas humanidade, célula, astro, mundo, universo, não pas-
sam de oitavas, da mesma unidade. Não vemos as células se
juntando para formar um órgão, os órgãos se juntando para
formar os aparelhos próprios do corpo, estes se juntando para
compor o indivíduo ?

Célula

Órgão

Aparelho (sistema)

Indivíduo,

essa progressão constitui o homem, do ponto de vista físico.

Mas esse indivíduo não é uma célula, por sua vez, da
humanidade ?

A lei que rege a natureza é tão real e profunda que por
toda parte a encontramos, sejam lá quais forem os objetos do
estudo.

O homem se compõe para formar a família, a família se
agrupa para formar a tribo, as tribos reúnem-se em nações.

O que é a humanidade senão uma célula da animalidade? Essa animalidade representa um grau nos muitos reinos existentes neste planeta.

Os satélites giram em torno dos planetas, os planetas ao redor dos sóis, constituindo os mundos; os mundos, que são afinal células do universo, marcando em traços de fogo, no infinito, as leis eternas da natureza.

Em toda parte transborda essa misteriosa progressão, essa disposição das unidades inferiores diante da unidade superior, essa seriação universal que parte do átomo para chegar ao astro, até aquela *unidade primeira*, em torno da qual gravita tudo.

Tudo é análogo, a lei que rege os mundos rege também a existência dos insetos. Estudar a maneira como as células se agrupam para formar um órgão é estudar a maneira pela qual os reinos da natureza se agrupam para formar a Terra, este órgão do universo; é estudar a maneira como os indivíduos se agrupam para constituir a família, um órgão da humanidade.

Estudar a formação de um aparelho anatômico, composto de órgãos, é como aprender a formação do mundo pelos planetas, de uma nação por milhares de famílias. Aprender, enfim, a constituição de um homem pelos aparelhos e sistemas, é conhecer a constituição do universo pelas galáxias e da humanidade pelas nações.

Tudo é análogo: conhecer o segredo da célula é conhecer o segredo de Deus. O absoluto está em toda parte. Tudo está contido em tudo.

O método analógico brilha aqui em todo seu esplendor. Por que, se o homem é uma célula da humanidade, a humanidade não seria o aparelho superior de um ser animado que se chama Terra? Por que não seria a Terra um órgão de um ser superior chamado sistema planetário, cujo Sol é o cérebro? Por que este mundo não seria parte da série inferior do ser dos seres, do macrocosmo — do qual os universos seriam os sistemas e aparelhos?

Essas são as questões que nos são propostas, desde a antiguidade. Enquanto o postulante não tenha ainda conheci-

mentos suficientes para respondê-las, ele se consolará com as palavras de Pitágoras:

“A fim de que te eleves no éter radioso
E no seio dos imortais tu sejas, tu próprio,
[um Deus mesmo”.

Durante algum tempo o postulante terá de usar a avançada do método, lançando-se com ela no estudo do infinito.

Mas essa vida que circula na célula, essa vida que circula no homem, de onde ela vem?

A célula humana está imobilizada no órgão mas a corrente vital levada pelo sangue passa depressa por ela. E ela retém para si tudo de que precisa para viver e cumprir sua função. A corrente, a mesma em toda parte, alimenta e transforma cada célula.

A saliva, o suco gástrico, a bÍlis são segregados porque as células são alimentadas pela corrente sanguínea.

Adiante, afinal, a célula nervosa transforma em inteligência esse mesmo agente produtor de diferentes fenômenos. Como é possível que uma mesma força, a vida, seja transformada em forças de ordens completamente diversas, adaptadas a órgãos de funções totalmente diferentes?

A esse respeito, o egÍpcio se fechava no laboratório do templo e observava um raio de luz branca que se dividia em cores variadas quando tocava o prisma à sua frente. As cores dependiam da espessura do vidro atravessado. Isso era suficiente, para o egÍpcio. Ele já tinha uma resposta para aquela pergunta.

A vida que circula no homem pode ser comparada à luz branca, cada um dos órgãos sendo um pedaço diferente do prisma. As cores diferentes equivalem aos diferentes órgãos, dos mais grosseiros e simples aos mais sutis e delicados, da estrutura rude do esqueleto à origem impalpável da inteligência.

Essas são as bases da medicina oculta. Mas essa corrente vital, de onde ela vem? Do ar, onde os glóbulos do sangue vão buscá-la para conduzi-la através do organismo.

Uma mesma corrente circula por todo o planeta e cada indivíduo encontra nela seu alimento vital. O homem inspira e transforma a vida terrestre em vida humana, como nele o cérebro transforma a vida humana em vida cerebral, o fígado em vida hepática etc.

O animal transforma a vida terrestre em sua própria vida, de acordo com sua espécie. O vegetal tira de sua mãe comum, a terra, sua própria vida, também, e alimenta suas folhas. O mineral, como todos os seres, transformam em força pessoal a força terrestre.

Sempre a mesma analogia, matematicamente exata, e a luz branca e o prisma, no qual cada ser representa uma cor.

O Sol jorra com abundância sua luz sobre os planetas do sistema solar e cada um deles transforma a vida solar em vida própria, característica. E o Sol tira de onde essa energia, senão do universo de que é parte? Assim, o sacerdote egípcio compreende essa síntese da vida e se prostra diante daquele símbolo e o adora. Ele adora a vida que está nele, a vida que a Terra lhe deu, que a Terra tirou da galáxia, que esta tirou do universo, que o universo tirou do centro misterioso e inefável do ser dos seres, o universo dos universos, a unidade-vida, Osíris-Ísis.

Ele adora Deus em si mesmo, Deus no mundo, Deus no universo, Deus em Deus. A vida que encontramos em toda parte, poderia ela escapar às leis comuns?

O fenômeno, seja ele qual for, revela sempre e em toda parte sua origem trinitária. As séries, por mais complexas que pareçam, seguem todas a misteriosa lei:

Ativo	Passivo	Neutro
Positivo	Negativo	Equilíbrio
+	-	∞

O homem, cabeça da família onde ele representa o positivo, curva-se ante a lei da tribo e assim torna-se negativo.

A Terra, em sua absorvente unidade, atrai tudo para si, atuando ativamente. Em relação ao Sol ela age passivamente.

A absorção alternada das séries inferiores e superiores dão essa aparência de movimento infinito.

O calor é positivo no quente, negativo no frio, equilibrado no temperado. A luz é positiva na claridade, negativa na sombra, equilibrada na penumbra. A eletricidade é positiva no pólo positivo, negativa no pólo negativo, equilibrada no neutro. Mas calor, luz e eletricidade não representam três fases de uma coisa mais elevada?

Essa coisa, da qual o calor é o positivo, a luz é o equilíbrio e a eletricidade é o negativo, essa coisa é a força do nosso mundo.

Através da química e da física, vejamos uma experiência conhecida: o oxigênio se produz no pólo do movimento, o hidrogênio no pólo da resistência e o azoto alternadamente em cada um desses pólos, dependendo do papel exercido por ele nas combinações.

De etapa em etapa, de unidade em unidade, podemos chegar à mais alta abstração. Aí veremos uma força única que se opõe a si mesma para criar, em sua atividade, o movimento, na passividade aparente da matéria e em seu equilíbrio tudo o que cabe entre a divisibilidade e a unidade, todos os escalões através dos quais a força passa ao estado sólido e daí às formas mais elevadas da inteligência, do gênio, à sua origem divina. Aí a atividade se chama Pai, ou Osíris, a passividade é chamada de Filho, ou Ísis, e o equilíbrio, origem do Todo, imagem da Trindade, é nomeada Espírito Santo, ou Hórus.

Dominamos agora um dos maiores segredos do santuário, chave de todos os milagres passados, presentes e futuros, conhecimento desse agente imutável, o Telesma de Hermes, a Serpente de Moisés e dos hindus, o Azoth dos alquimistas, a Luz Astral dos martinistas e de Elifphas Levi, enfim, o magnetismo de Mesmer e o movimento de Louis Lucas.

Já conhecemos as modificações diversas que criam a vida de cada ser. Estudemos agora sua evolução.

Numa primeira fase, o passivo se imporá sobre o ativo e o resultado será uma passividade, uma materialização, um alongamento da unidade no sentido da multiplicidade. Numa

segunda fase, o ativo e o passivo se equilibrarão. A hierarquia, a série aparecerão; os inferiores gravitarão em torno do termo superior. Numa terceira fase, enfim, o ativo tenderá a se impor sobre o passivo, a evolução da multiplicidade sobre a unidade será a consequência.

- ┌ Involução ou materialização progressiva.
- Equilíbrio.
- └ Evolução ou espiritualização progressiva.
- └ Estas são as três leis do movimento.

Do centro misterioso no qual se encontra o inefável, o inconcebível En Suph-Parabraham, uma força emana no infinito. Esta força, ativa e passiva, vai produzir um resultado diferente, conforme predomine na ação o ativo ou o passivo.

A força se afasta da unidade na direção do múltiplo, da divisão; o passivo, gerador do múltiplo, domina nesse instante e a força se materializa.

A inteligência surge pouco a pouco, se reveste de invólucros que representam os estados da matéria mais próxima das essências: a matéria radiante.

Nesse momento uma massa, imensa para os parâmetros humanos mas insignificante para os olhos do infinito, atravessa o espaço. Sobre os planetas inferiores do sistema que ela cruza em seu caminho, instrumentos a examinam. Os mortais anunciam aos seus semelhantes que um cometa atravessa o sistema solar.

Sobre os planetas superiores desse mundo, os imortais se prostram e adoram religiosamente a luz divina que cumpre seu trajeto, a caminho da unidade. Eles se inclinam e dizem que o espírito de Deus atravessa nosso mundo.

Entretanto, mais a massa se distancia da unidade, mais a materialização se acentua. A matéria em estado gasoso aparece, ocupando determinado ponto do espaço. O sábio que a observa anuncia aos mortais uma nebulosa, o nascimento de um sistema planetário. O imortal concebe o nascimento de um Deus.

Aos poucos, a força ativa vem equilibrar o estado de passividade. A vida se concentra no centro do sistema, em um sol próprio, e os planetas, quanto mais próximos, mais influen-

cias recebem do centro. Quanto mais próximo está o Sol do *Princípio de vida* de onde emanou, maior a influência que recebe dele.

É nesse instante que a força ativa domina completamente a passiva; o ser vivo que é chamado mundo nasceu e lentamente evolve para a unidade de onde veio. Em todos os planetas a lei se repete, é idêntica. O Sol atua em relação aos planetas como a *unidade-vida* agia em relação ao Sol. O planeta é tanto mais materializado, quanto mais distante está de sua estrela.

Primeiro em ignição, depois no estado gasoso, depois no líquido, algumas aglomerações sólidas aparecem no seio das massas líquidas e os continentes começam a ganhar formas.

Em seguida, a evolução do planeta na direção de seu sol se inicia e a vida ali se organiza. A força ativa ainda se impõe sobre a força material, passiva. Tudo mais, no planeta, seguirá as mesmas fases dele, em sua evolução.

Os continentes, se solidificando, condensam em seu interior a força em ignição que formou primitivamente o planeta. Essa força vital terrestre, que não é senão uma emanção da força vital solar, atua sobre a Terra e os elementos se desenvolvem, formando os metais mais inferiores.

Do mesmo modo que esse mundo evolui na vida do seu universo, criando uma alma própria, semelhantes a todas as almas planetárias contidas nele; do mesmo modo que cada planeta evolui no caminho da alma de seu mundo; desse mesmo modo o metal, primeiro passo da vida sobre o planeta, cria através das épocas uma alma convergente com a alma da Terra. Esse metal, de início inferior, se aperfeiçoa aos poucos, tornando-se sempre mais capaz de concentrar vida ativa e após centenas de anos, a vida que circulava no metal rude, circula também no ouro, o sol dos metais, agindo em relação a eles como o Sol em relação à Terra. A vida continua através dos vegetais e milhões de anos mais tarde a forma mais elevada de existência aparece no homem — o qual representa o sol de animalidade, como o ouro representa o sol da mineralidade.

Como em todo resto da natureza, a lei natural governará também tudo que diz respeito ao homem. Mas aqui se fazem

necessárias algumas considerações, a propósito da semelhança das progressões.

Quando do nascimento do mundo, outros existiam já em diferentes graus de evolução no universo. Enquanto um planeta inicia sua evolução na esfera mineral, outros planetas mais antigos já têm seu mundo animal muito desenvolvido, enquanto em outro a inteligência floresce em seus estágios mais altos.

Tal como os planetas evoluem através de diferentes fases, também os continentes conhecem a mesma disparidade. Cada continente desenvolve sua raça humana própria, assim como cada sistema tem seu próprio sol.

Como a evolução existe também para o homem, pode ocorrer que quando a segunda raça de homens aparece no segundo continente evoluído de determinado planeta, a primeira raça de homens desenvolvida no primeiro continente esteja em pleno desenvolvimento intelectual, enquanto uma última raça se encontre ainda em estado selvagem e embrutecido.

O mesmo fato é constatado na família onde o fundador, o patriarca, cheio de esperança mas abatido pela velhice, observa o neto, ainda inexperiente mas cheio de vida.

Criança — Pai — Avô — Ancestral, representam na família a evolução que nós encontramos em toda natureza.

Os seres, sejam eles quais forem, são formados em última análise de três partes constituintes: o corpo, a vida ou espírito e a alma. A evolução de um corpo cria uma vida, a evolução de uma vida cria uma alma. Verifiquemos esses dados aplicando-os ao homem.

Em cada homem, três partes se destacam: o ventre, o peito, a cabeça. A cada uma dessas partes estão ligados os membros. O ventre serve para gerar o corpo, o peito serve para produzir a vida, a cabeça serve para criar a alma.

A finalidade de cada ser que a natureza cria é dar nascimento a uma força superior àquele ser. O mineral recebe a vida terrestre e deve transformá-la em vida vegetal através da evolução, enquanto o vegetal deve evoluir para a vida animal. Esta evolui para a vida humana.

A vida é dada ao homem para que ele a transforme numa força mais alta: a alma. A alma é uma resultante.

A grande finalidade do homem é, assim, desenvolver sua alma, que ele encontra em estado de germe e, se uma existência não lhe basta para isso, muitas outras se lhe oferecerão.

Essa idéia, oculta aos profanos pelos iniciados, está em todos os autores que penetraram em profundidade nas leis naturais. É parte do budismo esotérico nos tempos modernos. Na antiguidade foi muito conhecida.

“Assim que Deus, pelo conhecimento íntimo do absoluto que está em sua própria essência, identifica perpetuamente com o seu saber, o ser que lhe corresponde em sua essência absoluta. E é assim, manifestamente, que Deus cria sua própria imortalidade. E conseqüentemente, uma vez que o homem é feito à semelhança de Deus, é assim que ele deve conquistar sua imortalidade, trabalhando assim pela sua própria criação através da descoberta da essência do absoluto, isto é, das próprias condições da pura verdade” (Wronski, *Lettre au Pape*).

Fabre d'Olivet, em admirável resumo que fez da doutrina de Pitágoras, mostra-nos em algumas páginas um resumo da psicologia antiga. Basta lê-lo, comparando-o às doutrinas do budismo esotérico, para entender um dos maiores segredos ocultos nos santuários.

Vamos resumi-lo.

“Pitágoras admitia dois móveis para as ações humanas, o poder da vontade e a necessidade do destino; ele submetia um e outro a uma lei fundamental chamada providência.

O primeiro desses móveis, ou motivações, era livre e o segundo coagido, de modo que o homem se encontrava colocado entre duas naturezas opostas. O poder da vontade se exercia sobre o futuro, a necessidade do destino sobre as coisas já feitas, sobre o passado; e uma alimentava, trabalhando os materiais que elas se forneciam mutuamente.

Segundo aquele admirável filósofo, é do passado que nasce o futuro, do futuro se forma o passado, e da reunião de ambos é engendrado o eterno presente, do qual também ambos tiram sua origem: idéia muito profunda adotada pelos estóicos. De acordo com essa doutrina, a liberdade reina so-

bre o futuro, a necessidade sobre o passado e a providência sobre o presente. Nada do que existe acontece por acaso mas sim pela união da lei fundamental e providencial com a vontade humana — que a obedece ou transgride, operando em função da necessidade.

A superposição da vontade e da providência constitui o bem, o mal nasce da oposição de ambas. Para se conduzir no caminho da vida, o homem recebeu três forças apropriadas a cada uma das três modificações de seu ser, todas três encadeadas à sua própria vontade.

A primeira, relacionada com o corpo, é o instinto; a segunda, relacionada com a alma, é a virtude; a terceira, relacionada com a inteligência, é a ciência, ou sabedoria. Essas forças se revigoram pelo bom uso da vontade e degeneram em vício e ignorância pelo mau uso da mesma. O instinto percebe o bem e o mal físicos resultantes da sensação. A virtude conhece o bem e o mal morais existentes no sentimento. A sabedoria acolhe o bem e o mal inteligíveis que nascem do consentimento.

No terreno da sensação, o bem e o mal chamam-se prazer e dor. No terreno do sentimento, amor e ódio. No do consentimento, verdade e erro.

A sensação que reside no corpo, na alma e no espírito, forma um ternário que se desenvolve rumo a uma unidade relativa, e constitui o quaternário humano, ou o homem, considerado de modo abstrato.

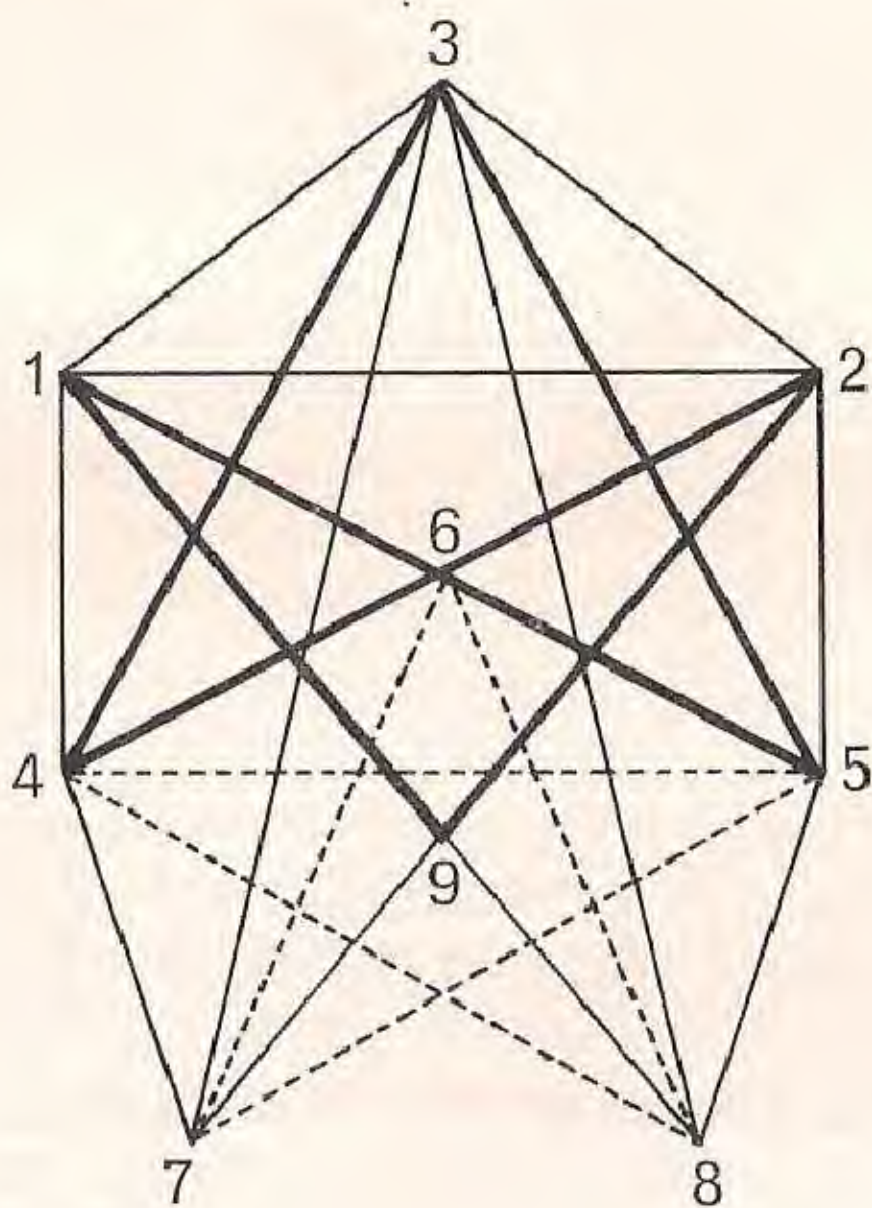
Os três componentes desse ternário agem e reagem uns sobre os outros e se iluminam ou se obscurecem mutuamente; a unidade que as une, isto é, o homem, se aperfeiçoa ou se deprava, conforme tenda a se confundir com a unidade universal ou a se extinguir.

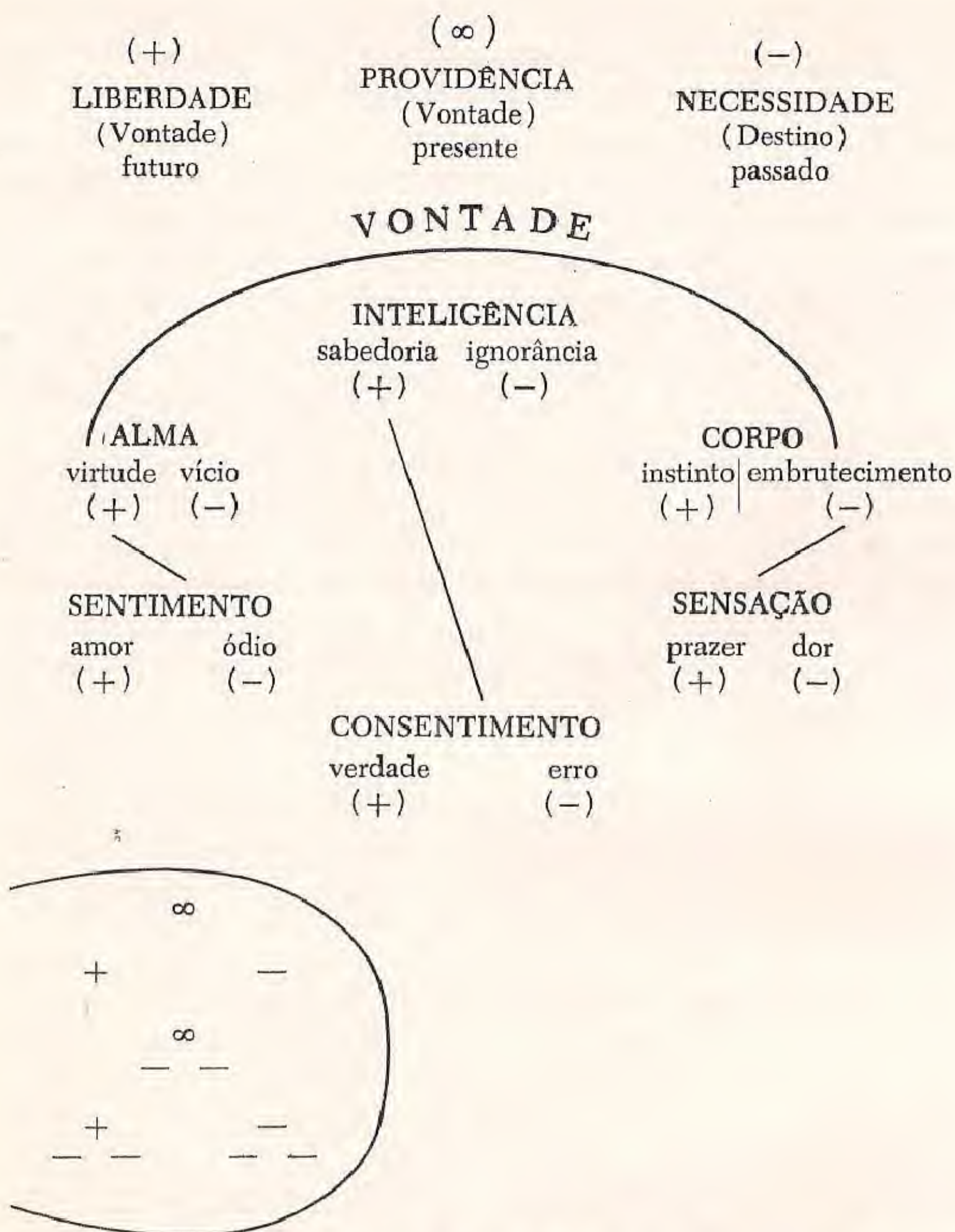
O homem, segundo Pitágoras, está sujeito à providência, entre o passado e o futuro, dotado de uma vontade livre por sua própria essência, ligado à virtude ou ao vício de acordo com suas ações. O homem deve experimentar o sofrimento e, longe de acusar a providência distribuidora do bem e do mal conforme as ações anteriores, deve reconhecer que sofre exclusivamente em decorrência de seus atos passados. Pitágoras admitia muitas existências sucessivas, sustentando que o pre-

sente que nos atormenta e o futuro que nos ameaça são a expressão do passado, de nossa ação no passado. O homem perde, sonhando a vida, a lembrança de suas existências anteriores.

O homem percorre, à medida que avança no tempo, o caminho que ele próprio traçou para si, podendo modificá-lo para o bem e para o mal, de acordo com suas virtudes ou vícios. O futuro será, portanto, mais suave ou mais penoso em função dos seus atos.”

Juntamos a essa importante citação um quadro que pretende dar uma visão de conjunto do sistema. Esforçamo-nos para parecer claro. O lado esquerdo do quadro representa os princípios positivos designados pelo sinal (+). O lado direito, marcados pelo sinal (—), representa os princípios negativos. No meio, os sinais equilibrados ou superiores são designados pelo sinal (∞). Abaixo, à esquerda do quadro, é resumido o ternário humano: alma, inteligência, corpo, indicado pelos símbolos abaixo:





Os ensinamentos do tempo podem ser resumidos como o puro estudo da força universal em suas variadas manifestações. Aprendendo da natureza, a base de seus fenômenos e efeitos, aprendendo a sabedoria das coisas físicas e naturais. Quando se percebe que todos os efeitos dependem de uma mesma série de causas, quando se reduziu a multiplicidade aparente dos fatos à unidade das leis, a iniciação conduz ao mundo das causas. Aí são aprendidas as leis da vida, sempre

as mesmas em suas diversas manifestações. O conhecimento da vida dos mundos e dos universos fornece a chave da astrologia, o conhecimento total da vida terrestre e dá, por sua vez, as chaves da alquimia.

Subindo mais um degrau na escada da iniciação encontrará no homem a reunião de duas naturezas e poderá ascender à concepção de uma força única, onde essas duas naturezas representam dois pólos. Poucos homens têm chegado a um conhecimento tão profundo das ciências superiores, a ponto de adquirir os poderes quase divinos que lhes são inerentes. Entre essas ciências encontram-se a teurgia, a magia, a terapêutica sagrada e a alquimia, entrevistas pelo iniciado em seu segundo grau de iniciação.

“Nunca houve apenas uma ordem, a ordem natural estudada pela ciência antiga, mas houve quatro, conforme indicado antes. Três delas correspondiam à natureza (a naturante, a naturada e a humana); seu hierograma era EVÊ, a vida.

A quarta, representada na tradição mosaica pela primeira letra do nome de IEVE (Jeová), correspondia a uma outra hierarquia de conhecimentos, marcada pelo número dez” (Saint-Yves).

Fato incontestável, no ciclo de civilizações a unidade do gênero humano no universo, a unidade do universo em Deus, a unidade de Deus em si mesmo, foram ensinadas como verdades absolutas, coroamento luminoso do conhecimento, e não como superstição primária ou crença obscurantista.

“O nome do deus supremo desse ciclo, Iswara, esposo da sabedoria viva, da natureza, Pracriti, é o mesmo que Moisés tiraria, perto de cinquenta séculos depois, da tradição caldéia dos abramidas e dos santuários de Tebas, para transformar no símbolo cíclico do movimento: Iswara-El, ou Israel, Intelligência e Espírito Real de Deus” (Saint-Yves d'Alveydre).

Eis os quatro graus da sabedoria antiga:

- 1 — Estudo da força universal em suas manifestações vitais (ciências fisiogônicas).

- 2 — Estudo dessa força em suas manifestações humanas (ciências androgônicas).
- 3 — Estudo dessa força em suas manifestações astrais (ciências cosmogônicas).
- 4 — Estudo dessa força em sua essência e em função dos princípios descobertos (ciências teogônicas).

SEGUNDA PARTE
REALIZAÇÃO

CAPÍTULO IV

Expressão das idéias — Os signos — Origem da linguagem — Histórias simbólicas e sua interpretação — A Tábua de Esmeralda de Hermes e sua explicação — O Telesma — A alquimia e explicações do texto hermético — Geometria qualitativa — Os nomes próprios e a sua utilidade

Levando ao fundo dos santuários nosso estudo da ciência ou sabedoria antiga, abordamos sucessivamente as idéias fundamentais que a estruturam. Mas não ficaremos aqui.

A idéia, dentro do cérebro de seu criador, é invisível para o resto dos homens. Esses, não podendo perceber senão aquilo que seus sentidos recebem, precisam ser sensibilizados.

A idéia é o invisível. Para tornar visível o invisível é preciso usar um signo. Entendemos por signo toda manifestação exterior das idéias de um homem. Os elementos do signo são a voz, o gesto e os caracteres escritos. Seus materiais são o movimento e a luz (Fabre d'Olivet, Lang. Hébr. Rest.).

Estudando o signo conheceremos os meios pelo qual o sacerdote egípcio expressava suas idéias, hauridas na iniciação. Que melhor e mais belo objeto de pesquisas para um pensador que as origens da linguagem humana?

É curioso ver dois homens de erudição notável, Claude de Saint-Martin, o filósofo desconhecido, e Fabre d'Olivet, chegarem, por caminhos diferentes, a conclusões quase idênticas sobre aquela importante questão.

Ambos se opõem ao sistema dos sensualistas, representados naquela época pelos positivistas, afirmando que as línguas são o resultado arbitrário dos caprichos humanos, e ambos são conduzidos, em seus estudos, pelo conhecimento profundo da língua hebraica.

A origem das raças humanas proclama a existência de uma razão mais elevada e isso é atestado pelas línguas-mães da humanidade, o chinês, o sânscrito e o hebraico.

“De qualquer ângulo que se examine a origem do gênero humano, o germe radical do pensamento só pode ser transmitido com a ajuda de um símbolo, ou signo, e esse símbolo supõe uma idéia-mãe.”

Se tivermos talento bastante para isso, mostraremos que as palavras que compõem as línguas, em geral, e a língua hebraica em particular, longe de se inspirarem no acaso ou nascerem por obra de um capricho, são, ao contrário, produto de uma razão profunda. Mostraremos que qualquer homem pode, à luz de uma análise gramatical bem feita, encontrar elementos fixos, de natureza imutável, embora variável em seus aspectos, nessas línguas.

Esses elementos constituem, formam essa parte do discurso à qual daremos o nome de signo. Esses elementos são o gesto, a voz, os caracteres escritos” (Fabre d'Olivet, *La Langue Hébraïque Restituée*).

“Vamos adiante para examinar a origem dos signos: designei como elementos da palavra a voz, o gesto e os caracteres escritos; como meios o som, o movimento e a luz; mas esses meios seriam inúteis se não existisse uma potência criadora, independente deles, capaz de atuar. Essa potência é a vontade. A existência da vontade não poderá ser negada, nem mesmo pelo cético mais determinado.”

A voz articulada e o gesto afirmativo ou negativo, não são senão a expressão dessa vontade. É ela que, ajudada pelo som e pelo movimento, faz deles seus intérpretes e projeta para fora o que está dentro.

Entretanto, se a voz é uma, seu significado deve ser geralmente reconhecido por todos. Assim, um homem que afirma sua vontade pelo gesto, ou pela inflexão vocal, apresenta sempre a mesma intenção que qualquer outro homem que afirme sua vontade pelo mesmo gesto e pela mesma inflexão. E todos os homens na Terra se entendem pelo gesto ou pela inflexão da voz. Não há convenção a esse respeito. Há uma comunicação idêntica, que se manifesta espontaneamente e que, irradiando de um foco volitivo, reflete-se no interlocutor.

Pela vontade, o gesto e a inflexão vocal de afirmação ou negação, transformam-se em palavras diversas. A vontade faz com que palavras como *sim* e *não*, ditas com o mesmo sentido e com a mesma inflexão, tenham som diferente.

Os sábios, armados da síntese e da análise, pouco fizeram para esclarecer a origem da palavra. A palavra nada tem de convencional mas o que há por trás dela não pode ser demonstrado à maneira dos matemáticos. Sua importância é grande demais para que ela possa ser demonstrada através de uma equação algébrica.

O som e o movimento, portanto, postos à disposição da vontade, são por ela modificados; isto é, através de certos órgãos especiais e apropriados o som é transformado em voz; o movimento é determinado e mudado em gesto. Mas a voz e o gesto têm uma duração instantânea, transitória. Para que seus efeitos perdurem, o homem se beneficia do movimento, agita a mão, seu órgão mais expressivo, desenhando no tronco das árvores ou gravando sobre as pedras, seu pensamento.

Assim nasceram os caracteres escritos, um dos elementos mais fecundos da linguagem. Nada há de convencional em seus princípios, embora eles possam se utilizar de uma convenção para estabelecer a indispensável comunicação. Todos os homens falam e comunicam entre si suas idéias — mas nem

todos escrevem. Para falar não precisam eles de uma convenção particular, embora precisem dela para escrever.

Os caracteres escritos são, entretanto, o símbolo de duas coisas: inflexão vocal e gesto. Essas coisas nascem da explosão espontânea da vontade. Tudo mais é fruto da reflexão” (Fabre d’Olivet).

De posse de signos capazes de expressar uma idéia, o iniciado deve ainda se curvar a uma outra consideração: a escolha de seu leitor futuro. Será necessário criar uma língua adaptada à inteligência daquele a quem ela é destinada, uma língua que não significa para o homem comum senão estranhos sinais, mas torna-se para alguns poucos uma revelação.

“Os sábios do Egito agiam de outro modo: escreviam com hieróglifos, que poucos entendiam. Mas a idéia de guardar certos conhecimentos dentro de um círculo limitado e seletivo é comum a todas as épocas. Nosso século, voltado para a divulgação total dos conhecimentos, tem criado, por necessidades especiais, um vocabulário também hermético, à sua maneira, que mantém seus conhecimentos restritos a uns tantos especialistas. Os antigos faziam o mesmo por razões diferentes.

Voltando ao triângulo dos três mundos, fatos-leis-princípios, descobriremos o iniciado de posse de três diferentes meios de exprimir uma idéia: o sentido positivo, o sentido comparativo e o sentido superlativo.

1 — O iniciado pode se servir de palavras compreendidas por todos, mudando simplesmente seu significado, em função do tipo de inteligência que ele deseja instruir.

Por exemplo, a frase:

Uma criança precisa de um pai e de uma mãe.

Dirigindo-se a todos, indistintamente, essa frase tem um sentido positivo. Se ele deseja retirar o significado dessa frase do alcance de inteligências materiais, vulgares, falará num

sentido comparativo, passando do domínio dos fatos para o domínio das leis, dizendo:

O neutro precisa de um positivo e de um negativo.

O equilíbrio precisa de um ativo e de um passivo.

Os que conhecem as leis naturais, aqueles que são conhecidos em nossa época como sábios, compreenderão perfeitamente o sentido do que passou despercebido ao homem comum.

Um grau acima e o iniciado poderá dizer sua verdade de maneira diferente:

A coroa precisa da sabedoria e da inteligência.

O sábio de nossa época, habituado a resolver problemas, compreenderá as palavras isoladamente mas não em seu conjunto. Ele pode dar um sentido à frase mas vai-lhe faltar uma base sólida, uma certeza definitiva. Em dúvida, ele dará de ombros e chamará a tudo isso "mistificação e embuste".

Não é isso o que deseja o iniciado?

2 — O iniciado pode empregar signos diferentes, conforme aqueles aos quais ele se dirige.

"Esse método foi usado, de preferência, pelos sacerdotes egípcios que escreviam em hieróglifos, em linguagem fonética ou em linguagem ideográfica, conforme o caso" (Fabre d'Olivet e Saint-Yves d'Alveydre).

Mas vamos dar outro exemplo, com a mesma frase:

Uma criança precisa de um pai e de uma mãe.

Falando à massa, o sacerdote quer se referir simplesmente a uma criança entre seu pai e sua mãe e pronunciará apenas a frase textual. Se ele quer restringir o número de ouvintes

ou de leitores, mergulhará no mundo das leis e os signos al-
géblicos alinhar-se-ão da seguinte maneira:

Seja o sinal ∞ designativo do neutro, da criança: ∞ pre-
cisa $+$ e $-$ ou $(+) + (-) = (\infty)$.

Se o iniciado quer restringir ainda mais o alcance da
compreensão de sua mensagem, voltar-se-á para os signos
ideográficos correspondentes aos princípios em referência, e
dirá:

astrologicamente: $\odot + \oslash = \wp$

ou geometricamente: $| + - = \times$

Veremos em seguida que esses signos, que só conseguem
exasperar os curiosos, não são arbitrários. Pelo contrário, eles
têm um antigo e profundo significado.]

3 — O emprego da geometria qualitativa permite ainda
um outro método: um só e mesmo signo que pode ser tomado
em sentidos diversos, conforme o entendimento do ouvinte ou
leitor.

Por exemplo, o signo \odot , representa para o leigo um
ponto dentro de um círculo, apenas. O iniciado entenderá
que esse signo representa circunferência e seu centro ou, as-
tronomicamente, o Sol e, por conseguinte, a verdade. O sábio
de nossos dias dificilmente ultrapassará esse ponto.

O iniciado verá o princípio e seu desenvolvimento, a idéia
na causa, Deus na eternidade. Veremos logo a origem dessas
interpretações.

Os métodos de que tratamos servem para manipular os
assuntos os mais variados, no mundo oculto da iniciação, na
interpretação dos escritos secretos, nos rituais de magia. Há
um outro método, empregado na antiguidade para transmitir
as verdades descobertas nos santuários: as histórias simbólicas.

Que melhor meio de transmitir uma verdade, senão inte-
ressando a imaginação, em lugar da memória? Contemos uma
história a um camponês e ele não se esquecerá dela, levando
para a posteridade as aventuras de Vênus e de Vulcano.]

Os métodos foram ministrados dentro de um conjunto, dando ao leitor a possibilidade de conhecê-los em sua generalidade. Estudaremos melhor, agora, cada um desses métodos:

I

Ao primeiro método se associa um resumo completo da ciência oculta, uma síntese diante da qual os iniciados sempre se inclinam com respeito. Falamos da Tábua de Esmeralda de Hermes, atribuída a Hermes Trimegisto.

Tábua de Esmeralda de Hermes

“Trata-se da expressão da verdade.

O que está embaixo é como o que está no alto, e o que está no alto é como o que está embaixo, no milagre de uma só coisa.

E como todas as coisas vieram e irão para o Uno, assim todas as coisas nasceram de cada coisa única.

O Sol é o pai, a Lua é a mãe, o vento a trouxe no seu ventre, a Terra é que a amamenta; o pai de todos, o Telesma de todo o mundo, está aqui; sua força é preservada se ela é convertida em terra.

Separarás a terra do fogo, o sutil do grosseiro, docemente, com grande habilidade. O que resultar disso subirá da Terra ao Céu e descenderá à Terra, e receberá a força das coisas superiores e inferiores. Terás assim toda glória do mundo e tudo que é trevoso se afastará de ti.

Essa é a força de tudo o que é forte, e ela vencerá toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida.

Assim foi criado o mundo.

Por isso fui chamado Hermes Trimegisto, tendo as três partes da filosofia do mundo. O que disse do Sol foi cumprido”.

Isso é verdade

Não conhece mentira

Apenas a verdade.

A Tábua de Esmeralda começa por uma trindade. Hermes afirma assim, desde a primeira palavra, a lei que governa a natureza inteira. Sabemos que o ternário se reduz a uma hierarquia conhecida sob o nome de lei dos três mundos. Trata-se, então, de uma mesma coisa considerada sob três aspectos diferentes, o que essas palavras nos submetem. É a verdade e sua tripla manifestação nos três mundos:

Isso é verdade — verdade sensível, correspondente ao mundo físico. É o aspecto estudado pela ciência contemporânea.

Não conhece mentira — oposição ao aspecto precedente. Verdade filosófica, certeza correspondente ao mundo metafísico, ou moral.

Apenas a verdade — união dos dois aspectos precedentes, a tese e antítese que busca a síntese. Verdade inteligível correspondente ao mundo divino.

Aqui, a explicação precedente sobre o número três encontra sua aplicação. Mas continuemos:

$\left. \begin{array}{l} \text{O que está em} \\ \text{cima é como o} \\ \text{que está embaixo} \end{array} \right\}$	e	$\left\{ \begin{array}{l} \text{O que está} \\ \text{embaixo é como o} \\ \text{que está em cima} \end{array} \right.$
<hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/>		
<p>para fazer os milagres de uma só coisa</p>		

Dispondo assim essa frase, encontramos dois ternários ou, melhor, um ternário considerado sob dois aspectos, positivo e negativo:

positivo	$\left\{ \begin{array}{l} \text{alto} \\ \text{análogo a} \\ \text{baixo} \end{array} \right.$		negativo	$\left\{ \begin{array}{l} \text{baixo} \\ \text{análogo a} \\ \text{alto} \end{array} \right.$
----------	--	--	----------	--

Encontramos aqui o método geral da ciência oculta, a analogia. Hermes diz que o positivo (alto) é análogo ao negativo (baixo) mas ele não afirma que ambos são semelhantes.

Vemos, enfim, a constituição do quatro pela redução do três à unidade:

Para fazer os milagres de uma só coisa.

Ou do sete pela redução do seis (os dois ternários) à unidade. O quatro e o sete exprimem a mesma coisa, pode-se tomar com certeza qualquer uma das duas aplicações. Vejamos a explicação da segunda frase:

É preciso considerar uma verdade no seu triplo aspecto: físico, metafísico e espiritual, antes de tudo. Então poderemos aplicar o método analógico que nos permitirá entender as leis. Enfim, é preciso reduzir a multiplicidade das leis à unidade, pela descoberta do princípio, ou causa primária.

Hermes aborda a seguir o estudo das relações do múltiplo com a unidade, ou da criação com o Criador, como se segue:

E como todas as coisas vieram do Uno, assim todas as coisas nasceram nessa coisa única por adaptação.

Eis uma síntese de todo ensinamento do santuário sobre a criação do mundo. A criação pela adaptação ou pelo quaternário desenvolvido no Séfer Ietsira e nos dez primeiros capítulos do Boereschit, de Moisés.

Essa coisa única da qual tudo deriva, é a força universal a respeito da qual Hermes descreve o desenvolvimento:

O Sol (positivo)	o Pai
A Lua (negativo)	a Mãe
O Vento (receptor)	carregou-o no ventre
A Terra (desenvolvimento)	seu alimento

Isso a que chamam Telesma (vontade) é tão importante que vale a pena dar a opinião de alguns autores sobre o assunto:

“Existe um agente misto, natural, divino, corpóreo, um mediador plástico universal, um receptáculo comum das vi-

brações e das imagens, um fluido e uma força que podemos chamar de imaginação da natureza.

Através dessa força os sistemas nervosos se comunicam de um modo peculiar, através dela nascem a simpatia e a antipatia, dela vêm os sonhos, por ela são produzidos os fenômenos de visão sobrenatural. Esse agente universal das obras da natureza é o *od* dos hebreus e de Reichenbach, é a luz astral dos martinistas.

A existência e o uso possível dessa força constituem o grande arcano da magia prática.

A luz astral aquece, ilumina, magnetiza, projeta, atrai, vivifica, destrói, coagula, separa, parte e junta todas as coisas, sob o impulso das vontades poderosas” (Eliphas Levi, *H. de la M.*, pág. 19).

“Os quatro fluidos imponderáveis são manifestações diversas de um mesmo agente universal que é a luz” (E. Levi, *C. des G. M.*, pág. 207).

“A substância única que é céu e terra acompanha os graus de polarização, sutil e fixa. Essa substância é a que Hermes Trimegistro chama “o grande Telesma”. Quando ela produz seu esplendor, ela se chama luz. Ela é, ao mesmo tempo, substância e movimento, é um fluido e uma vibração permanente” (E. Levi, *C. des G. M.*, pág. 117).

“O grande agente mágico se manifesta por quatro tipos de fenômenos: calor, luz, eletricidade e magnetismo. O grande agente mágico é a quarta emanção da vida-princípio, da qual o Sol é a terceira forma” (E. Levi, *D.*, pág. 152).

“Esse agente solar mantém-se vivo devido a duas forças contrárias: uma força de atração e uma de repulsão, o que levou Hermes a afirmar que ela sobe e desce permanentemente” (E. Levi, *op. cit.*, pág. 153).

נ ח ש

“A palavra empregada por Moisés, lida cabalisticamente, dá-nos uma definição da descrição desse agente mágico uni-

versal, representado em todas as teogonias por uma serpente, que os hebreus chamavam assim:

$$d'OD = +$$

$$OB = -$$

$$Aour = \infty$$



Quando a luz universal forma os metais, ela é chamada azoto, quando dá vida aos animais é chamada magnetismo animal” (E. Levi).

“O movimento é o sopro de Deus em ação entre as coisas criadas. É o princípio todo-poderoso e uniforme na natureza, autor e promotor de uma variedade infinita de fenômenos que compõem as indizíveis categorias dos mundos; como Deus, ele dá vida, organiza ou desorganiza, segundo as leis secundárias que são a causa de todas as combinações e permutações que podemos observar à nossa volta” (L. Lucas, C. N., pág. 34).

“O movimento é o estado *indefinido* da força geral que anima a natureza. O movimento é uma força elementar, a única de que nos devemos servir para explicar todos os fenômenos da natureza. Ele é passível de contração e dilatação, eletricidade, calor, condensação, mais e menos.

Ele é susceptível de combinação. Enfim, encontra-se nele toda a organização dessas combinações. Esse movimento, considerado ativo, material e intelectualmente, dá-nos a chave de todos os fenômenos conhecidos” (Louis Lucas, *Médecine Nouvelle*, pág. 25).

A seguir, Hermes aborda as questões relacionadas com o ocultismo prático, a regeneração do homem por ele próprio, e o homem regenerado. A esse respeito há muitos detalhes interessantes na obra *L'Elixir de Vie*, publicada por um Chela hindu (número 3 de *Lotus*) e nos livros de madama Blavatski, assim como no ritual de Eliphas Levi.

Agora vamos estudar a filosofia hermética.

A alquimia

Foi graças aos alquimistas que os elementos básicos da ciência antiga chegaram até nós. Daremos uma idéia geral das questões nas quais se apóiam as histórias simbólicas. Muita gente ainda pensa que é impossível penetrar nos segredos da grande obra oculta sem possuir antes a pedra filosofal. Isso não passa de um erro. Os alquimistas descreveram em detalhe todas as operações que executaram durante muitos séculos. Só num ponto eles são obscuros: quando tratam da matéria empregada em suas operações.

Antes de tudo, no entanto, temos de resolver duas questões: 1.^a) que é a pedra filosofal? e 2.^a) será tudo isso uma impostura ou dispomos de provas a respeito da alquimia?

Durante muito tempo procuramos provas convincentes da realidade da transmutação, sem êxito. Os dados são múltiplos mas como eles foram manipulados por alquimistas, sob critérios alquímicos, seu critério de provas difere tanto dos critérios oficiais que é impossível afirmar qualquer coisa por esse caminho. Faltaria a tudo que se dissesse aquilo que chamam de “valor científico”.

Lendo uma obra notável de Figuier, *A Alquimia e os Alquimistas*, obra em que o autor se esforça para provar que a transmutação nunca existiu, descobri três fatos que parecem provas irrefutáveis da modificação de metais impuros em ouro. A operação foi executada longe das vistas do alquimista e o operador era um inimigo declarado da alquimia que não acreditava na pedra filosofal.

Escrevi um artigo para *Lotus* (número 3), sob o título *A Pedra Filosofal Provada Pelos Fatos*, ao qual envio ao leitor interessado em detalhes. Gostaria que os dados que ali coleciono fossem refutados cientificamente.

A pedra filosofal é um pó que pode apresentar diversas cores diferentes, segundo seu grau de perfeição. Praticamente,

no entanto, ela aparece de duas cores, branca e vermelha. A verdadeira pedra filosofal é vermelha. Ela possui três qualidades:

- 1 — a de transformar em ouro o mercúrio ou o chumbo em fusão, quando sobre eles é colocada pequena quantidade;
- 2 — a de servir como depurador enérgico do sangue, bem como remédio providencial para qualquer doença;
- 3 — a de agir sobre as plantas de maneira espantosa, desenvolvendo-as ou produzindo o amadurecimento de frutos em poucas horas.

Isso há de parecer pura fantasia para a maioria das pessoas mas não há um só alquimista sério no mundo que ignore ou negue essas qualidades da pedra filosofal. E, no fundo, essas qualidades não são senão uma só, a de dar força à atividade vital dos seres e das coisas.

Por isso que a pedra filosofal é apenas uma condensação da energia que rege a vida, uma pequena quantidade de matéria que age como o fermento na massa. Bastam algumas partículas dela para desenvolver a vida em potencial que existe por toda parte, nos minerais, nos vegetais e nos animais. Eis por que os alquimistas chamam essa pedra de remédio dos três reinos.

Vejamos agora como se processa sua fabricação.

Essas são as operações essenciais: tirar do mercúrio comum um fermento especial, chamado pelos alquimistas de *mercúrio dos filósofos*; fazer esse fermento agir sobre a prata para tirar igualmente seu fermento; fazer o mesmo fermento atuar sobre o ouro para remover também seu fermento. Combinar o fermento tirado do ouro com o fermento tirado da prata e com o fermento mercurial num cadinho de vidro verde grosso, em forma de ovo. Fechar o cadinho e colocá-lo num forno característico que os alquimistas chamam de *athanor*.

Esse forno difere dos demais por uma combinação de elementos que permite seu aquecimento por longo tempo. É durante o cozimento, e somente então, que se produzem certas cores que têm inspirado estranhas histórias relacionadas com a alquimia.

A matéria ali contida torna-se negra, parecendo petrificada, estado que os alquimistas chamam de *cabeça de corvo*. Em seguida, a matéria torna-se branca. Essa passagem da obscuridade à luz é relacionada com uma história simbólica muito divulgada na alquimia. A matéria serve, então, para a transmutação de metais impuros (chumbo, mercúrio) em prata.

Se ela continua ao fogo, aquele branco se transforma numa sucessão de cores — as cores inferiores do espectro — que depois evolui para as cores superiores, passando pelo azul, pelo verde, pelo amarelo, pelo alaranjado. Finalmente a cor se fixa no vermelho rubi. A pedra filosofal está quase terminada.

Dizemos quase terminada porquanto, nessa fase, dez gramas da pedra não transmutam mais de vinte gramas de metal. É preciso então adicionar um pouco de *mercúrio dos filósofos* no cadinho e recomeçar o aquecimento. A operação, que durou cerca de um ano, agora não vai demorar mais de três meses. Nesse período final, as cores reaparecem na mesma ordem anterior. A essa altura a pedra transmutará em ouro cerca de dez vezes seu próprio peso.

Recomeça-se de novo a operação. Dentro de um mês a pedra estará transmutando mil vezes seu peso de metal. Repete-se a operação mais uma vez e a pedra filosofal está feita. Seu verdadeiro potencial é de transmutar 10 mil vezes seu peso. Essas operações são conhecidas como *multiplicação da pedra*.

Quando se consulta uma obra de alquimia, é preciso verificar de qual operação se trata:

- 1 — se é da fabricação do *mercúrio dos filósofos*, e aí o assunto parecerá ininteligível a olhos e ouvidos profanos;

- 2 — se é da fabricação da pedra propriamente dita, e aí a linguagem é clara e comum;
- 3 — se é da multiplicação, e aí as explicações são óbvias e acessíveis a todo mundo.

De posse desses dados, o leitor pode abrir o livro de Figuiier e ler da página 8 à página 52, decifrando o sentido das histórias simbólicas, aparentemente tão obscuras para o próprio Figuiier. Assim:

“É preciso comer quando o Sol se põe, quando o marido Vermelho e a esposa Branca se unem em espírito de vida para viver no amor e na tranqüilidade na proporção exata de água e de terra.”

Colocação, no cadinho em forma de ovo, dos dois fermentos, ativo (vermelho) e passivo (branco).

“Do Ocidente, avance até o setentrião.”

Diversos graus de fogo.

“Dissolva o marido entre inverno e primavera, mude a água por terra negra e eleva-te entre as cores até o Oriente, onde há lua cheia. Após o purgatório, o sol branco e radioso.”

Cabeça de corvo, cores diversas.

Branco.

Considerando o simbolismo da história, é preciso sempre buscar o sentido hermético contido nela. Como a natureza é em tudo idêntica a si mesma, a mesma história que encerra os mistérios do cadinho poderá também fazer referência ao curso do Sol (mitos solares), ou à vida de um herói lendário. Só o iniciado estará em condições de tirar dos mitos antigos o terceiro sentido (hermético). O sábio dos nossos dias não verá ali senão o primeiro e talvez o segundo sentidos (físico e natural, curso do Sol, zodíaco etc.), enquanto o homem comum não passará do primeiro sentido.

De tudo isso pode-se concluir que a obtenção da pedra filosofal é uma questão de tempo e paciência. Aquele que não matou dentro de si a ambição de ouro não será jamais rico, do ponto de vista alquimista. Basta ler as biografias de

dois alquimistas do século 19, Cyliani e Cambriel, para concluir isso.

II

Estudemos agora os signos geométricos ou astrológicos. Nada é mais cansativo que a lista das relações entre as figuras geométricas e os números que encontramos nos autores que se dedicam à ciência oculta. Isso se deve ao fato deles não estabelecerem as causas dessas relações, tornando fastidioso seu estudo.

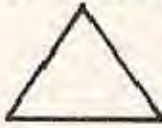
Para estabelecer as relações das idéias com as figuras, precisamos de uma base sólida, de que já dispomos. Nosso ponto de partida serão os números. É da unidade que partem todos os números e todos eles são apenas aspectos diferentes dessa unidade sempre idêntica a si mesma. É do ponto que nascem todas as figuras geométricas e todas elas são apenas aspectos diferentes do ponto (Séfer Ietsira mostra, em suas páginas, que a cabala se apóia na mesma idéia).

A unidade será analogicamente representada pelo ponto.

O primeiro número a que o *um* dá nascimento, é o *dois*. A primeira figura a que o ponto dá nascimento é a linha. O dois será representado por uma linha, simples — ou dupla — . Com a linha, uma outra consideração entra em jogo.

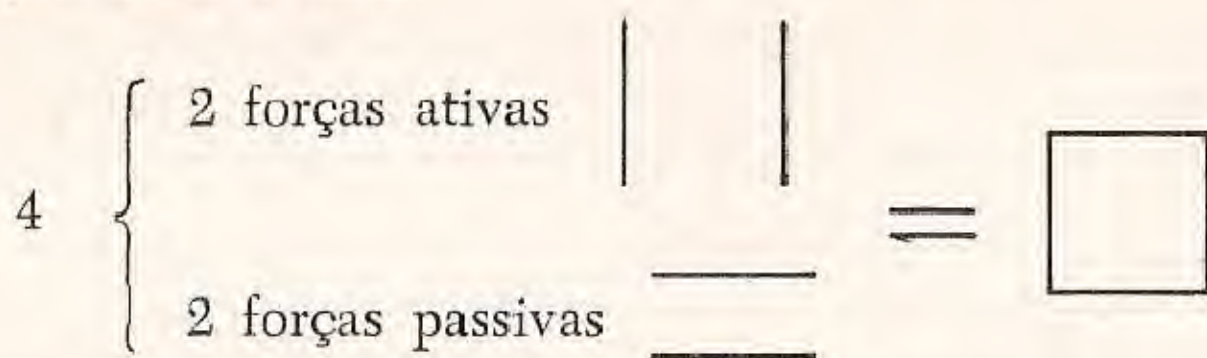
Os números se dividem em pares e ímpares, bem como as linhas dizem respeito a duas direções diferentes, a vertical, representando o ativo, e a horizontal, representando o passivo.

O primeiro número que reúne os opostos 1 e 2 é o ternário 3. A primeira figura completa, fechada, é o triângulo.

O 3 será representado, analogicamente, pelo 

A partir do 3 sabemos que os algarismos recomeçam a série universal, sendo 4 um oitavo diferente de 1. As figuras seguintes são, então, combinações de termos precedentes, e nada mais que isso. O quaternário (4) será representado por

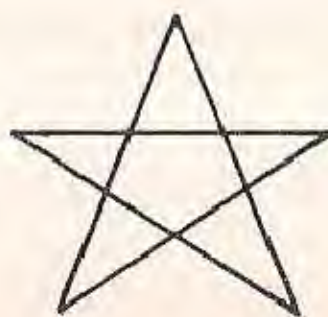
forças opostas duas a duas, isto é, por linhas opostas na sua direção duas a duas.



Quando se quer exprimir um resultado de 4, devem-se cruzar as linhas ativas e passivas, de maneira a determinar um ponto central de convergência. É a figura da cruz, imagem do absoluto.



Ao algarismo 5 corresponde a estrela de cinco pontas, simbolizando a inteligência (a cabeça humana), dirigindo as quatro forças elementares (os quatro membros).



$$\text{Seis } (6) = 3 + 3 = \triangle \nabla = \star$$

Os dois ternários, um positivo, outro negativo.

$$\text{Sete } (7) = 4 + 3 = \square \triangle$$

$$\text{Oito } (8) = 4 + 4 = \square \square \text{ ou } \star$$

$$\text{Nove } (9) = 3 + 3 + 3 = \triangle \triangle \triangle$$

$$\text{Dez } (10) = \text{o ciclo eterno} = \bigcirc$$

Cada número representa uma idéia e uma forma. Podemos então estabelecer essas relações:

número	idéia	forma
1	o princípio	•
2	o antagonismo	— —
3	a idéia	△
4	a forma — adaptação	□ +
5	o pentagrama	☆
6	o equilíbrio de idéias	△ ▽
7	a realização — aliança de idéia e forma	△ □
8	equilíbrio de formas	□ □
9	perfeição de idéias	△ ☆
10	o ciclo eterno	○

O ativo e o passivo são representados, nos planetas, pelo Sol (☀) e pela Lua (☾). Sua ação recíproca dá nascimento aos quatro elementos representados na cruz (†).

♄ Saturno é a Lua dominada pelos elementos.

♃ Júpiter são os elementos dominados pela Lua.

♂ Marte é a parte ígnea do signo zodiacal de Bélier, relativa ao Sol.

♀ Vênus é o Sol dominando os elementos.

A síntese de todos os signos precedentes é Mercúrio, con-
tendo o Sol, a Lua e os elementos.

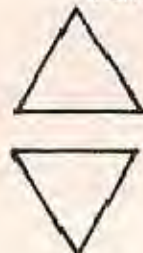


Se até agora não vimos a aplicação prática de todos esses símbolos, a partir de agora nós a veremos. Mas antes vamos traduzir em linguagem geométrica as primeiras frases da Tábua das Esmeraldas:

A verdade nos três mundos



É que em cima é
 como embaixo



Para cumprir os milagres de uma só coisa



E como todas as coisas vieram do Uno



Assim todas as coisas nasceram dessa
 coisa única por adaptação (a cruz é o
 símbolo da adaptação).



III

Se desejássemos falar longamente das histórias simbólicas, teríamos de nos reportar a toda mitologia. O plano de trabalho que nos traçamos impede, no entanto, incursões em campos distantes, quase infinitos.

Mas não queremos terminar esse capítulo sem citar al-
guns trechos que mostram claramente o quanto erraram os
tradutores da Bíblia, tomando seus originais num sentido pu-
ramente literal. Fabre d'Olivet levantou-se contra esses erros,

Saint-Yves d'Alveydre esclareceu muita coisa e reabilitou o pensamento de Moisés.

“Para inocentar o legislador dos hebreus das calúnias teológicas de que ele foi objeto, peço ao leitor que levante comigo o espesso véu de que falei páginas atrás.

Tal como o IEVE masculino e feminino, Adão possui uma significação bem mais vasta do que aquela formulada pelos naturalistas que tentaram exprimir a força cosmogônica especificada no surgimento do homem.

Adão é o hierograma desse princípio universal e representa a alma inteligente do universo, o verbo universal que anima todos os sistemas solares, não apenas os da ordem visível mas os muitos outros da ordem invisível. Quando Moisés fala do princípio motor do nosso sistema solar, não é de Adão que ele fala mas de Noé.

Sombra de IEVE, pensamento vivo e lei orgânica de Aloim, Adão é a essência celestial de onde emanam todas as humanidades passadas, as presentes e as futuras, não somente aqui mas na imensidade infinita dos céus.

É a alma universal da vida, Nefequê Haiá, dessa substância homogênea, que Moisés chama de *Adamá*, o que Platão chama de *Terra superior*.

Expresso literalmente o pensamento cosmogônico de Moisés, pois tal é o Adão dos santuários de Tebas e do Baereschit, o grande homem celeste de todos os antigos templos, da Gália aos confins da Índia”. (Saint-Yves d'Alveydre, pág. 135, *Adam*).

“A famosa serpente do pretendido jardim das delícias não significa outra coisa, no texto egípcio de Moisés, do que aquilo que Geoffroy Saint-Hilaire exprimiu (atração de si por si mesmo): Nabash, a atração original, cujo hieroglifo era uma serpente desenhada de um modo particular.

A palavra *Haroum* designa o famoso Hariman do primeiro zoroastro e exprime o arrebatamento universal da natureza, causado, pelo princípio precedente”, (Saint-Yves, *Mission des Juifs*, pág. 136).

“Quanto ao Edeon, eis o que ele significa no texto hermético de Moisés, monge de Osíris:


Gan-Bi-Heden, morada de Adão e Eva, representa o organismo da esfera universal do tempo, a organização da totalidade do que é temporal.

Os famosos rios que são quatro em um só, isto é, que formam um quaternário orgânico, não são o Tigre, o Eufrates, o Tibre, o Sena ou o Tâmis, uma vez que os dez primeiros capítulos de Moisés são uma cosmogonia e não uma geografia.

Esses pretensos rios são fluidos universais que partindo de Gã, a potência orgânica por excelência, inundam a esfera temporal, Heden, o tempo de Zoroastro, posta ela mesma entre duas eternidades, uma anterior, Kaedem, outra posterior, Gholim.”

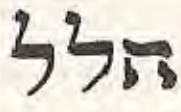
Vamos mostrar, enfim, segundo a etimologia fenícia de alguns nomes mitológicos gregos, a realidade da importância dos nomes próprios para exprimir racionalmente a maior parte dos mitos antigos.

Eurídice

Eurídice (ευρυδίκη)  Visão, claridade, evidência.
o que mostra ou ensina aspectos do bem.

“O nome de Eurídice tem-se prestado a confusões. Da lenda que cerca seu nome pode-se deduzir que o homem não pode perceber a verdade, antes de estar iluminado interiormente, sem o risco de perdê-la em seguida. Se ele ousa contemplá-la de dentro das trevas da razão, ela se dissolverá ante seus olhos. Esse o significado da fábula de Eurídice, que foi perdida e reencontrada” (Fabre d’Olivet).

Helena — Páris — Menelau

Helena {  Idéia de esplendor, de glória, de
(a Lua) { elevação.

Páris Πάρις	{	בר ou פר	(Bar ou Par) Toda geração, propagação, o ser princípio.
Menelau Μενελαος	{	מר	(Men) Tudo que determina, regula, define alguma coisa. A faculdade da razão, a medida. (<i>mensura</i>).
	{	אש	(Âosh) Ser princípio agente, diante do qual se coloca o princípio para exprimir relação genitiva.
			<i>Menah-L-Aosh</i> . Faculdade racional ou reguladora do ser em geral, do homem em particular.

Sentido de alguns nomes próprios

θεος	אש	(Aôs) Um ser princípio, procedente da letra hemântica que é o signo da perfeição.
Ηρωας	אש יר	precedido de יר exprime tudo que domina.
Δαιμων (Δημ)		A Terra, reunida à palavra ων, a existência.
Εον (Αιων)	נר	Princípio de vontade, ponto central de desenvolvimento.
	ידי	(<u>Ion</u>) A faculdade geradora.

Essa última palavra significa, num sentido restrito, uma pomba, símbolo de Vênus. É o famoso Yoni dos indianos, o mesmo Yin dos chineses, a natureza plástica do universo. Daí veio o nome Jônia, dado à Grécia.

Poesia (Ποιησις)	{	פיה	(Foe) Boca, voz, linguagem, discurso.
	{	יש	(Ish) Um ser superior, uma figura Deus.

Apolo	{	אב (Ab ou Ap) junto à Wólon. O pai universal, infinito, eterno.
Dionísio (Διονυσος)	{	Δεος O deus vivo (genitivo). νοος O espírito do entendimento. O entendimento do deus vivo.
Orfeu	{	אור (Aur) Luz. רפה (Rofe) Aquele que ensina, precedido de עב (bem). Aquele que aponta a luz.
Hércules	{	הדר ou שדר (Härr ou Sharr) Excelência, soberania. כל O todo.

(Fabre d'Olivet)

CAPÍTULO V

Expressão analítica das idéias — Quadro de analogias — A magia — As dez proposições da “Ísis Revelada”, por H. P. Blavatsky — Quadro mágico do quaternário de Agripa — A astrologia — Leitura dos quadros analógicos — Adaptação do ternário

Nos métodos empregados pelo iniciado para exprimir suas idéias, não vimos até agora qualquer mudança na forma geral da exposição. O valor dos signos empregados varia e nisso consiste todo o método. Que fazer para desenvolver as relações existentes entre os assuntos tratados?

Veremos, com freqüência, percorrendo um tratado de ciência oculta, frases como esta:

A águia se assemelha ao ar.

A frase é incompreensível, se não possuímos dela a chave. Essa chave consiste num método de exposição estabelecido sobre o método geral da ciência oculta, a analogia.

Esse método exprime as idéias de tal modo que permite ao observador entender a relação existente entre a lei, o fato e o princípio fundamental do fenômeno observado.

Uma vez conhecido o fato, podemos logo descobrir a lei que o rege e as relações entre essa lei e outros fatos. Como

duas coisas (fatos) análogas a uma mesma terceira (lei) são análogas entre si, pode-se determinar a relação existente entre o fato e qualquer outro dos fenômenos.

Esse método analisa e esclarece as histórias simbólicas. Ele é empregado apenas nos templos ou entre aluno e mestre. Ele se baseia na construção de quadros dispostos de uma certa maneira.

Para descobrir a chave do sistema, vamos reconstituir todas suas peças. Assim, por exemplo, após ler uma história simbólica, descubro que ela contém três sentidos. Primeiro, um sentido positivo que é a própria história: uma criança nasce de um pai e de uma mãe. Em seguida, um sentido comparativo exprimido pelas relações entre os personagens (entre luz, sombra e penumbra). Enfim, um sentido hermético e por isso mesmo mais geral (lei de produção) natural, o Sol e a luz produzindo Mercúrio).

A lei geral é a lei do Três. Os princípios são o ativo, o passivo e o neutro.

Para descobrir as relações entre os três fatos: *produção da criança, produção da penumbra, produção de Mercúrio*, escrevemos essas palavras umas sobre as outras, anotando os três princípios, como se segue:

+	—	∞
Pai	mãe	criança
luz	sombra	penumbra
Sol	Lua	Mercúrio

Basta lançar os olhos sobre o quadro para perceber as relações entre seus componentes. Todos os princípios ativos dos fatos observados são governados por um mesmo signo. Todos os fatos são dispostos na mesma ordem, seguindo uma linha horizontal, de tal modo que se lê o quadro verticalmente e se percebem as relações dos princípios entre si; se a leitura

é horizontal, percebe-se a relação entre fatos e princípios.
Observando seu conjunto apreendemos a lei geral.



Uma consideração geral resulta disso: como todos os fatos são governados pela mesma lei, esses fatos são análogos entre si e podem ser substituídos uns pelos outros, havendo possibilidade de escolher, para substituir uma palavra, uma outra palavra governada pelo mesmo princípio.

Daí a confusão surgida em alguns espíritos, quando vêem dois fatos aparentemente conflitivos ligados entre si, como na frase seguinte:

Nosso Mercúrio andrógino é filho do Sol barbudo e da Lua sua companheira.

Mercúrio andrógino (filho)	}	é o neutro
Sol barbudo (Pai)	}	é o ativo
Lua companheira (Mãe)	}	é o pasivo

e eis suas relações:

+	—	∞
Sol	Lua	Mercúrio
Pai	Mãe	Filho
Ouro	Prata	Dinheiro

Nosso mercúrio andrógino é a criança do ouro e da prata.

Voltemos a algumas palavras sobre a alquimia do capítulo precedente e tudo poderá ser compreendido.

Outras frases são bastante fáceis de serem reduzidas, para aquele que conhece suas relações, sendo incompreensíveis para o profano.

O alquimista não dirá jamais: transformar o sólido em líquido mas “converter a terra em água”. Mas muitas pessoas, ignorantes do sentido alquimista das frases, tomam-nas ao pé da letra, como no caso.

Transformarás a água em terra e separarás a terra do fogo.

Interpretada literalmente, a frase daria um trabalho formidável e inútil a qualquer experimentador. Por isso algumas pessoas consideradas instruídas costumam afirmar que a física dos antigos se resumia no estudo e no conhecimento dos quatro elementos: terra, água, ar, fogo. Esses são os que consideram os livros herméticos tão obscuros e sem sentido.

Os quadros indicadores das relações entre as coisas são fundamentais na compreensão da magia e da astrologia. Há tanto preconceito cercado esses assuntos que algumas palavras esclarecedoras nunca são demais.

A M a g i a

A magia era o exercício de propriedades psíquicas adquiridas nos diversos graus de iniciação. O desenvolvimento da vontade é o fim que todo homem deve ter em mente, se deseja comandar as forças da natureza. Mas isso é possível? Sem dúvida, embora essa afirmativa possa chocar profundamente as concepções contemporâneas. Vejamos os fatos.

O mundo conhecido existe dentro de um outro mundo desconhecido pelos sentidos. O mundo visível é uma cópia desse outro mundo invisível, no qual há seres espirituais divididos em diversas classes. Uns, insensíveis ao bem e ao mal, são conhecidos como espíritos elementares, ou elementais.

Outros, vestígios vitais de homens imperfeitamente desenvolvidos, vontades perversas e suicidas, são conhecidos como espíritos larvais. A avidez é sua principal característica.

Esse mundo, enfim, é povoado por nossas idéias, inquietas como seres reais.

“Cada pensamento do homem passa, no instante em que se desenvolve, a viver como uma entidade ativa por uma fusão com aqueles que podemos chamar elementais — uma dessas forças quase inteligentes da natureza. Essa fusão, ou o resultado dela, permanece em estado dinâmico por maior ou menor tempo, conforme a intensidade da ação cerebral que a gerou.

Assim, um bom pensamento é perpetuado como um poder ativamente benéfico e um mau pensamento mantém-se vivo como um demônio maligno. E desse modo o homem povoa continuamente, com a corrente que dele emana, o espaço de um outro mundo onde se comprimem os filhos de sua fantasia: desejos, impulsos, paixões. Essa corrente atua na proporção de sua intensidade sobre dinâmica, sobre toda organização sensível, ou nervosa, que se ponha em contato com ela. Os budistas chamam a isso *Shandba*, os hinduístas dão-lhe o nome de *Karma*” (Kout-Houmi, *Monde Occulte*, pág. 170 — tradução para o francês de Gaboriau).

O agente através do qual se pode atuar junto a essas forças é a vontade. Vimos no Capítulo III que as faculdades humanas são, por si mesmas, indiferentes ao bem e ao mal. O mesmo se dá com os elementais.

Ocorre algumas vezes que os seres humanos abandonam completamente o uso da vontade e procuram entrar em contato com o mundo invisível. É assim que as criaturas perversas ganham vitalidade, alimentando-se naqueles que antigamente eram chamados feiticeiros e hoje são chamados de médiuns pelos espíritas.

A diferença entre um mago e um feiticeiro está em que o primeiro sabe o que faz e prevê os resultados do que rea-

liza, enquanto que o segundo não tem o menor controle sobre sua atividade.

O importante é, assim, a vontade, e todas as tradições antigas são unânimes a esse respeito, como o afirma Fabre d'Olivet: "Hiérocles dizia que a vontade pode influir na providência, quando atuando numa alma forte, assistida do apoio do céu e operando juntamente com ele. Essa era parte da doutrina que só chegava aos iniciados, sendo vedada aos profanos. Segundo ela, da qual reconhecemos fortes traços na obra de Platão, a vontade, fortalecida pela fé, pode subjugar a própria necessidade, comandar a natureza e operar milagres. Ela é o princípio no qual repousa a magia dos discípulos de Zoroastro.

Jesus disse através de parábolas que a fé removia montanhas, de acordo com a antiga tradição teosófica conhecida em todos os tempos. 'A retidão do espírito e a fé triunfam sobre quaisquer obstáculos', dizia Kung-Tsé. 'Todo e qualquer homem pode igualar-se aos sábios e aos heróis cuja memória todos reverenciam', afirmava Mo-Tsé, acrescentando: 'Não é o poder que falta, é a vontade'."

Essas idéias dos teosofistas chineses são as mesmas dos indianos e idênticos às dos europeus. "Quanto maior é a vontade — diz Boehme — maior é o ser, e mais intensamente é ele inspirado. A vontade e a liberdade são uma só coisa" (Fabre d'Olivet, *La Volonté*, pág. 254).

É essa fonte de luz, a magia, que tira do nada alguma coisa. A vontade que segue resolutamente seu caminho é a fé. Ela modela sua própria forma e através dela a alma recebe o poder de levar sua influência a uma outra alma, penetrando-a mais intimamente. Com Deus, a vontade pode remover montanhas, fender os rochedos, confundir os ímpios, realizar prodígios, comandar os céus e o mar e aprisionar a própria morte. Tudo se lhe submete. A alma que realiza tudo isso nada mais faz que imitar os profetas e santos, Moisés, Jesus e seus apóstolos. Todos os eleitos possuem semelhante poder. O mal desaparece em sua presença. Nada pode acontecer àquele que Deus habita" (Jacob Boehme).

A principal tarefa é concentrar em torno do adepto uma quantidade maior de força universal, de movimento, por meio do qual ele possa produzir os resultados proporcionais à intensidade de suas faculdades psíquicas.

“O cérebro humano é um gerador inesgotável de força cósmica da melhor qualidade, que ele extrai da energia inferior da natureza bruta; ele é um centro resplandescente de possibilidades, de onde nascerão correlações sobre correlações, através dos séculos vindouros. Tal é a chave do poder misterioso que ele possui, de projetar e materializar no mundo visível as forças de sua imaginação, as quais foram compostas no invisível com a matéria cósmica inerte. O adepto nada cria de novo mas apenas emprega, manipulando-os, os materiais que a natureza dispõe em grandes reservas ao seu redor, a matéria primordial que desde a eternidade vem-se modificando através de todas as formas. Não é preciso senão escolher aquilo de que se necessita. Isso não parece aos vossos sábios o sonho de um louco?” (Kout-Houmi. Op. cit. pág. 167).

As relações entre o visível e o invisível chegaram a seu limite. Daí o método empregado visando a fixar a vontade nas operações mágicas. Um adepto não pode produzir um efeito em oposição à natureza, um milagre, simplesmente porque isso não existe.

Para nos explicarmos melhor, eis as conclusões de *Ísis Revelada*, de madama Blavatsky:

“1 — Não há milagres. Tudo o que acontece é o resultado da lei eterna, imutável, sempre ativa. O milagre aparente não é senão uma operação de forças anatômicas, às quais o dr. B. Carpenter (membro da Real Sociedade), homem de grandes conhecimentos mas pouca sabedoria, chama ‘leis bem demonstradas da natureza’. O dr. Carpenter ignora, como muitos dos seus colegas, que antigas leis hoje são desconhecidas da ciência.

2 — A natureza é *tri-una*:

a) natureza visível, objetiva;

- b) natureza invisível, oculta, modelo exato e princípio vital de outra;
- c) abaixo dessas duas está o espírito, origem de todas as forças, eterno e indestrutível.

As naturezas inferiores mudam constantemente, as mais elevadas não mudam nunca.

3 — O homem é também *tri-uno*:

- a) o corpo físico, o homem objetivo;
- b) o corpo astral, a alma, é o homem real;
- c) os dois são fortalecidos e iluminados pelo terceiro, o espírito imortal.

Quando o homem real se funde com este último, ele se transforma em entidade imortal.

4 — A magia considerada como ciência é o conhecimento desses princípios e da via pela qual a onisciência e a onipotência podem ser adquiridas pelo indivíduo enquanto ele ainda está no corpo físico.

5 — O conhecimento dos mistérios constitui a feitiçaria; adotada com a idéia de bem, ela constitui a verdadeira magia ou sabedoria.

6 — O médium se opõe ao adepto. O médium é o instrumento passivo das influências estranhas, o adepto exerce *ativamente* sua potência sobre si mesmo e sobre as potências inferiores.

7 — Tudo que é foi e será estando estereotipado na luz astral, o adepto iniciado, usando a visão de seu próprio espírito, pode saber todo o conhecido e todo o conhecimento futuro.

8 — As raças humanas diferem em dons espirituais como diferem em características pessoais (cor, estatura etc.). Entre alguns povos prevalecem os videntes, entre outros os médiuns.

Alguns são chegados à feitiçaria e transmitem, uns aos outros, as regras secretas, que passam de geração a geração. Essas regras incluem fenômenos psíquicos mais ou menos importantes.

9 — Uma fase de habilidade mágica é a extração consciente do homem interior para fora do homem exterior (corpo físico). No caso de alguns médiuns essa saída ocorre; mas ela é inconsciente e involuntária; seu corpo sofre um processo aproximado ao da catalepsia, na ocasião. Entre os adeptos não se percebe a ausência da forma astral, uma vez que os sentidos estão alertas e o indivíduo parece apenas estar num estado de recolhimento, 'estar longe', como se diz.

O tempo e o espaço não oferecem qualquer obstáculo à peregrinação da forma astral. O taumaturgo hábil na ciência oculta pode fazer de maneira que seu corpo físico desapareça ou tome a aparência que quiser. Isso resulta, naturalmente, de alucinações mesméricas coletivas de todas as testemunhas. Essa alucinação pode ser tão perfeita que uma testemunha chegará a jurar que viu o que na realidade não ocorreu. Nada houve além da fixação da vontade irresistível do hipnotizador no quadro do espírito do observador.

Enquanto a forma astral pode locomover-se a qualquer lugar, as aparências estão sujeitas a métodos extraordinários de transporte. Um corpo pode ser levantado em condições magnéticas especiais mas não pode ir de um lugar ao outro. A matéria inerte pode, em certos casos e sob certas condições, ser desintegrada e passar através de corpos materiais, como paredes, para depois ser novamente integrada. Um organismo vivo não conseguiria isso nunca.

Os partidários de Swedenborg acreditam e a ciência antiga ensina que freqüentemente a alma abandona o corpo vivo e que cada dia, em cada condição de existência, podemos deparar com esses cadáveres vivos. Isso pode resultar de causas várias, como uma dor muito forte, um desespero muito agudo, uma doença grave.

Na *carcaça* vazia pode entrar e residir a forma astral de um adepto feiticeiro ou um elementar (alma humana desencarnada ligada à Terra) ou ainda, mais raramente, um elemental. Um adepto da magia possui, naturalmente, o mesmo poder; mas, exceto quando ele tem a obrigação de cumprir uma missão importante ou excepcional, ele não desejará se manchar ocupando o corpo de uma pessoa impura.

Na loucura, o ser astral do paciente está paralisado, perturbado e sujeito à influência de todo espírito passante, ou então já partiu para sempre e o corpo está sob o domínio de alguma entidade vampírica em vias de desintegração, que se agarra desesperadamente à Terra da qual ela saboreou os prazeres sensuais que ela quer prolongar de todo modo.

10 — A pedra angular da magia é um conhecimento prático e aprofundado do magnetismo e da eletricidade, de sua qualidade, de sua correlação e de sua potencialidade. O que é, acima de tudo, necessário, é a familiarização com seus efeitos no reino animal e no reino humano, bem como acima deles.

As plantas possuem, em grau elevado, propriedades místicas e os segredos das plantas que produzem alucinações são praticamente desconhecidos da ciência européia, exceto nos casos raros do ópio e do canabis. Os efeitos dessas plantas sobre o corpo humano são diagnosticados como casos de loucura passageira. As mulheres da Tessália e do Épiro, as mulheres hierofantes dos ritos de Sabásio, nunca deixaram seus segredos saírem de seu santuário. Esses segredos são cuidadosamente conservados mas aqueles que conhecem a natureza do Soma conhecem também as propriedades das outras plantas.

Resumindo, a magia é a sabedoria espiritual, a natureza é a aliada espiritual, a pupila e a servidora do mago. Um princípio vital comum preenche todas as coisas e ele pode ser resultado da vontade humana em seu mais elevado nível. O adepto pode estimular o movimento das forças naturais nas plantas e nos animais, em grau sobrenatural. Essas ações,

longe de obstruir o curso da natureza, agem como coadjuvantes, fornecendo as condições de uma ação vital mais intensa.

O adepto pode dominar as sensações e alterar as condições do corpo físico e astral de outras pessoas não adeptas. Pode também governar os elementais como lhe agrada. Ele só não pode exercer sua ação sobre o *espírito imortal* de algum ser vivo ou morto, uma vez que esses espíritos são as fulgurações da essência divina e não se submetem a qualquer dominação estranha” (H. P. Blavatsky).

Essa passagem notável lança luz sobre o mistério das práticas mágicas e sobre os fenômenos relacionados com os espíritos. É interessante estudar também as teorias concernentes aos intermediários entre o homem e o invisível. Para isso, lancemos mão ainda uma vez de Fabre d'Olivet:

“Pitágoras designava Deus por 1, a matéria por 2, e exprimia o universo pelo número 12, que é a reunião dos dois outros. Esse número se formava pela multiplicação de 3 por 4. Assim, esse filósofo concebia o mundo como composto de três mundos particulares que, encadeados um ao outro em meio a quatro modificações elementares, desenvolviam-se em doze esferas concêntricas.

O ser inefável que enchia as 12 esferas era Deus. Segundo Pitágoras, sua alma era a verdade e seu corpo era a luz. As inteligências desses três mundos eram primeiramente deuses imortais, depois heróis glorificados e finalmente demônios terrestres.

Os deuses imortais, emanções diretas do Ser infinito e manifestações de suas faculdades eternas, eram assim designados porque não podiam jamais ser esquecidos pelo Pai ou errar nas sombras da ignorância e da impiedade. Os heróis glorificados e os demônios terrestres podiam morrer para a vida divina devido a seu afastamento voluntário de Deus, uma vez que a morte da essência intelectual não era senão, segundo Pitágoras, nisso imitado por Platão, a ignorância e a impiedade.

Entre o Ser supremo e o homem há uma cadeia imensa de seres intermediários cuja perfeição decresce em função de seu afastamento do princípio criador.

Todos os filósofos e seguidores que aceitam essa hierarquia espiritual viam, dentro dessa relação própria, os seres diferentes que a compunham. Os magos da Pérsia davam a essa hierarquia nomes relativos a suas perfeições e usavam para as invocar nomes diversos. Os judeus receberam dos persas a magia, durante seu cativeiro na Babilônia. A esses ensinamentos chamaram cabala. Os caldeus misturaram a magia à astrologia, considerando os astros como seres animados da cadeia universal das emanções divinas. Essa crença misturou-se no Egito aos mistérios da natureza e foi mantida oculta nos santuários, distante dos não iniciados pelos signos de difícil acesso que eram os hieroglifos. Pitágoras concebia essa hierarquia espiritual como uma progressão geométrica, fundindo as leis do universo às leis que regem a música. Ele chamava harmonia ao movimento das esferas celestes e se serviu de números para exprimir as faculdades dos diferentes seres, suas relações e suas influências. Hiérocles menciona um livro sagrado atribuído a esse filósofo, na qual a divindade era chamada de Número dos Números.

Platão havia considerado, alguns séculos depois, esses mesmos seres como idéias e tipos. Ele tentou penetrar sua natureza, submetendo-os à dialética e à força do pensamento.

Sinésio, que associou a doutrina de Pitágoras à de Platão, chamava Deus de número dos números e idéias das idéias. Os gnósticos davam aos seres intermediários o nome de Eons. Essa palavra, que significa em egípcio princípio de vontade, desenvolvendo-se por uma faculdade própria, inerente, é usada em grego como referência a uma duração infinita.” (Fabre d’Olivet, *Vers Dorés de Pythagore*.)

Para mostrar até que ponto essas relações eram desenvolvidas pelos antigos mestres, vamos reproduzir um dos quadros mágicos de Agripa, o relativo ao quaternário. Veremos como os princípios, as leis e os fatos são alinhados em quadros

análogos. Veremos, por exemplo, por que, para comandar os espíritos do *ar* é necessário uma pena de águia (*Eliphas Levi, Rituel de Haute Magie*) segundo as relações analógicas existentes entre o elemento e a ave. Tudo isso consiste num método para fixar a vontade.

Outra questão que devemos abordar antes de prosseguir é a que se refere à predição de acontecimentos futuros. A ciência divinatória por excelência é a astrologia. Sendo tudo analógico na natureza, as leis que guiam os mundos em seus cursos guiam também a humanidade, o cérebro da Terra, e os homens, células da humanidade. Mas o império da vontade é tão grande que ela pode chegar a dominar a necessidade. Daí a seguinte fórmula, básica na astrologia:

Astra inclinante, non necessitant.

A necessidade, para o homem, deriva de suas ações anteriores, daquilo que os hindus chamam de carma. Essa é também a idéia de Pitágoras e portanto de todos os santuários antigos. Eis a síntese do carma:

“O nirvana, explica o *Ísis*, significa a certeza da imortalidade individual em *espírito*, não em *alma*. Esta fazendo parte de uma emanção finita, de aspirações e paixões em relação a qualquer forma objetiva da existência, as quais devem se desintegrar antes que o espírito imortal, fechado no *eu*, esteja totalmente livre e portanto garantido contra toda nova transmigração. Como poderia o homem atingir esse estado não tendo ainda sumido de sua natureza aquele desejo de sentir, de viver, revestido ainda o ser do *ahankara*?”

É o *upadana*, ou desejo intenso, que produz a vontade, que desenvolve a força, e é essa que engendra a matéria, isto é, um objeto com forma. Assim, o eu desencarnado fornece inconscientemente condições próprias a suas próprias gerações sucessivas, sob formas diversas. Estas dependem do seu estado mental e de eu carma, isto é, das boas e más ações da existência anterior e do que se chama comumente de méritos e deméritos” (Mme. Blavatsky).

Escala quaternária de correspondência dos elementos

	FOGO	AR	ÁGUA	TERRA	Arquétipo	Macrocosmo	Microcosmo
Arquétipo	Miguel	Rafael	Gabriel	Uriel		Lei de gravitação	Lei de prudência
Anjos do céu	Serafins	Querubins	Tarsis	Ariel			
Chefe dos elementos	Leão	Águia	Homem	Vitela			
Animais de santidade	Áries	Jumento	Lagostim	Touro			
	Leão	Balança	Escorpião	Virgem			
Triplicidade dos signos	Sagitário		Peixes	Capricórnio			
Estrelas e planetas	Marte e Sol	Júpiter e Vênus	Sat. e Merc.	Estrelas fixas e Lua			
Qualidade dos elementos celestes	Luz	Diáfano	Agilidade	Comunidade			
Elementos	Fogo	Ar	Água	Terra			
Qualidade desses elementos	Calor	Úmido	Frio	Seco			
Tempo	Verão	Primavera	Inverno	Outono			
Eixos do mundo	Oriente	Ocidente	Setentrional	Meridional			
Gêneros de mistos perfeitos	Animais	Plantas	Metais	Pedras			
Tipos de animais	Que caminham	Que voam	Que nadam	Répteis			
Elementos das plantas	Sementes	Flores	Folhas	Raízes			
Metais	Ouro e ferro	Cobre e estanho	Prata	Chumbo e prata			
Pedras	Ardentes	Transparentes	Congelados	Opacos			
Elementos do homem	Entendimento	Espírito	Alma	Corpo			
Potencialidades da alma	Entendimento	Razão	Fantasia	Sentidos			
Virtudes morais	Fé	Ciência	Opinião	Experiência			
Sentidos	Justiça	Temperança	Prudência	Força			
Elementos do corpo humano	Visão	Audição	Olfato, paladar	Tato			
Quádruplo espírito	Espírito	Carne	Humores	Ossos			
	Animal	Vital	Engenhoso	Natural			
Humores	Colérico	Sanguíneo	Pituitário	Melancólico			
Complexos	Impetuosidade	Alegria	Preguiça	Lentidão			
Rios do inferno	Flegeton	Cocito	Estix	Acheron			
Demônios nocivos	Samael	Azazel	Azael	Mahazel			
Mestres demônios	Orien	Pagrus	Egien	Amacus			

É o conjunto desses méritos e deméritos que constituem, para o homem, a necessidade. Poucos sabem dirigir sua vontade de tal maneira que ela possa influir em seu destino.

“O futuro é feito do passado. Isso significa que a rota que o homem percorre no tempo e que ele modifica pela sua vontade livre, já foi por ele percorrida e modificada. Do mesmo modo, para usar uma imagem diferente, que a Terra descreve sua órbita anual em volta do Sol percorrendo os mesmos espaços. Seguindo uma rota que ele próprio traçou, o homem pode não apenas prever onde o levam seus passos, como ainda prever os objetos que vai encontrar, uma vez que já os viu.

O princípio proposto, de que o futuro é apenas uma volta do passado, seria insuficiente para conhecer bem a astrologia. É necessário um segundo princípio, segundo o qual a natureza é sabidamente a mesma em toda parte, sendo sua ação uniforme no menor nível como no mais alto nível.

Este princípio trazia à tona dogmas antigos sobre o desenvolvimento do universo, em geral e em particular: dogma ensinado em todo canto da Terra, segundo o qual o não apenas o grande todo, mas todos os inumeráveis mundos que são como seus membros — o céu, o céu dos céus, os astros, os seres que os povoam, as plantas e os metais — são penetrados pela mesma alma e pelo mesmo espírito. Stanley atribui essas idéias inicialmente aos caldeus, Kircher atribui esses dogmas aos egípcios e o sábio rabi Maimônida remonta-os aos sabeus” (Fabre d’Olivet, *Vers Dorés*, pág. 273).

Pesquisando a origem dessas idéias, verificamos que, como toda sabedoria antiga, ela existiu espalhada por toda Terra, como podemos ver a seguir, ainda na palavra de Fabre d’Olivet:

“Deixai que os loucos ajam. Sem fim e sem causa, Deveis, no presente, contemplar o futuro.

Isto é, deves considerar quais os resultados dessa ou daquela ação e imaginar que esses resultados dependem de

ti, de tua vontade, embora eles ainda estejam para nascer, tornando-se domínio da necessidade no momento da ação, compondo a tela onde será pintado um novo amanhã.

Reflitamos sobre algumas idéias de Pitágoras. Ali encontraremos as verdadeiras origens da ciência astrológica dos antigos. Os egípcios, caldeus, fenícios, não separavam essas idéias das que regulam o culto dos deuses. Seus templos eram uma imagem resumida do universo e a torre que servia de observatório erguia-se ao lado do altar de sacrifícios. Os primitivos habitantes do Peru seguiam, a esse respeito, os mesmos princípios seguidos pelos gregos e pelos romanos. Em toda parte o grande pontífice unia ao sacerdócio a ciência astrológica. Entre os etruscos, essa ciência era guardada como segredo de Estado, tal como na China, no Japão e em Roma. Os brâmanes só a confiavam a umas poucas pessoas.

É fácil compreender que uma ciência universal, ligada em todo lugar às coisas que os homens sempre consideraram santas, não pode ser produto da loucura ou da estupidez, como repetem os moralistas.

A antiguidade não era louca ou estúpida, nem sua ciência é inexistente só porque nos é hoje desconhecida ou porque difere do que aprendemos como ciência”.

O alfabeto da astrologia

Neste tratado elementar será impossível abordar, em detalhes, assunto tão vasto e complexo quanto a astrologia. Daremos aos interessados alguns quadros que lhes permitirão uma boa orientação. Solicitamos a esses interessados que procurem aprender com o *coração*, mesmo quando vejam obscuridades momentâneas. Outras obras poderão esclarecer ainda melhor o assunto, tais como o *Traité d'Astrologie Judiciaire*, de Abel Haatan, e o resumo de Selva. Para estudar as

relações entre a astrologia e a magia, veja-se nossa obra *Traité Elementaire de Magie Pratique*, páginas 228 e seguintes.

PLANETAS	SIGNOS	CORES	DIAS DA SEMANA	METAIS
Saturno	♄	Negra	Sábado	Chumbo
Júpiter	♃	Azul	Sexta-feira	Estanho
Marte	♂	Vermelha	Terça-feira	Ferro
Sol	☉	Amarela	Domingo	Ouro
Vênus	♀	Verde	Quinta-feira	Cobre
Mercúrio	☿	Multicor	Quarta-feira	Mercúrio
Lua	☾	Branca	Segunda-feira	Prata

Planetas masculinos: Saturno, Júpiter, Marte, Sol.

Planetas femininos: Vênus, Lua.

Planeta neutro (masculino com masculino, feminino com feminino): Mercúrio.

Planetas benéficos: Júpiter, Vênus, Sol.

Planetas maléficos: Saturno, Marte.

Planetas neutros: Mercúrio, Lua.

Partes do céu moradas dos planetas

	Casa principal ou diurna	Casa secundária ou noturna
Saturno	Capricórnio	Aquário
Júpiter	Sagitário	Peixes
Marte	Áries	Escorpião
Sol	Leão	—
Vênus	Touro	Libra
Mercúrio	Virgem	Gêmeos
Lua	Câncer	—





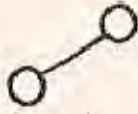
Os signos do zodíaco

(ver página 51 da obra de Abel Hasstan)

Signos do Fogo	Áries	Leão	Sagitário
" da Terra	Touro	Virgem	Capricórnio
" do Ar	Gêmeos	Libra	Aquário
" da Água	Câncer	Escorpião	Peixes

Situação respectiva dos planetas

(Signos correntes)

	Dútil	ângulo de 30 graus entre os planetas	
	Sêxtil	" 60	"
	Quadratura	" 90	"
	Trino	" 120	"
	Quinconce	" 150	"
	Oposição	" 180	"

Quando, em consequência de perseguições exercidas pelo poder arbitrário, os iniciados foram obrigados a salvar os princípios de sua ciência, eles compuseram um livro misterioso baseado nos astros, resumo e chave de toda a sabedoria arcana, e permitiram a leitura desse livro no mundo profano — guardando a chave de seus significados. Os alquimistas conheceram o sentido mais profundo desse livro e muitos dos seus tratados, entre outros as doze chaves de Bazile Valentin, são baseados exatamente na sua interpretação. Guillaume Postal, reencontrou aquele sentido perdido e o chamou de *gênese de Henoch*; os rosa-cruzes também obtiveram aqueles segredos e os grandes iniciados como Saint-Martin receberam-no de outros. Melhor desenvolvimento disso pode ser encontrado no *Rituel de Haute Magie*, de Eliphas Levi.

Mas vamos examinar rapidamente as ciências para as quais os quadros analógicos são indispensáveis. As histórias simbólicas representam o sentido positivo das verdades enunciadas; os quadros correspondem ao sentido comparativo e a análise às suas verdades. Agora vamos estudar os signos que correspondem à síntese.

Resta antes elucidar duas questões: a construção e a leitura desses quadros. Para construir um quadro analógico é necessário determinar um algarismo (1, 2, 3, 4 etc.) do qual o quadro é o desenvolvimento. Assim, o quadro abaixo é construído sobre o algarismo 4. Teremos tantas colunas quantos são os princípios estudados. Sob o número três, tomemos os seguintes elementos:

Osíris	Ísis	Hórus
Pai	Mãe	Filho
Sol	Lua	Mercúrio
Luz	Sombra	Penumbra
Fogo	Água	Ar

Constatamos claramente um enunciado nesse quadro, mas não sabemos de que os fatos constituem o desenvolvimento. Assim, torna-se necessário acrescentar uma coluna suplementar às colunas precedentes, na qual escreveremos aquilo que, no caso, nos falta.

1. ^a COLUNA SUPLEMENTAR	COLUNA POSITIVA	COLUNA NEGATIVA	COLUNA NEUTRA
Deus segundo os egípcios A família Os três astros A claridade Os elementos	Osíris Pai Sol Luz Fogo	Ísis Mãe Lua Sombra Água	Hórus Filho Mercúrio Penumbra Ar

Mas todos esses fatos, por mais numerosos que sejam, dispõem-se conforme a hierarquia dos três mundos; torna-se ainda necessário acrescentar outra coluna, o que eleva a duas

o número de colunas suplementares que é preciso acrescentar a todo quadro analógico. Eis o quadro definitivo:

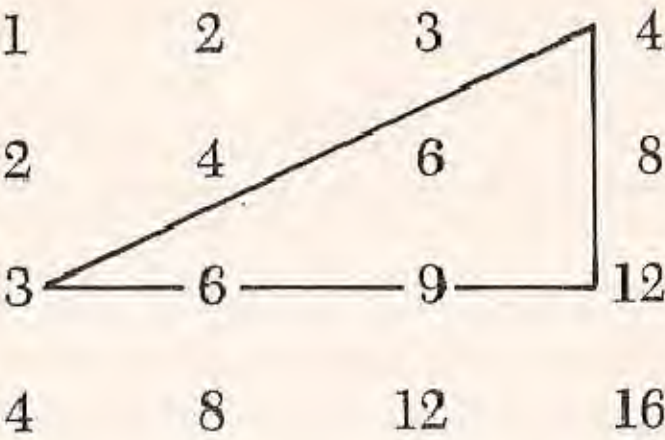
1. ^a COLUNA SUPLEMENTAR	+ COLUNA POSITIVA	- COLUNA NEGATIVA	∞ COLUNA NEUTRA	2. ^a COLUNA SUPLEMENTAR
Deus segundo os egípcios A família Os três astros A claridade Os elementos	Osíris Pai Sol Luz Fogo	Ísis Mãe Lua Sombra Água	Hórus Filho Mercúrio Penumbra Ar	Mundo arquétipo Mundo moral Mundo material

Basta que nos reportemos à tábua de Agripa para ver a utilização desta coluna dos três mundos.

A leitura e a prática das tábuas analógicas estão em grande parte baseadas na leitura das tábuas numéricas antigas, entre outras da tábua de Pitágoras. Tal leitura é feita a partir do triângulo-retângulo, conforme se segue:

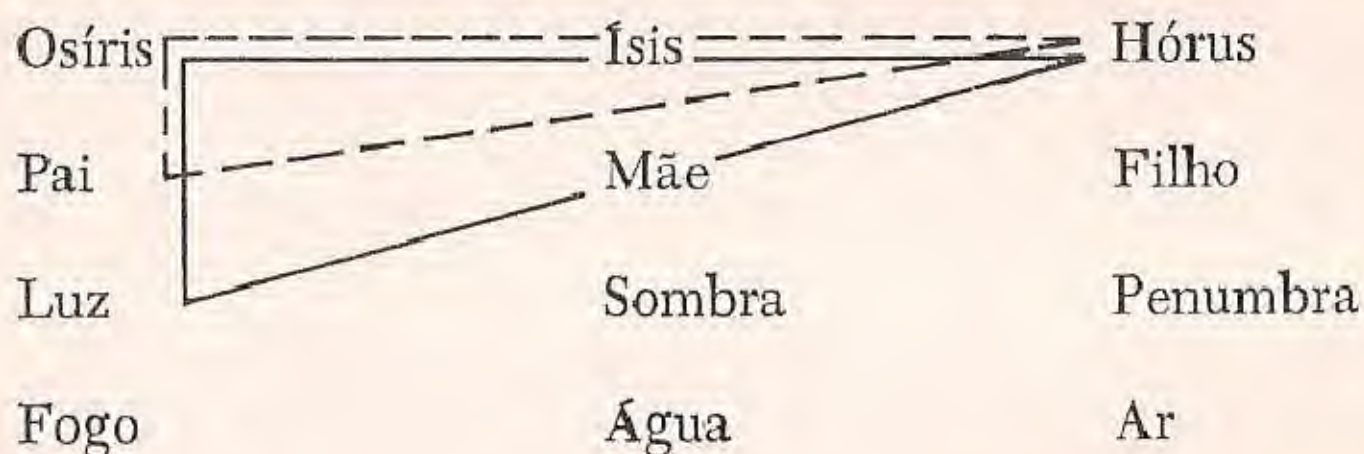
1.	2.	3.	4.
2.	4.	6.	8.
3.	6.	9.	12.
4.	8.	12.	16.

Trata-se de buscar qual o número que dá a multiplicação de 3 por 4. O resultado procurado estará no ângulo direito de um triângulo-retângulo do qual os dois outros ângulos serão formados pelos elementos da multiplicação, conforme se segue:



Verifica-se que o resultado 12 está no ângulo direito do triângulo-retângulo.

Basta aplicar essas premissas a uma tábua analógica para formar estranhas frases para quem não tenha a chave, como:



1.^a frase: *Osíris é o Pai de Hórus*

2.^a frase: *Osíris é a Luz de Hórus*

2.^a frase: *Osíris é o Fogo de Hórus*

Parece-me inútil insistir a respeito das múltiplas combinações que podem advir desse modo de escrever. Pode-se virar o ângulo direito do triângulo, dirigindo-o, por exemplo, para a palavra Hórus e ler a seguinte frase:



Hórus é a Penumbra de Osíris, frase bastante obscura para quem não conhece a chave.

O método ou lógica do ocultismo — A analogia e as tábuas analógicas⁽¹⁾

O ocultismo busca com todas as suas forças determinar as intermediárias que podem unir dois princípios aparentemente contrários.

(1) Tirado de "*Ocultismo e Espiritualismo*" por Papus. 1.^o vol. in 18 da Biblioteca de Filosofia Contemporânea — Alcan Editor.

Algumas adaptações do ternário aos conhecimentos contemporâneos

OS 3 MUNDOS	RELAÇÕES redução à unidade	POSITIVO-ATIVO +	NEGATIVO-PASSIVO —	NEUTRO PARTICIPANTE dos dois ∞
Mundo divino	Deus segundo os cristãos Deus segundo os egípcios Deus segundo os hindus	Pai Osíris Brama	Filho Ísis Siva	Espírito Santo Horo Vixenu
Mundo intelectual	Silogismo Causalidade Pessoas do verbo Multiplicação Divisão Espaço Tempo Música Divisão dos Astros	Maior Causa O que fala Multiplicador Divisor Comprimento Presente Terça Sol	Menor Médio A quem fala se Multiplicando Dividendo Largura Passado Quinta Planeta	Conclusão Efeito De quem se fala Produto Quociente Profundidade Futuro Mediante Satélite
Mundo físico ou menor	Homem Família Reinos da natureza Reino vegetal Cores simples Química Forças em geral Magnetismo Eletricidade Calor Luz Matéria	Cabeça Vontade Pai Reino animal Dicotiledôneos Vermelho Ácido Movimento Atração Positivo Quente Luz Gasoso	Ventre Corpo Mãe Reino mineral Acotiledôneos Azul Base Repouso Repulsa Negativo Frio Sombra Sólido	Peito Vida Criança Reino vegetal Monocotiledôneos Amarelo Sal Equilíbrio Neutro Temperado Penumbra Líquido

Da mesma forma o óleo e a água são considerados como impossíveis de misturarem-se intimamente. Apenas se consegue fazer deles uma emulsão, na qual as moléculas justapõem-se sem se misturar. E, no entanto, basta um pouco de carbonato de sódio para que esses dois contrários transformem-se em um salão perfeitamente homogêneo. Tal é o papel do corpo astral em relação ao óleo espiritual e à água material, dos quais faz um sabão vital. (Pedimos desculpas ao leitor por esse exemplo técnico).

Tal é também o papel do método característico do ocultismo: a analogia, intermediária entre a dedução e a indução, apoiando-se alternativamente sobre cada uma delas, não se sujeitando às regras especiais das mesmas. A analogia está tão ligada ao ocultismo como método, como a pele ao corpo.

Entretanto, o emprego desse método pressupõe uma habilidade muito especial para evitar uma queda no excesso de imaginação, e uma vigilância de todos os instantes para produzir um resultado sério. É aí que os números prestarão serviços seguros e é de se lamentar que os livros de Euclides sobre eles não tenham merecido a glória que foi dada aos seus livros sobre geometria.

O melhor modo de mostrar o que é o método analógico consiste ainda em empregá-lo em numerosos exemplos, discutindo os resultados obtidos. É o que iremos esforçar-nos para fazer.

* * *

A lei geral da analogia é assim definida pelo Trimegista (que engloba para nós o nome coletivo da Universidade do Egito) na *Tábua de Esmeralda*:

“O que está no alto.....

é como.....

o que está embaixo

Para cumprir o milagre da unidade”.

Reparem bem que o autor da *Tábua de Esmeralda* distingue de modo absoluto, e desde o início, a analogia da si-

militude, o que consiste o erro difícil de evitar pelos principiantes. Uma coisa análoga a uma outra quase nunca é semelhante. A analogia da constituição do homem em três princípios: espírito, corpo e alma com a da constituição de uma equipagem de cocheiro, cavalo e carruagem é bastante expressiva para permitir a solução de curiosos problemas e Deus sabe a pouca similitude existente entre estas duas coisas.

Por isso, o Trimegista diz "o que está no alto é como o que está embaixo". E não diz: "O que está no alto está embaixo".

Dessa forma, protesta antes de mais nada contra a injusta acusação de panteísmo que os teólogos sempre se esforçaram em apresentar contra os ocultistas.

O primeiro ensinamento da *Tábua de Esmeralda* é, pois, a analogia dos contrários: alto e baixo, que possuem um elemento comum, do qual o prosseguimento do texto hermético determina o caráter.

O segundo ensinamento consiste no retorno à unidade desses contrários, ou a síntese unindo em si mesma todas as antíteses inferiores e isso é o princípio da *Lei Universal* de Hoené-Wronski.

Em primeiro lugar é preferível elevar-se do físico conhecido para o metafísico desconhecido, ou melhor, do visível ao invisível, a fim de estabelecer um estudo analógico, o que parece uma ingenuidade. Mas, em ocultismo, o invisível é tão determinado quanto o visível e pode-se, a escolha, buscar as formas dadas aos corpos pelo espírito, conforme a fórmula astrológica do mesmo espírito (o que consiste em partir do invisível para o visível), ou buscar o caráter astrológico do espírito conforme as formas do corpo (o que consiste em partir do visível para o invisível).

Este último método é o preconizado por Claude de Saint-Martin quando diz: "deve-se estudar a natureza conforme a constituição do homem e não o homem conforme a natureza". Com efeito, segundo a analogia e sua lei fundamental, o homem, a natureza e Deus são análogos (mas não semelhantes) e os princípios de um encontram-se analogicamente no

outro, o que originou a afirmativa de que o homem era um pequeno mundo, melhor, um mundo pequeno (microcosmo) e que a natureza era um grande mundo ou um homem ampliado, e que ambos reproduziam a lei da constituição divina: "Deus fez o homem à sua imagem". Eis a analogia formulada na Bíblia e eis o ponto de partida de todas as analogias entre o Criador e a criatura, sem que jamais se possa confundir um com o outro.

Apresentemos agora um problema que iremos procurar resolver por diversos métodos:

Qual a analogia que entre si apresentam os três segmentos do organismo: ventre, peito e cabeça?

O sábio positivista, procedendo por indução experimental, estudará os tecidos, os humores, os grupos nervosos existentes em cada centro e desse estudo induzirá uma resposta mais ou menos completa.

O filósofo, procedendo por dedução pura, determinará qual o vínculo hierárquico existente entre os três elementos estudados e, disso, deduzirá considerações mais ou menos gerais.

Tais métodos são conhecidos, tornando-se inútil detalhá-los.

Vejamos agora como procederá o analogista.

Em primeiro lugar colocará estes três elementos de estudo conforme sua hierarquia bruta:

No alto: a cabeça

No meio: o peito

Embaixo: o ventre

Isso feito, buscará em seguida qual a representação de cada um desses segmentos nos dois outros, já que a analogia carece de um ou de vários termos idênticos em cada um dos segmentos, termos os quais trata-se aqui de descobrir. Dirá então:

No ventre deve haver um elemento característico do ventre que, por seu lado, deve encontrar-se representado nos outros dois segmentos.

Teremos então:

Ventre { 1 — elemento próprio do ventre;
2 — representação do ventre no peito;
3 — representação do ventre na cabeça.

O mesmo ocorrerá para o segundo segmento, o peito, que deve ter um elemento próprio e a representação desse elemento em cada um dos dois outros segmentos.

Isto nos leva a organizar um quadro analógico de buscas escrevendo em uma primeira coluna vertical:

Cabeça

Peito

Ventre

E em uma segunda coluna horizontal:

Ventre Peito Cabeça

Trata-se de uma espécie de tábua de Pitágoras, onde os elementos de estudo fazem o papel de números e este era o verdadeiro sentido dessa tábua, tal como a empregavam os iniciados. Teremos pois um quadro assim constituído:

Cabeça			
Tronco			
Ventre			
	Cabeça	Tronco	Ventre

A analogia vai permitir que completemos as casas que ficaram vazias e que representam os elementos a descobrir, e isto de um modo muito simples. Basta reunir em cada casa vazia dois dos nomes de que esta casa constitui a interseção. (Sistema da tábua de Pitágoras para os números.)

A primeira coluna vertical será assim preenchida:

Cabeça	Cabeça na Cabeça		
Tronco	Cabeça no Tronco		
Ventre	Cabeça no Ventre		
	Cabeça	Tronco	Ventre

Mantido tal procedimento para os dois outros segmentos obter-se-á o seguinte quadro definitivo:

Cabeça	Cabeça na Cabeça	Peito na Cabeça	Ventre na Cabeça
Peito	Cabeça no Peito	Peito no Peito	Ventre no Peito
Ventre	Cabeça no Ventre	Peito no Ventre	Ventre no Ventre
	Cabeça	Peito	Ventre

Basta agora que recorramos à fisiologia e à anatomia para substituir pelos nomes dos órgãos seus caracteres dados pelo

quadro e imediatamente teremos determinado a analogia entre os contrários, isto é:

A cabeça no ventre e o ventre na cabeça;
a cabeça no peito e o peito na cabeça;
o peito no ventre e o ventre no peito.

* * *

Os nomes científicos irão esclarecer tais analogias de curiosa maneira e evidenciar o rigor do método de buscas que adaptamos à incerteza da analogia quando esta não é do mesmo modo determinada pelas interseções de vários elementos.

Para completar nossos esclarecimentos lembremo-nos que a face é a unidade que resume os diversos aspectos da trindade precedente; obteremos então o quadro a seguir, no qual os termos:

Inferior	substitui	a	palavra	ventre	ou	abdome.
Médio	"	"	"	peito	ou	tórax
Superior	"	"	"	cabeça		

e no qual a face sintetiza tudo.

A cabeça no ventre, ou o superior no inferior é o plexo solar; enquanto que o ventre na cabeça ou o inferior no superior são os vasos e gânglios linfáticos da cabeça.

Reencontraremos aí esta analogia entre os gânglios simpáticos e os gânglios linfáticos, os primeiros agindo pela força nervosa, assim como os segundos agem pelas reservas materiais.

Do mesmo modo encontraríamos outras curiosas analogias que servirão como material de estudo para os que o quiserem fazer.

Se desenvolvemos como exemplo o quadro referindo-se ao homem, foi para mostrar que o método analógico é aplicável às demais técnicas das nossas ciências como é o caso da fisiologia. As mais generalizadas aplicações podem ser feitas, mas não seriam tão demonstrativas como a que escolhemos.

	COLUNA DO MUNDO INFERIOR (Ventre)	COLUNA DO MUNDO MÉDIO (Tórax)	COLUNA DO MUNDO SUPERIOR (Cabeça)	COLUNA DO MUNDO SINTÉTICO (Face)
FACE	<i>Inferior no Sintético</i> Boca (e gosto)	<i>Médio no Sintético</i> Nariz (e olfato)	<i>Superior no Sintético</i> Olhos sensitivos (vista) orelhas (ouvido)	CENTRO DO MUNDO SINTÉTICO A Face O Tato
CABEÇA	<i>Inferior no Superior</i> Vasos e gânglios linfáticos da cabeça	<i>Médio no Superior</i> Carótidas e artérias cerebrais	CENTRO DO MUNDO SUPERIOR Cérebro e anexos	<i>Sintético no Superior</i> Fronte Músculos mo- tores dos olhos Membros cefá- licos ou maxilar superior. Laringe (Cabelos e barba)
TÓRAX	<i>Inferior no Médio</i> Canal torácico Vasos linfáticos	CENTRO DO MUNDO MÉDIO Coração Pulmões	<i>Superior no Médio</i> Plexo Cardíaco	<i>Sintético no Médio</i> Membros torá- cicos N. pneumogás- trico Seios
ABDOMEN	CENTRO DO MUNDO INFERIOR Estômago, Intestinos, Fígado, Baço (e anexos)	<i>Médio no Inferior</i> Aorta abdominal Rins	<i>Superior no Inferior</i> Plexo solar	<i>Sintético no Inferior</i> Membros abdominais N. pneumogás- trico Órgãos genitais

Daremos um quadro dos três grandes princípios estudados por Claude de Saint-Martin: Deus, o homem e o universo.

	DEUS	O HOMEM	O UNIVERSO
DEUS	Deus em si mesmo	O Homem em Deus	O Universo em Deus
O HOMEM	Deus no Homem	O Homem em si mesmo	O Universo no Homem
O UNIVERSO	Deus no Universo	O Homem no Universo	O Universo em si mesmo

Cada uma dessas seções será objeto de um estudo particular. Observemos no entanto que o ocultismo prega a unidade de Deus em si mesmo e sua personalidade própria fora do universo e do homem.

Assim, fica desde logo refutada a acusação de panteísmo que os teólogos fazem ao ocultismo.

Com efeito, o ocultismo estuda sucessivamente o materialismo, o panteísmo, o deísmo, para constituir a síntese dos mesmos, determinando a expressão superior que pode uni-los na matestese absoluta.

* * *

Quando, nas aplicações que fizemos de um quadro analógico, comparamos a constituição do homem em espírito, alma e corpo, à de uma equipagem de cocheiro, cavalo e caruagem, objetaram-nos que tal comparação não seria mais verdadeira quando se tratasse de outros engenhos motores, como, por exemplo, de uma locomotiva.

Esta objeção nos foi feita pelo reverendo Bulliot na antiga Sociedade de Estudos Psíquicos, presidida pelo cônego Brettes e onde os teólogos deveriam encontrar-se com os adeptos das ciências contemporâneas.

Para responder a essa objeção e a outras do mesmo gênero, tomaremos a liberdade de dar três quadros fúteis na aparência: a equipagem, a locomotiva e a bicicleta.

Os ocultistas um tanto avançados poderão aplicar tais quadros a analogias muito interessantes e bastante distintas.

EQUIPAGEM	COCHEIRO	CAVALO	CARRUAGEM
COCHEIRO	Cocheiro, ele mesmo <i>Cabeça, Tórax, Ventre</i>	União do Cavalo e do Cocheiro Freio Cabeça do Cavalo	União da Carruagem e do Cocheiro Lugar do Cocheiro na Cabeça ⁽¹⁾ da Carruagem
CAVALO	União do Cocheiro e do Cavalo Rédeas e braços do Cocheiro	Cavalo, ele mesmo <i>Patas, Corpo, Cabeça</i>	União da Carruagem e do Cavalo Lugar do Cavalo ou Corpo da Carruagem
CARRUAGEM	União do Cocheiro e da Carruagem Assento, Pernas e Freios	União do Cavalo e da Carruagem Varais e Corpo	Carruagem, ela mesma Estrutura Varais Rodas

A LOCOMOTIVA	MAQUINISTA	MOTOR	VEÍCULO
MAQUINISTA	Maquinista, ele mesmo	União do Motor e do Maquinista Manômetros e válvulas Registro de ação	União do Veículo e do Maquinista Lugar do Maquinista
MOTOR	União do Maquinista e do Motor Comando do Vapor	Motor, ele mesmo Caldeira, Pistão, e Biela	União do Veículo e do Motor Lugar do Motor
VEÍCULO	União do Maquinista e do Veículo Freios e registro dos freios	União do Motor e do Veículo Bielas atuando sobre as Rodas	O Veículo, ele mesmo Estrutura Lugar do Motor Rodas

(1) À frente (N. do T.)

Insistimos sobre a constituição de quadros analógicos para evitar aos estudiosos erros e dissabores, pois a descoberta do termo científico exato correspondendo, por um lado, ao seu lugar no quadro no cruzamento dos dois termos geradores e, por outro lado, sendo analógico ao seu contrário, obriga a buscas inteiramente pessoais, e deixa pouco lugar à invenção puramente imaginativa.

Quando se compor os quadros de diversos princípios, pode-se passar a um exercício ainda mais interessante: trata-se do relacionamento de cada um dos princípios com todos os seus análogos nos outros quadros.

Dessa forma, pode-se relacionar do modo a seguir todos os quadros aos três termos até agora dados.

Princípios	Deus	Homem	Universo
Homens	Espírito	Alma	Corpo
Corpo humano	Cabeça	Tórax	Abdome

Equipagem	Cocheiro	Cavalo	Carruagem
Locomotiva	Maquinista	Motor	Veículo
Bicicleta	Ciclista	Motor	Bicicleta

Determina-se assim a chave real dos quadros analógicos a dois, três, quatro, cinco, sete e doze termos dados por Agripa na sua *Filosofia Oculta*. Cada um desses termos pode, por si mesmo, dar lugar a um quadro analógico e todos os termos postos na mesma casa dos diversos quadros são estritamente análogos entre si.

Desse modo, a analogia vem apoiar a dedução e a indução em todas as obras ocultistas. A grande dificuldade para o emprego desse método está, como dissemos, em não confundir a analogia com a similitude e em não crer que duas coisas análogas são forçosamente semelhantes: assim, o cérebro e o coração são análogos em ocultismo, e estão longe de ser semelhantes. Isto pertence à doutrina das correspondências a respeito da qual já dissemos umas palavras. São análogas as coisas colocadas em uma mesma coluna de correspondência e o caráter da analogia é determinado pelo sentido geral da coluna inteira.

Dessa forma, segundo a anatomia filosófica de Malfatti de Montereaggio, o estômago, o coração e o cérebro representam um papel de embriões, respectivamente para cada um dos três centros: abdominal, torácico e cefálico, nos quais eles estão contidos. Tais órgãos são pois análogos entre si conforme esta função. Mas pode-se estabelecer a analogia que possuem por outros elementos de apreciação. Com efeito, se considerarmos esses três órgãos sob o ponto de vista das suas funções gerais, constataremos que o primeiro recebe diretamente do mundo exterior os alimentos; o segundo, o ar atmosférico; e o terceiro, as sensações. Existe pois uma analogia do ponto de vista da recepção direta de uma contribuição exterior e esta analogia dos três elementos de contribuição, os alimentos, o ar e as sensações existe igualmente entre eles, porque a analogia de duas coisas entre si determina a analogia de todos os constituintes dessas duas coisas. Verifica-se a elasticidade considerável deste método que, sob a sua aparente simplicidade, é muito difícil de manejar com sagacidade e precisão.

A analogia é o método teórico que os ocultistas reservam para suas buscas concernentes ao plano físico e ao mundo das leis.

No entanto, a analogia só permite se ter luzes de segunda mão a respeito do mundo dos princípios e a respeito das causas primeiras. Para penetrar nesse plano, os ocultistas de prática avançada possuem um método de visão direta no mundo visível, outrora cultivado cuidadosamente nas escolas de pro-

fetas, utilizado depois pelos extáticos e os místicos e conser-
vado em nossos dias apenas por alguns raros adeptos de so-
ciedades chinesas, por fraternidades bramânicas ou por envia-
dos dos planos superiores. Ainda aqui, o ocultismo, que nos
havia aparecido quase como um simples sistema filosófico,
escapa bruscamente ao método geral, para fazer apelo às mis-
teriosas práticas das quais deve seu nome e também muitas
das ridículas calúnias divulgadas a seu respeito por ignoran-
tes ou sectários. Este segundo método tem sido quase que
exclusivamente utilizado para as pesquisas concernentes à
alma e suas transformações depois da morte, bem como aos
seres espirituais que povoam os diversos planos invisíveis do
universo. Apolônio de Tyana, Jacó Boehm, Swedenborg são,
com Claud de Saint-Martin e seu mestre Pasqually, os mais
conhecidos filósofos que empregaram tal método, o que levou
a classificá-los entre os místicos.

A união da analogia e da visão direta deu nascimento
ao emprego dos números e dos símbolos tal como o praticam
os ocultistas. Com efeito, para evitar os erros que o emprego
da analogia fora de propósito podia trazer, a cabala veio dar
um precioso instrumento de controle nos números e na sua
concepção simbólica. Cada número responde, efetivamente, a
uma idéia e a um hieroglifo característicos, enquanto que as
leis das combinações dos números verificam a combinação dos
símbolos e das idéias. Encontrar-se-á nas obras dos pitagóricos
e nos livros de Euclides consagrados aos números, que são
particularmente dedicados a esse gênero de aplicações, inte-
ressantes ensinamentos a tal respeito. Plutarco resumiu alguns
em seu *Tratado de Ísis e de Osíris*. É por este tratado que temos
noção dos números triangulares e losangulares admitidos pelos
ocultistas em igualdade de condições aos números quadrados
e cúbicos.

No começo do capítulo demos aplicações diversas deste
método, suficientes para que nos pareça inútil volver ao
assunto.

Esclarecemos ainda um dos misteriosos processos empre-
gados pelos iniciados para manifestar suas idéias. Temos tam-
bém alguns dados relativos a duas das maiores ciências do

santuário: a magia e a astrologia. Prossigamos nossa rota e vejamos se seremos tão felizes no estudo da mais secreta forma que envolvia o ensino da ciência oculta: os pantáculos ou figuras simbólicas. Mas primeiramente resumamos num quadro do Três alguns dos conhecimentos contemporâneos. Tal quadro poderia ser muito aumentado, mas pensamos que os exemplos dados serão suficientes para esclarecer o leitor.

CAPÍTULO VI

Da expressão sintética das idéias — Os pantáculos — A serpente e a sua significação — Método de explicação dos pantáculos — A cruz — O triângulo — O signo de Salomão — A divisa de Cagliostro — A 21.^a chave de Hermes — As três línguas primitivas — A esfinge e sua significação — As pirâmides — O pentagrama — O triângulo retângulo e o livro chinês Tchen-Pei

O iniciado pode dirigir-se a todos expressando suas idéias por meio de histórias simbólicas correspondentes ao fatos e ao sentido positivo.

Muitos compreendem ainda, se não o sentido, ao menos as palavras que compõem os quadros analógicos correspondentes às leis e ao sentido comparativo.

A compreensão *total* da derradeira língua que o iniciado emprega é reservada somente aos adeptos.

Munidos dos elementos que possuímos, podemos entretanto abordar a explicação parcial deste método sintético, a derradeira e a mais elevada das ciências ocultas. Tal explicação consiste em resumir exatamente, em um único signo, os fatos, as leis e os princípios correspondentes à idéia que se quer transmitir.

Este signo, verdadeiro reflexo dos signos naturais, chama-se um *pantáculo*.

A compreensão e o uso dos pantáculos correspondem aos princípios e ao sentido superlativo na hierarquia ternária.

Temos duas coisas a saber sobre essas figuras misteriosas; de início, a construção delas, depois, e sobretudo, a sua explicação.

Já apresentamos a redução da *Tábua de Esmeralda* em signos geométricos. É um verdadeiro pantáculo que assim construímos; no entanto, para maior clareza, iremos construir um outro.

O mais oculto dos segredos, o mais escondido do santuário era, nós o sabemos, a demonstração da existência de um agente universal designado por uma infinidade de nomes e a execução, na prática, dos poderes adquiridos pelo seu estudo.

Como será necessário agir para designar esta força por um signo?

Estudemos para isso suas propriedades.

Antes de tudo, esta força única é dotada, como seu Criador que ela ajuda a constituir, de duas qualidades polarizáveis; é ativa e passiva, atrativa e repulsiva, ao mesmo tempo positiva e negativa.

Temos inúmeras maneiras de representar o ativo. Podemos designá-lo pelo número 1, indicando o passivo pelo número 2, o que nos dará 12 para o ativo-passivo. Este é o processo pitagórico.

Podemos ainda indicá-lo por uma barra vertical, designando o passivo por uma barra horizontal; teremos então a cruz, outra imagem de ativo-passivo. Este é o processo dos gnósticos e dos rosa-cruzes.

Mas essas duas designações, significando com exatidão *ativo-passivo* não fazem menção do positivo e do negativo, do atrativo e do repulsivo.

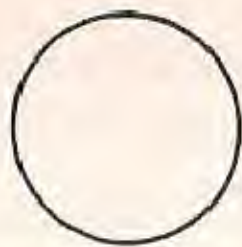
Para atingir nosso objetivo, iremos procurar nossa representação no domínio das formas, na própria natureza, onde o positivo será representado por um pleno e o negativo pelo

seu contrário, isto é, por um vazio. É dessa maneira de conceber o ativo que decorreram todas as imagens faloidais da antiguidade.



Por conseguinte, um pleno e um vazio: eis os elementos graças aos quais expressamos as primeiras qualidades da força universal.

Mas essa força é ainda dotada de um perpétuo movimento, a tal ponto que é por este nome que Louis Lucas a designou. A idéia de movimento cíclico corresponde em geometria qualitativa ao círculo e ao número dez.



Um pleno, um vazio e um círculo.

Eis o ponto de partida do nosso pantáculo.

O pleno será representado pela cauda de uma serpente; o vazio por sua cabeça e o círculo por seu corpo.

Tal é o sentido do *ovpoboros* antigo.



A serpente está enrolada sobre si mesma, de tal modo que sua cabeça (vazio-atrativo-passivo) procura continuamente devorar sua cauda (pleno-repulsivo-ativo), a qual foge num eterno movimento.

Eis a representação da força. Como expressaremos suas leis?

Estas, nós o sabemos, são harmônicas e a seguir equilibradas. São representadas no mundo pelo oriente positivo da luz, equilibrado pelo ocidente negativo da luz ou positivo da sombra; pelo meio-dia positivo do calor, equilibrado pelo norte negativo do calor ou positivo do frio. Duas forças, luz e calor opondo-se uma à outra em positivo e negativo para constituir um quaternário, eis a imagem das leis do movimento designadas por suas forças equilibradas. A sua representação será a cruz.



Acrescentaremos então entre a boca e a cauda da serpente ou em sua volta a imagem da lei que rege o movimento, o quaternário.

Conhecemos a força universal e sua representação, bem como a das suas leis. Como expressaremos sua marcha?

Sabemos que esta força evolui perpetuamente das correntes vitais que se materializam, depois se espiritualizam, que saem e entram constantemente na unidade. Uma dessas correntes, a que vai da unidade à multiplicidade, é por conseguinte passiva descendente; a outra, que vai da multiplicidade à unidade, é ativa ascendente.

Diversos meios nos serão pois fornecidos para representar a marcha da força universal.

Poderemos designá-la por dois triângulos, um preto e descendente, o outro branco e ascendente. É o processo utilizado no pantáculo martinista.



Podemos designá-la por duas colunas, uma branca, a outra preta (processo seguido na franco-maçonaria, colunas *Jakin* e *Bohas*), ou pelas posições dadas aos braços de um personagem, um erguido para designar a corrente ascendente; o outro baixado em direção à terra para designar a corrente descendente.

Reunamos todos esses elementos e veremos aparecer a figura que constitui a 21.^a chave do Taro, imagem do absoluto.

A serpente representa a força universal, os quatro animais simbólicos, a lei das forças equilibradas emanadas dessa força, as duas colunas ao centro da serpente, a marcha do movimento, e a moça, a produção resultante, a vida.

L'oupoòopos considerado sozinho, sem seu desenvolvimento, expressa pois um dos princípios mais gerais que existem. Isto será a imagem:

No mundo divino:	da ação do Pai sobre o Filho;
No mundo intelectual:	da ação da liberdade sobre a necessidade;
No mundo material ou físico:	da ação da força sobre a resistência.

Esta figura é ainda suscetível de inúmeras aplicações. Em suma: é um pantáculo, uma imagem do absoluto.

Explicação dos pantáculos — Essas figuras que à primeira vista parecem tão misteriosas tornam-se entretanto, na maioria dos casos, fáceis de explicar. Eis quais são as regras mais gerais que podem ser citadas para tal explicação:

- I. *decompor a figura em seus elementos;*
- II. *verificar a situação que esses elementos ocupam na figura, uns em relação aos outros;*
- III. *buscar a ciência à qual se vincula mais de perto o pantáculo.*

Decomposição da figura em seus elementos

Todo pantáculo, por mais complexo que possa parecer, pode ser decomposto em um certo número de elementos relacionados com a geometria qualitativa (vide cap. IV).

Passaremos em revista um certo número de elementos graças aos quais o trabalho tornar-se-á bastante abreviado.

Mas primeiramente darei um meio que se deve sempre empregar quando a determinação dos elementos é difícil e que consiste em contá-los. Iremos então encontrá-los ordenados por três, por sete ou por doze.

Se estão ordenados por três, a idéia que encerram é a do ativo-passivo-neutro e de suas conseqüências.

Se estão ordenados por sete, referem-se seja aos sete planetas, seja às cores da obra hermética, e a terceira consideração (ciência à qual se refere a figura) esclarece então a descrição.

Afinal, se estão ordenados por doze, expressam todo o movimento zodiacal e em particular o do Sol.

Afastada essa dificuldade, vejamos alguns dos principais elementos.

A cruz expressa a oposição das forças duas a duas para dar nascimento à quintessência.

É a imagem da ação do ativo sobre o passivo, do espírito sobre a matéria.



Naturalmente a cabeça domina o corpo, o espírito domina a matéria; quando os feiticeiros querem expressar suas idéias num pantáculo, eles formulam suas imprecções destruindo a

harmonia da figura, põem a cruz de cabeça para baixo e com isso expressam as seguintes idéias:



A matéria domina o espírito;

o mal é superior ao bem;

as trevas são preferíveis à luz;

o homem deve deixar-se guiar unicamente por seus mais baixos instintos e tudo fazer para destruir sua inteligência etc., etc.

Sabemos que a cruz expressa essas idéias porque ela é formada por uma barra vertical (imagem do ativo) e por uma barra horizontal (imagem do passivo) com todas as analogias inerentes a tais termos.

O quadrado expressa a oposição das forças ativas e passivas para constituir um equilíbrio; por isso, é particularmente a imagem da forma.



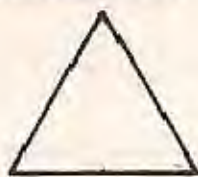
O triângulo expressa idéias diferentes conforme as posições assumidas por sua ponta.



Em si mesmo, o triângulo é formado por duas linhas opostas, imagem do 2 e do antagonismo, os quais irão perder-se no infinito sem jamais se encontrarem, se uma terceira linha não viesse unificar ambos e assim tornar a levá-los à unidade, constituindo a primeira figura fechada.



O triângulo com a cabeça para cima representa tudo aquilo que sobe de baixo para o alto.

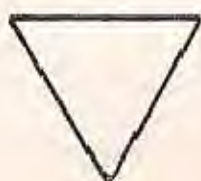


É particularmente o símbolo do fogo, do quente (1).

“É o mistério hierárquico da luz e da matéria radical do fogo elementar, é o princípio formal do Sol, da Lua, das estrelas e de toda a vida natural.

Esta luz primitiva leva para cima todos os fenômenos da sua virtude, já que estando purificada pela unidade da luz incriada, arroja-se sempre para a unidade da qual obtém seu ardor” (2).

O triângulo de cabeça para baixo representa tudo aquilo que desce do alto para baixo.



É particularmente o símbolo da água, do úmido.

“É a água superceleste ou a matéria metafísica do mundo originária do espírito protótipo; a mãe de todas as coisas que do binário produz o quaternário.

Todos esses movimentos tendem para baixo e disso decorre que ela individualiza as matérias particulares e os corpos de todas as coisas dando-lhes a existência” (3).

A união dos dois triângulos representa a combinação do quente e do úmido, do Sol e da Lua, o princípio de toda

(1) “Como a chama de uma vela tende sempre a elevar-se seja qual for a maneira que movimentemos, também o homem que tem o coração inflamado pela virtude, seja qual for o acidente que lhe ocorra, dirige-se sempre para a meta que lhe indica a sabedoria”. (*Provérbios do brâmane Barthrihari*).

(2) *A Sombra Ideal da Sabedoria Universal*.

(3) *Ibid*.

criação, a circulação da Vida do Céu à Terra e da Terra ao Céu, a evolução dos hindus.



Esta figura chamada Signo de Salomão representa o universo e seus dois ternários: Deus e a Natureza; é a imagem do macrocosmo.

Explica as palavras de Hermes na *Tábua de Esmeralda*:

“Sobe da Terra ao Céu e, de novo, desce à Terra e recebe a força das coisas superiores e inferiores”.

Representa ainda as virtudes (η βασιλεια, και η δωξα, και η δυναμις) difundidas nos ciclos geradores (εις τους αιωνας) do versículo oculto do *Pater* de São João, ainda recitado pelos padres ortodoxos.

“É a perfeição do universo na obra mística dos seis dias, onde são indicados ao mundo o alto e o baixo, o oriente e o ocidente, o meio-dia e o setentrião.



Assim este hieróglifo do mundo descobre as sete luzes no mistério dos sete dias da criação, porque o centro do setenário faz o setenário sobre o qual gira e repousa a natureza e que Deus escolheu para santificar seu nome adorável. Digo pois que A Luz do mundo sai do setenário porque sobe-se dele ao denário que é o horizonte da eternidade de onde partem todo o gozo e a virtude das coisas.” (A Sombra Ideal.)

O leitor deve estar capacitado, com base nas indicações anteriores, a compreender essas passagens do mais puro misticismo.

II

Situação dos elementos

Determinar os elementos que compõem um pantáculo é uma importante conquista, mas a isso não deve limitar-se o trabalho do investigador.

A posição ocupada por esses elementos projeta uma viva claridade sobre os pontos mais obscuros e tal posição é relativamente fácil de determinar pelo método das oposições.

Tal método consiste em aplicar ao entendimento de um elemento que ficou obscuro a significação oposta do elemento colocado em oposição àquele.

Vejamos o exemplo seguinte:

P...
L:· D:·

Eis três letras formando a divisa de Cagliostro. Cheguei, suponhamos, a encontrar o sentido da primeira letra e a verificar o que ela significava: *liberdade*; vi minha suposição confirmada pelo triângulo de ponta para cima, representado pelos três pontos e situado a seguir à letra L; busco a significação da outra letra, D.

Segundo o método das oposições, sei que esta letra, oposta à primeira, terá uma significação recíproca da primeira significação *liberdade*; tal significação deve estar encerrada na idéia de *necessidade*.

Mas o triângulo de ponta para baixo ·:· logo me indica que tal *necessidade* é passiva em suas manifestações e a idéia de *dever* vem tomar o lugar da letra D, a reação de L sobre D dá o *poder*.

O presente exemplo, muito simples, permite apreender as coordenadas do método das oposições, o que é de uma grande utilidade para a explicação de figuras misteriosas.

Este método é sempre empregado seja para designar os opostos por cores diferentes como as duas colunas J e B dos franco-maçons, uma vermelha e a outra azul seja para designá-los por formas diferentes como a boca e a cauda da serpente, imagens do ativo e do passivo, ou os símbolos da procriação colocados sobre as colunas maçônicas, seja ainda para dar-lhes direções diferentes como no signo de Salomão (os dois triângulos de pontas opostas) ou na cruz (oposição de linhas).

Cores Formas Posições	}	opostas
-----------------------------	---	---------

Tais são os três modos sob os quais são designados os antagonistas nos pantáculos.

Tornamos a encontrar a aplicação disso nos diversos modos de representar o quaternário, imagem do absoluto. (Vide *Ciclo das Sombras*, Cap. II.)

Literalmente, o quaternário é representado por quatro letras hebraicas: יהוה

A primeira י (iod) representa o ativo

A segunda ה (hé) é a imagem do passivo

A terceira ו (vau) representa o vínculo que liga ambas.

Afinal a quarta ה (hé) é a segunda repetida e indica a perpetuidade das produções de Osíris-Ísis.

Para escrever essas letras ao modo dos iniciados é preciso dispô-las em cruz, conforme se mostra:



Neste caso, a direção indica o significado dos elementos, porque os elementos ativos (iod e vau) estão sobre a mesma linha vertical.

Os elementos passivos sobre a mesma linha horizontal.

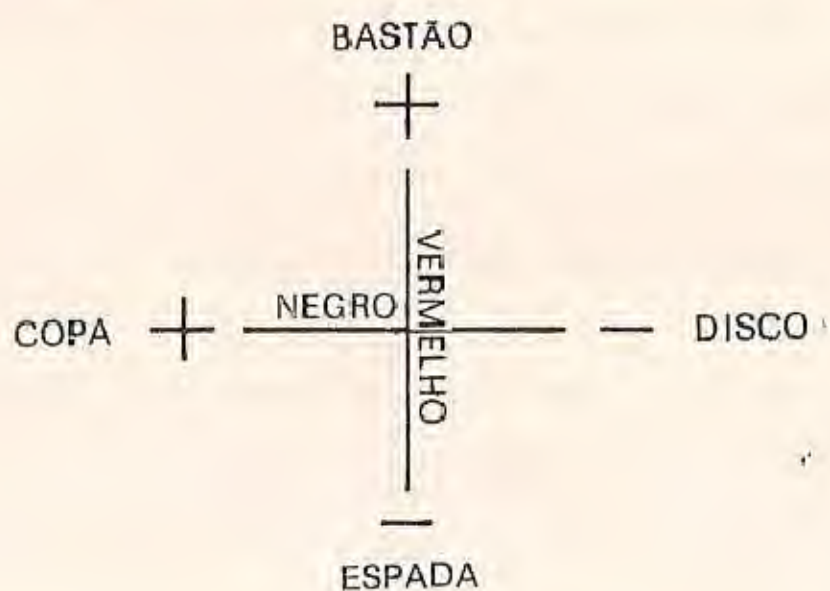
Pode-se também designar este quaternário por outras formas diferentes:

O Bastão	imagem do ativo representará o iod (𐌆)
A Taça	vazia, imagem do passivo, representará o primeiro hé (𐌗).
A Espada ou A Cruz	imagem da aliança do ativo e do passivo. representará o vau (𐌚)
O Disco	representará duas taças superpostas e em seguida 2 vezes 2 indicando a repetição do hé (𐌛).

Bastão ou Paus	} Tais são os elementos, imagens do absoluto, que constituem as cartas do baralho
Copa ou Copas	
Espada ou Espadas	
Disco ou Ouros	

Esses elementos são desenhados de duas maneiras opostas (vermelhas e pretas) para mostrar que o quaternário é formado pela oposição dois a dois de duas forças primordiais, uma ativa — vermelho, a outra passiva — preto.

Eis o resumo geométrico desta maneira de considerar o quaternário:



Considerem a 21.^a chave do *Livro de Hermes* e encontrarão de novo tudo isto nos quatro animais simbólicos.

Em resumo, o segundo método de explicação consiste em opor o alto da figura ao baixo, a direita à esquerda, para tirar os dados necessários à explicação.

É raro que o significado de uma figura, por mais misteriosa que seja, não surja quando se alia o primeiro método (separação dos elementos) ao método presente.

Todas essas considerações a respeito da explicação das figuras parecerão a alguns leitores bastante fúteis; lembrem-se, no entanto, que a ciência antiga reside quase que inteiramente nos pantáculos e, então, sem dúvida, nos desculparão a monotonia desses argumentos.

Não tornaremos a encontrar a aplicação de tais premissas no modo de escrever as três línguas primitivas: o chinês, o hebreu e o sânscrito ?⁽⁴⁾

O chinês é escrito de cima para baixo, isto é, verticalmente, e da direita para a esquerda.

O hebreu horizontalmente e da direita para a esquerda.

O sânscrito horizontalmente e da esquerda para a direita.

Segundo Saint-Yves d'Alveydre⁽⁵⁾, a direção da escrita indicaria a origem da instrução dos povos. Se aplicarmos tal conceito às escritas precedentes, verificaremos que:

Todos os povos que escrevem como os chineses, isto é, do Céu para a Terra⁽⁶⁾ têm uma origem tocando muito de perto a força primitiva. (Os chineses são o único povo que possui ainda uma escrita ideográfica.)

(4) Vide os trabalhos de Fabre d'Olivet sobre a língua hebraica.

(5) *Missão dos Judeus*.

(6) Moreau Dammartin, no seu *Tratado Sobre a Origem dos Caracteres Alfabéticos* (Paris, 1839) demonstra que os caracteres chineses são tirados da configuração dos signos celestes.]

Todos os povos que escrevem como os hebreus, do oriente para o ocidente, receberam sua instrução de uma fonte oriental.

Enfim, todos os povos que escrevem como o sânscrito, do ocidente para o oriente, obtiveram seu saber dos antigos santuários metropolitanos do Ocidente, em especial dos druidas.

A partir daí, poder-se-ia considerar o chinês como uma raiz primitiva que, partida do Céu, teria dado como descendentes o hebreu ou o sânscrito, conforme fosse considerada ativa ou passiva, como oriental ou ocidental. Tudo isso resume-se nas seguintes disposições:



III

Ciência à qual se vincula o pantáculo

É um grande avanço ter decomposto uma figura em seus elementos e ter encontrado o sentido desses elementos pelo método das oposições; mas não se deve limitar a isso o trabalho do pesquisador.

Suponhamos que ele tenha chegado a relacionar aos sete planetas sete elementos de uma análise difícil; terá motivo para considerar-se satisfeito?

Somente o sentido geral do pantáculo poderá esclarecê-lo a tal respeito. Caso se trate de astrologia, o sentido positivo atribuído aos planetas lhe bastará; caso se trate de alquimia, o sentido comparativo simples será útil e os planetas designarão as cores da obra (7); por fim, caso se trate de magia, os planetas se relacionarão aos nomes das inteligências que os governam.

Verifica-se pois quão importante é a determinação do sentido do pantáculo e esta determinação só pode ser obtida combinando-se os dois primeiros métodos: *decomposição em elementos — oposição dos elementos.*

Enfim, digamos que esta especificação do sentido das figuras misteriosas quase nunca existe nas figuras antigas e que elas designam analogicamente os três significados correspondentes aos três mundos.

Apliquemos agora os dados precedentes à explicação das figuras simbólicas, as mais fáceis de encontrar no estudo da ciência oculta.

De um modo geral, vou me abster de analisar as explicações, que o leitor poderá encontrar tão facilmente quanto eu pelo emprego dos métodos anteriormente expostos.

A esfinge

As religiões sucedem-se na Terra, as gerações passam e os que vieram por último crêem poder, em seu orgulho, des-

(7) "Mas, contudo, quando o rei entrou, despojou-se primeiramente de sua veste tecida de fino ouro, batido em folhas muito delgadas e entregou-a a seu primeiro homem que se chama Saturno. Então Saturno toma-a e guarda-a 40 dias ou 42 no máximo, quando ficou de posse dela; a seguir, o rei despiu seu gibão de fino veludo e entregou-o a seu segundo homem que se chama Júpiter, o qual guardou-o 20 dias inteiros. Então Júpiter, por determinação do rei, entregou-o à Lua, que é a terceira pessoa, etc. etc." (Bernard Trevisan).

prezar injuriosamente os conhecimentos da antiguidade. Acima de todas as seitas, acima de todas as querelas, acima de todos os erros, eleva-se a esfinge imóvel que responde por um perturbador "Quem sou eu?" aos ignorantes que blasfemam da ciência.

Os templos podem ser destruídos, os livros podem desaparecer sem que os grandiosos conhecimentos adquiridos pelos antigos possam ser olvidados. A esfinge fica e é o bastante.

Símbolo da unidade, ela resume em si as mais estranhas formas uma a outra.

Símbolo da verdade, ela mostra a razão de todos os erros em seus próprios contrastes.

Símbolo do absoluto, ela divulga o quaternário misterioso.

A religião única e verdadeira brada o cristão fanático.

A vossa é obra de um impostor; somente a minha vem de Deus, responde o judeu.

Todos os vossos livros sagrados são cópias da nossa revelação exclama o hindu.

Todas as religiões são imposturas, nada existe fora da matéria; os princípios de todos os cultos decorrem da contemplação dos astros, que é a única e verdadeira ciência, assegura o sábio moderno.

E a esfinge eleva-se acima de todas as disputas, imóvel, resumo da unidade de todos os cultos, de todas as ciências.

Ela mostra ao cristão o anjo, a águia, o leão e o touro que acompanham os evangelistas; o judeu reconhece aí o sonho de Ezequiel; o hindu, os segredos de Adda Nari e o sábio quando ia passar desdenhoso descobre sob todos esses símbolos as leis das quatro forças elementares: magnetismo, electricidade, calor, luz.

Indeciso a respeito do seu caminho na vida, o futuro iniciado interroga a esfinge e ela fala:

“Olha-me, diz ela, tenho uma cabeça humana na qual reside a ciência, conforme te indicam os ornamentos do iniciado que a ornam.

A ciência conduz minha marcha na vida, mas, sozinha, é um fraco recurso. Tenho garras de leão em meus quatro membros; estou armada para a ação, abro caminho à direita e à esquerda, para frente e para trás, nada resiste à audácia conduzida pela ciência.

Mas estas patas só têm grande solidez por estarem enxertadas em meus flancos de touro. Quando enceto uma ação prossigo meu caminho laboriosamente, com a paciência do boi que traça o sulco do arado.

Nos momentos de desfalecimento, quando o desencorajamento está prestes a me invadir, quando minha cabeça não se sente bastante forte para dirigir meu ser, agito minhas asas de águia. Elevo-me no domínio da intuição, leio no coração do mundo os segredos da vida universal; depois, retorno à minha obra em silêncio”.

Minha cabeça te recomenda Saber

Minhas garras te recomendam Ousar

Meus flancos te recomendam Querer

Minhas asas te recomendam Calar-se

Segue meus conselhos e a vida te parecerá justa e bela.

“A fronte de homem da esfinge fala da inteligência.

Suas tetas de amor, suas unhas de combate.

Suas asas são a fé, o sonho e a esperança

E seus flancos de touro o trabalho terreno.

Se sabes trabalhar, crer, amar, defender-te,

Se por necessidades vis não está encadeado,

Se teu coração sabe querer e teu espírito compreender,
Salve, rei de Tebas, estás coroado⁽⁸⁾ !”

C a b e ç a

Asas

Flancos

Patas

Patas

Nesse símbolo da esfinge duas grandes oposições se evidenciam:

Na frente: a *Cabeça* (a *ciência*) opõe-se às patas (a *audácia*).

Atrás: os *Flancos* (*trabalho*) opõem-se igualmente às patas (*audácia*)

Entre os dois: existe a *intuição* (*asas*) que os regulam.

A audácia em sua ação agirá de um modo eficaz se a ciência (patas dianteiras) dominá-la sempre o bastante para guiá-la.

(*C a b e ç a*)

A audácia nos estudos será coroada de sucesso se ela se
(patas traseiras)
deixar conduzir pelo trabalho e pela perseverança.

Enfim, os excessos na ação ou no estudo devem ser temperados pelo uso da imaginação (*asas da águia*).

Surge uma outra oposição, é a do alto e do baixo harmonizados pelo meio.

<i>Alto</i>	—	<i>Cabeça</i>	<i>Asas</i>
			— <i>Flancos de touro</i>
<i>Baixo</i>	—	<i>Patas dianteiras e patas traseiras</i>	
		+	—

(8) Eliphas Levi, *Fábulas e Símbolos*.

No alto presidem a ciência e a imaginação; embaixo, a prática: prática na ciência (patas dianteiras), prática na imaginação (patas traseiras).

A teoria deve sempre dominar e conduzir a prática; aquele que quer descobrir as verdades da natureza apenas pela experiência material, é semelhante a um homem que quisesse dispensar a cabeça para por os membros em ação.

Nada de teoria sem prática
Nada de prática sem teoria
Nada de teoria
sem trabalho
Nada de prática

Eis o que ainda a esfinge nos diz.

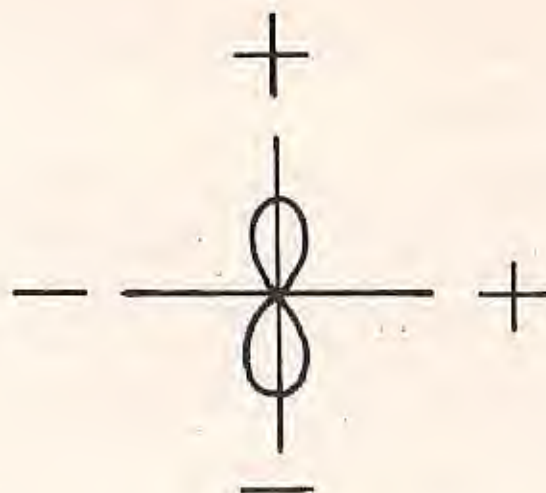
Resumamos tudo isso em uma figura segundo as indicações que acabamos de descobrir.

Frente	{	Cabeça humana	= ativo	+
+	{	Patas dianteiras	= passivo	-
Atrás	{	Asas de águia	= ativo	+
-	{	Patas traseiras	= passivo	-
Meio	{	Entre eles e unin-		neutro
∞	{	do-os vêm-se os		∞
	{	flancos de touro		

Designaremos a frente da esfinge por uma barra vertical. A parte traseira passiva por uma barra horizontal e obteremos a seguinte figura:

Cabeça humana
 |
 Asas de águia — Flancos — Patas traseiras
 |
 Patas dianteiras

ou em resumo



Esta última figura indica-nos as leis das forças elementares emanadas da força universal:



Outro significado da esfinge.

As pirâmides

A esfinge não é o único monumento simbólico que os egípcios nos legaram.

Os traços dos antigos centros de iniciação subsistem ainda nas pirâmides.

“Diante do Cairo o planalto de Gizeh que em forma de esporão destaca-se da cordilheira líbica, tem ainda sobre a margem esquerda do Nilo três monumentos que desafiaram a ação do tempo e dos homens: são as pirâmides.

Essas três massas, de bases quadrangulares, de grandeza um tanto desigual, formam por sua situação respectiva, um

triângulo do qual uma das faces olha para o norte, uma outra para o ocidente e a terceira para o oriente. A maior, situada no ângulo do norte e em direção do Delta, simboliza a força da natureza; a segunda, erguida a sudoeste, à distância de uma flechada da primeira, é o símbolo do movimento; e a terceira, construída a sudeste desta última à distância de uma pedrada da segunda, simboliza o tempo. Ao meio-dia desta última, a uma distância média, sobre uma linha que se prolonga do oriente para o ocidente, erguem-se três outras pirâmides formando massas menos consideráveis e junto das quais se amontoam inumeráveis pedras colossais que poderíamos considerar como as ruínas de uma sétima pirâmide. É, de fato, permitido supor que os egípcios tivessem querido representar por sete agulhas ou conóides flamiformes os sete mundos planetários de onde os gênios regem o nosso universo e do qual Hermes foi o revelador.” (Christian, *História da Magia*, págs. 99 e 100.)

Cada pirâmide é construída sobre uma base quadrangular, simbolizando a matéria, a forma, o signo, a adaptação.



A elevação de cada uma das faces é ternária e simboliza a idéia, a teoria.

O que quer dizer esta supremacia do ternário sobre o quaternário?

O ternário domina o quaternário, isto é:

A idéia	—	o signo
O espírito	—	a matéria
A teoria	—	a prática

O conjunto da pirâmide é formado de 4 e de 3, isto é, de sete, símbolo da aliança entre a idéia e o signo, entre o espírito e a matéria, entre a teoria e a prática, é a realização.

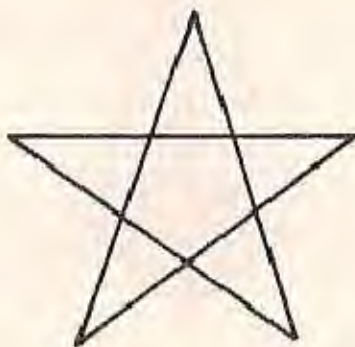
No alto, a pirâmide mostra-nos um ponto matemático (seu cume de onde partem quatro idéias (quatro triângulos). Estas quatro idéias vêm reunir-se em uma forma única (a base) e por este aspecto mostram sua solidariedade.

Reencontramos no estudo dessas pirâmides o misterioso tetragrama.

O pentagrama

O pentagrama ou estrela de cinco pontas, a estrela flamejante dos franco-maçons, é ainda um pantáculo, e um dos mais completos que se possa imaginar.

Seus significados são múltiplos, mas todos eles levam à idéia primordial da aliança do quaternário e da unidade.



Esta figura designa principalmente o homem, e é em tal acepção que iremos estudá-la.

A ponta superior representa a cabeça; as quatro outras pontas, os membros do homem. Pode-se também considerar este pantáculo como a representação dos cinco sentidos; no entanto, tal significação demasiado positiva não nos deve deter.

Sem querer explicar aqui de modo completo os segredos desta figura, podemos mostrar como é fácil interpretá-la na prática. Com efeito, os mágicos servem-se para agir sobre os espíritos, do pentagrama com a cabeça para cima; os feiticeiros, do pentagrama com a cabeça para baixo.

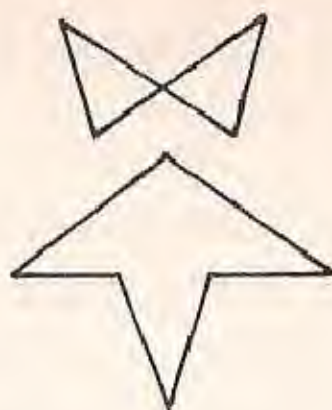
O pentagrama de cabeça para cima indica o homem no qual a vontade (a cabeça) conduz as paixões (os membros).

A idéia estando representada por 3 e a matéria (díade) por 2, pode-se decompondo dessa forma o pentagrama, demonstrar este domínio do espírito sobre a matéria.



O pentagrama de cabeça para baixo representa a mesma figura da cruz virada; é o homem no qual as paixões sobrepujam a vontade, o homem passivo, o homem que deixa sua vontade ser subjugada pelos maus espíritos; é o médium.

Nesta situação, o pentagrama indica a materialização do espírito; o homem que consente pôr a cabeça para baixo e as pernas para o ar.



O pentagrama pode, portanto, representar o bem ou o mal conforme a direção que assume e é por isso que representa a imagem do homem, do microcosmo capaz de fazer o bem ou o mal, segundo sua vontade.

O triângulo retângulo

Um dos pantáculos conhecidos desde a mais alta antiguidade na China é um triângulo retângulo no qual um dos lados tem um comprimento especial.

Eles têm respectivamente 3, 4 e 5; e o quadrado da hipotenusa $5 \times 5 = 25$ é igual ao quadrado dos outros lados $3 \times 3 = 9$ e $4 \times 4 = 16$; $16 + 9 = 25$.]

Mas não se detem aí o significado atribuído a este pantáculo; os números têm, com efeito, uma significação misteriosa que pode ser assim interpretada:

3, a idéia, aliada a 4, a forma, faz o equilíbrio a 5, o pentagrama ou o homem. Ainda há outra interpretação:

a essência absoluta 2, mais o homem 4, equilibra o mal 5. Verifica-se que esta última interpretação difere da primeira apenas pela aplicação dos mesmos princípios a um mundo inferior, conforme o demonstra a seguinte disposição:

Idéia-essência

Forma-homem

Homem-mal.

De resto, o estudo do pentagrama é suficiente para explicar essas aparentes contradições.

A título de curiosidade daremos o livro chinês *Tchen-Pei*, baseados nos dados acima. Foi extraído das *Cartas Edificantes* (q. 26, pág. 146, Paris, 1783). O missionário que o traduziu declara-o anterior ao incêndio dos livros (213 a.C.). Claude de Saint-Martin publicou um comentário místico em seu tratado dos *Números* (Dentu, Paris, 1863).

Como se pode ver, este livro está baseado nas 22 chaves do *Livro de Hermes*.

Os 22 textos do livro chinês Tchen-Pei

1

“Em tempos passados Echeou-kon ao interrogar Chang-kao perguntou-lhe: disseram-me que sois hábil nos números; disseram que Pao-hi deu-vos as regras para medir o céu.

2

Não se pode subir ao céu; não se pode com o pé e o polegar medir a Terra; peço-vos dizer-me os fundamentos desses números.

3

Chang-kau disse:

4

O Yu-en (circular) vem do Fang (quadrangular) $4 = 10$.

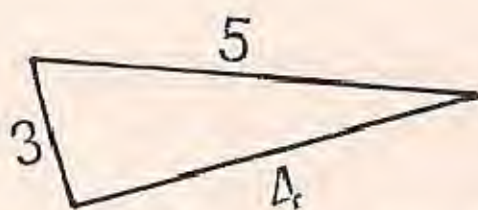
5

O Fang vem do Ku.

6

O Ku vem da multiplicação de 9 por 9, o que faz 81.

7



Quando se separa o Ku em dois, faz-se o Keou alto de três e um Kou longo de quatro. Uma linha, King, une os dois lados do Keou, Kou forma os ângulos, e King é o cinco.

8

Vede a metade do Fang.

9

O Fang ou o Plano faz os números 3, 4, 5.

10

Os dois Ku fazem um longo Fang de 25, é o Tsi-ku total dos Ku ($5 \times 5 = 25$).

11

Foi pelo conhecimento dos fundamentos desses cálculos que Yu pôs o Império em bom estado.

12

Tcheou-kong disse: eis uma coisa formidável, gostaria de saber como se deve usar o Ku. Chang-kao respondeu:

O Ku aplainado e unido serve para nivelar o nível.

13

O Yen-ku serve para ver o alto ou a altura.

14

O Fou-ku serve para medir o profundo.

15

O Go-ku serve para saber o afastado.

16

O Ouan-ku serve para o redondo.

17

O Ho-ku serve para o Fang.

18

O Fang é da jurisdição da Terra. O Yu-en é da jurisdição do céu, o céu é Yu-en, a Terra é Fang.

19

O cálculo do Fang é tien. Do Fang vem o Yu-en.

A figura Ly serve para representar, descrever, observar o céu. Designa-se a Terra por uma cor escura ou preta. Designa-se o céu por uma cor misturada de amarelo e vermelho.

Os números e o cálculo para o céu estão na figura Ly. O céu é como um invólucro, a Terra encontra-se abaixo deste invólucro e esta figura ou instrumento serve para indicar a verdadeira situação do céu e da Terra.

Aquele que conhece a Terra chama-se sábio e hábil. Aquele que conhece o céu chama-se grande sábio, sem paixões. O conhecimento do Keou-ku dá a sabedoria, por ele conhece-se a Terra; por este conhecimento da Terra chega-se ao conhecimento do céu e fica-se grande sábio e sem paixões, fica-se Ching. Os lados Keou e Ku têm seus números; o conhecimento desses números prova o de todas as coisas.

Tcheou-Kong disse: nada há de melhor."

Os graus maçônicos — Constituição dos 33 graus do escocismo

Não basta conhecer o resumo da história dos diferentes ritos. Deve-se avançar em seu conhecimento e reservando para uma obra ulterior um estudo completo e detalhado do simbolismo maçônico, dá aos que se interessam seja pela maçonaria, seja pelo iluminismo ou pelo martinismo, uma idéa do caráter real dos ritos sob o ponto de vista da tradição.

De início, ponhamos os leitores em guarda contra os estudos feitos pelos clericais. Já fizemos referência à tendência destes em confundir o iluminismo com a maçonaria. Os escritores ligados ao clericalismo, partindo de uma idéa preconcebida, a intervenção de Satã nas lojas, introduziram na análise dos rituais maçônicos uma série de subentendidos e

de reflexões pessoais extremamente grotescas. Sob a aparência de uma análise imparcial, introduzem de tempos a tempos um pequeno comentário destinado a confundir o leitor confiante. Assim agindo, continuam no seu papel, que conhecemos pessoalmente por experiência, e permanecem em situação de provocar a verve de Leo Taxil, que deles zombou com tanta habilidade, levando-os a injuriar o homem, mas a guardar integralmente suas idéias a respeito do papel secreto do ocultismo em nossa época.

Analisaremos as transformações do ritual lançando uma vista d'olhos muito geral sobre sua evolução histórica.

O primeiro ritual maçônico unindo os maçons do espírito aos da matéria foi elaborado pelos irmãos iluminados da Rosa-cruz, dos quais os mais conhecidos são Robert Fludd e Élie Ashmole. (Citemos entre os outros rosa-cruzes que contribuíram para a nova criação J. T. Desaguliers, Jacques Anderson, G. Payne, King, Calvat, Lumden, Maddem, Elliot.)

Chave dos graus simbólicos *Discípulo*

Os três primeiros graus foram estabelecidos sobre o ciclo quaternário aplicado ao denário, isto é, sobre a quadratura hermética do círculo universal.

O grau de discípulo devia desvendar, ensinar e cobrir de novo a primeira parte do círculo; o grau de companheiro, o segundo quarto, e o grau de mestre os dois últimos graus e o centro.

A significação atribuída pelo revelador a cada grau decorre diretamente do significado total do círculo e de sua adaptação particular.

Assim, se a adaptação do círculo refere-se ao movimento da Terra sobre si mesma, o primeiro quarto do círculo decreverá simbolicamente o fim da noite, depois das seis horas da manhã até as nove horas; o segundo quarto do círculo a

ascensão de nove horas até o meio-dia e os dois últimos quartos o declínio para a noite, ou do meio-dia ao entardecer.

Nesse caso, o discípulo será o homem da manhã e do sol nascente; o companheiro, o homem do meio-dia ou do sol a pino; e o mestre, o homem do sol poente.

Se a adaptação do círculo refere-se à marcha (aparente) do Sol no ano, os quartos de círculo corresponderão às estações e representarão respectivamente a primavera, o verão, o outono e o inverno.

O discípulo será, então, o grão que brota; o companheiro, a planta que floresce; o mestre, a planta que frutifica e o fruto que cai para gerar novas plantas pela frutificação que libera os grãos nele contidos.

Cada uma dessas adaptações podendo ser aplicada ao mundo físico, ao mundo moral ou ao mundo espiritual, compreende-se como os verdadeiros iluminados podiam realmente levar os profanos chamados à iniciação para a luz da verdade, para esta "luz que ilumina todo o homem vivente neste mundo", para o Verbo divino e vivo.

Mas, para isso, tornava-se necessário que a chave fundamental e hermética dos graus e da sua adaptação fosse conservada por uma *universidade oculta*. Tal era o papel que tinham para si reservado os rosa-cruzes e os iniciados judaico-cristãos. Eles sempre possuíam as chaves das quais os escritores exclusivamente maçônicos não viram senão as adaptações. A presente obra, embora muito resumida, abrirá a esse respeito os olhos *daqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir*. Deixemos que os demais nos insultem e nos acusem de adorar o diabo ou de servir aos jesuítas; deixaremos que o digam e não tomaremos conhecimento.

Sob o ponto de vista de alquimia, os três primeiros graus representavam a preparação do trabalho: os do iniciado representando os trabalhos iniciais, os do companheiro representando a busca do verdadeiro fogo filosófico e o grau de mestre correspondendo à colocação no forno químico do mercúrio filosófico e à produção da cor preta, de onde devem sair as cores cintilantes.

De fato: é necessário não levar em conta as idéias e os trabalhos dos rosa-cruzes herméticos para deixar de ver que os verdadeiros ocultistas estabelecerão seu quadro iniciatório conforme as regras estritas da adaptação dos princípios e que a vingança de um pretenso esbulhado representará um papel bastante secundário no assunto.

Provindo do círculo do mundo profano, o aprendiz chegará mais tarde ao estado de mestre, após haver adquirido a iniciação. Desse modo está figurado o caduceu hermético que dá a chave real dos graus simbólicos.

Martines, como todo iluminado, os conhecia, pois dividiu sua iniciação pelo *quarto de círculo*.

Não se pode passar de um plano a outro a não ser atravessando o reino da obscuridade e da morte; eis o primeiro ensinamento que indica ao futuro iniciado o gabinete de reflexões e seus símbolos.

O iniciado nada pode começar sozinho, sob pena de graves incidentes; deve pois buscar a proteção de guias visíveis que já tenham adquirido experiência, tal é o ensinamento que decorre dos discursos e das indagações de que tomará parte o futuro aprendiz, a partir da sua entrada na loja.

Mas tais ensinamentos orais não teriam nenhum valor sem a experiência pessoal, e esta é a finalidade *das viagens e das provas* dos diferentes graus.

Companheiro

O aprendiz *crê* sem mudar de plano. Ele passa dos trabalhos materiais aos trabalhos concernentes às *forças astrais*; aprende a manejar os instrumentos que permitem a transformação da matéria sob os efeitos das forças físicas manejadas pela inteligência; aprende também que além das forças físicas existem forças de uma ordem mais elevada, representadas pelo resplandecer da estrela: trata-se das *forças astrais* que,

sem nomeá-las, permite-se que ele as pressinta pela contempla-
ção da estrela resplandesciente.

O aprendiz torna-se, assim, companheiro e é instruído a
respeito dos elementos da história da tradição.

M e s t r e

O companheiro que vai tornar-se mestre deve preparar-se
para mudar de plano. Passará então outra vez pelo reino
da obscuridade e da morte; mas dessa vez passará sozinho e
sem ter necessidade de guia; fará conscientemente o que fi-
zera inconscientemente no gabinete da reflexão.

Mas, primeiramente, receberá a chave dos três graus e
das suas correlações, encerrada na história do Hiram e dos
seus três assassinos.

Conforme já demonstramos anteriormente (*Tratado Me-
tódico de Ciência Oculta*, análise da legenda de Hiram), a
adaptação solar da legenda nada mais é do que uma adap-
tação de um princípio bem mais geral: a circulação do círculo
no quaternário, com suas duas fases de evolução e de invo-
lução.

Mas, no momento, o que é preciso fixar é que o iniciado
não vai apenas entender esta legenda, *ele vai vivê-la* tornan-
do-se principal personagem da sua repetição.]

Surge aqui um processo digno de nota posto em prática
por Ashmole que compôs este grau em 1649 (os do aprendiz
e do companheiro foram compostos respectivamente em 1646
e 1648). Para ensinar ao iniciado a história da tradição de
um modo verdadeiramente útil, far-se-á com que ele a reviva.
Tal será a chave dos graus posteriores e do ritual dos mesmos.
Tal é a constatação que é necessário ter sempre presente ao
espírito quando tratar-se de reformar os rituais adaptando-os
às épocas novas, sem se afastar dos seus princípios cons-
titutivos.

Depósito dos graus templários

Ramsay

Para evitar toda obscuridade ou qualquer enumeração fastidiosa, sigamos a evolução dos graus maçônicos.

Aos três graus de aprendiz, de companheiro e de mestre, *Ramsay* acrescentou, em 1738, três novos graus denominados Escocês, Noviço e Cavaleiro do Templo.

Tais graus são exclusivamente templários e têm por finalidade fazer lembrar ao recipiendário:

- 1 — o nascimento e a constituição da Ordem do Templo que continua o Templo de Salomão;
- 2 — a destruição exterior e a conservação secreta da Ordem;
- 3 — a vingança a ser praticada contra os autores da destruição.

Tal é a chave dos três graus, que foram adaptados à lenda de Hiram, vinculando assim o Templo de Jerusalém à Ordem de Jacobus Burgundus Morlay.

Os maçons que desejassem conquistar os graus superiores deviam instruir-se no ocultismo e nos primeiros elementos da cabala. Dessa forma, o *Noviço* (tornado Arca Real mais tarde) aprendia os seguintes nomes divinos:

Iod (<i>Principium</i>).....	י
Iaô (<i>Existens</i>).....	יהו
Iah (<i>Deus</i>).....	יה
Ehieh (<i>Sum, ero</i>).....	אהיה
Eliah (<i>Fortis</i>).....	אליה
Iahib (<i>Concedens</i>).....	יהיב
Adonai (<i>Domini</i>).....	אדני
Elchanan (<i>Misericor Deus</i>)..	אלחנן
Iobel (<i>Jubilans</i>).....	יובל

Ao mesmo tempo, fazia-se com que estudasse as ligações das letras com os primeiros elementos do simbolismo das formas.

No grau seguinte, Escocês (tornado Grande Escocês mais tarde), acrescentava-se a esses estudos outros mais aprofundados a respeito das correspondências na natureza. É desta forma que o quadro seguinte, relativo às correspondências das Pedras do Racional e dos nomes divinos indicará os primeiros elementos dos referidos estudos.

Pedras do Racional		Nome Divino Gravado e Significação
Sardonix	MELBIK	(Rex)
Topázio	GOMEL	Retribuens
Esmeralda	ADAR	Magnificus
	IOAH	Deus fortis
Safira	HAIN	Fons
Diamante	ELCHAI	Deus vivens
	ELOHIM	Dii (Sin, os Deuses)
Ágata	EL	Fortis
Ametista	IAOH	IA
Crisólito	ISCHLJOB	Pater excelsus
Ônix	ADONAI	Domini
Berilo	IEVE	(Sum qui sum)

A iniciação a esses dois graus desenvolvia a união entre o Templo de Salomão e os templários e era efetuada em lugares subterrâneos para expressar a penúria a que havia sido reduzida a Ordem.

Era no grau de Cavaleiro do Templo (tornado, em parte, o Kadosh) que o recipiendário era verdadeiramente consagrado como vingador vivo da Ordem. Transforma-se desse modo a iniciação em uma guerra política da qual os martinistas sempre se recusaram a participar.

As palavras seguintes, gravadas no túmulo simbólico de Molay, indicavam além disso que os processos tendentes a atingir o limiar da segunda morte eram conhecidos daqueles que constituíram este grau:

Aquele que possa vencer os terrores da morte sairá do seio da terra e terá direito de ser iniciado nos grandes mistérios.

O detalhe da iniciação do Kadosh com suas quatro câmaras, a preta onde preside o grande mestre dos templários, a branca onde reina Zoroastro, a azul onde domina o chefe do tribunal de São Woehme e o vermelho onde Frederico dirige os trabalhos, indica que este grau é o resumo de todas as vinganças e a materialização, na Terra, desse terrível livro de sangue, que freqüentemente se abre no invisível quando Deus permite que os inferiores se manifestem.

É o grau que sempre foi reprovado pelos martinistas, os quais preferem a prece à vingança política e querem ser leais soldados daquele que disse: "Quem ferir com a espada, pela espada perecerá".

GRAUS DO RITO TEMPLÁRIO

- 1 — Aprendiz ou iniciado;
- 2 — Companheiro ou iniciado do Interior;
- 3 — Adepto;
- 4 — Adepto do Oriente;
- 5 — Adepto da Águia Negra de São João;
- 6 — Adepto perfeito do Pelicano;
- 7 — Escudeiro;
- 8 — Cavaleiro da guarda da Torre Interior.

O rito de perfeição

ANÁLISE DOS SEUS GRAUS

Foi a esses graus templários que a constituição do Rito da Perfeição (1758) veio juntar o complemento do sistema maçônico completo e assim constituído:

- 1 — Uma seção histórica e moral onde o recipiendário revê a história do primeiro Templo de Jerusalém, desde sua

construção até sua destruição; participa a seguir da descoberta do Verbo que, encarnando-se, vai dar nascimento ao cristianismo e à Nova Jerusalém, da qual o recipiendário torna-se cavaleiro.

Analogicamente esta seção histórica permite profundas dissertações morais sobre a queda e a reintegração natural do ser humano;

2 — uma seção hermética consagrada ao desenvolvimento das faculdades hiperfísicas do ser humano, às cerimônias iniciatórias, reproduzia as fases do desdobramento astral e das adaptações alquímicas.

Esta seção estava circunscrita somente a dois graus do rito de perfeição: o Príncipe Adepto e o Príncipe do Segredo Real;

3 — a essas duas seções juntava-se, como já dissemos, a seção templária.

Analisemos rapidamente os 25 graus do rito de perfeição para esclarecer mais a classificação precedente.

Do 4.º ao 15.º grau o presidente da loja representa seja Salomão, seja um dos seus ajudantes ou um dos seus vassalos. Ocupa-se quer da construção do Templo, quer da vingança de Hiram ou da sua substituição.

Esta idéa de vingança que levou Rosen (*Satã Desmascarado*) a crer que os graus de eleitos referiam-se a São Woehme é um erro que um iluminado não teria podido cometer. A São Woehme é uma adaptação germânica dos vingadores pitagóricos, eles próprios imitados dos vingadores de Osiris, como muito bem constatou o autor do *Thuileur de l'Écossisme* e, no entanto, Aulnaye não ultrapassou os pequenos mistérios e não compreendeu na iniciação senão o aspecto naturalista e o plano sexual, como o fazem hoje os clericais. O trecho a seguir esclarecer-nos-á a esse respeito:

“Se o terceiro grau da maçonaria, o do mestre, oferece-nos o quadro da morte de Hiram, dito o Arquitecto do Templo,

ou, antes da de Osíris, de Pan, de Thammuz — Grande Arquitecto da Natureza — com o primeiro eleito escapa-se o primeiro grito de vingança, aquela que Hórus exerceu contra os assassinos de seu pai, Júpiter contra Saturno etc. Este grande e permanente sistema de vingança, que é reencontrado expresso com maior ou menor clareza e inúmeros graus e em especial no Kadosh, remonta aos tempos mais remotos. Afora a interpretação que pode apresentar nas operações da própria natureza que figuram uma série de combates e de reações entre o princípio gerador e o princípio destruidor, pertence ele sobretudo à teocracia, o mais antigo dos regimes governamentais. Conforme as diferentes circunstâncias em que se encontravam os fundadores das sociedades secretas, conforme o espírito particular que os animava, fizeram eles a aplicação dessa vingança a tal ou qual legenda, a tal ou qual fato histórico. Daí a diferença dos rituais, mas os princípios fundamentais são sempre os mesmos". (Aulnaye — *Thuileur Général*).

No 17.º grau (Cavaleiro do Oriente e do Ocidente) chegamos à tomada de Jerusalém pelos romanos e à destruição do Templo.

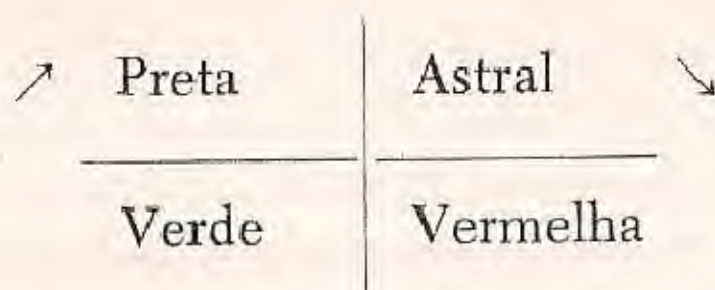
É então que encontramos o grau verdadeiramente cristão da maçonaria, este grau que os rosa-cruzes deram o nome da sua ordem e no qual encerraram a parte mais pura da tradição. Também os materialistas, nada compreendendo disso, dirão que esse grau é uma criação dos jesuítas e estes, emocionados ao ver a cruz e o Cristo glorioso num templo maçônico, dirão que esse grau é uma manifestação de Satã.

Como se vê, há formas para todos os gostos.

O grau de rosa-cruz maçônico é a tradução física dos mistérios que conduzem ao título de irmão iluminado da Rosa-cruz, título que não pertence à franco-maçonaria, mas à sua criadora: a Sociedade dos Iluminados. Um rosa-cruz maçônico, quando conhece bem seu grau, pode ser considerado como um aprendiz iluminado e possui todos os elementos de um alto desenvolvimento espiritual, como veremos ao analisar esse grau.

A ROSA-CRUZ MAÇÔNICA

A iniciação ao grau de rosa-cruz maçônico pede quatro câmaras: a verde, a preta, a astral e a vermelha, que, na prática, são em geral reduzidas a três, suprimindo-se a primeira.



O tema do grau é que a palavra que deve permitir a construção do Templo foi perdida. O recipiendário encontra-a; é o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, INRI, e graças a essa palavra ele atravessa a região astral em sua seção inferior ou infernal e atinge a câmara da purificação cristã e da integração.

Sob o ponto de vista da alquimia, é a criação da pedra ao rubro pela descoberta das forças astrais, a saída da cabeça do corvo e a passagem para a fênix ou para o pelicano.

Sob o ponto de vista moral, é o nascimento no homem da centelha do Verbo divino, encerrada em sua alma pelo exercício da prece, da caridade, do sacrifício e da submissão a Cristo.

Procurem então fazer com que isto seja compreendido por um negociante de vinhos, cabo eleitoral e dignitário do Grande-Oriente, ou por um reverendo padre jesuíta. O primeiro substituirá a fé, a esperança e a caridade por sua querida divisa liberdade, igualdade, fraternidade... ou a morte; o segundo quererá por todos os modos encontrar anagramas que transformem o nome de Cristo no do príncipe deste mundo, pois não pode conceber que Cristo seja compreendido sem passar pelo intermediarismo custoso daqueles que pensam ser o único clero divino sobre a Terra. Para o clerical, tudo isso é "gnosticismo" e ele entende por essa palavra tudo aquilo que não compreende.

Retomemos a análise da iniciação.

A câmara verde lembra a primeira evolução do recipiendário nos graus simbólicos.

A câmara preta vai abrir-lhe as portas da segunda morte. Vai indicar-lhe uma mudança de plano. Ela é forrada de preto com lágrimas de prata.

A destruição do primeiro templo é representada por colunas quebradas e por ferramentas de construção juncando o solo. Apenas três colunas restam de pé e na pauta que as domina se lê: *Fé*, a SO; *Esperança* a SE; e *Caridade* a NO.

A leste fica um dos mais profundos símbolos: uma mesa coberta por um pano negro, sobre a qual se encontram além das ferramentas de construção material (compasso, esquadro, triângulo) o símbolo da criação pelo homem de seu ser espiritual: a cruz portando uma rosa na interseção de cada um dos seus braços.

Esta mesa fica colocada diante de um grande reposteiro que, ao afastar-se, deixará perceber o Cristo crucificado iluminado por dois círios de cor solar.

* * *

É aí que o recipiendário reencontrará a “palavra perdida”, após ter recriado em si mesmo, primeiro a *fé*, baseada no trabalho pessoal; a seguir, a *caridade*, que lhe abre de par em par as portas da *esperança* e da *imortalidade*.

Desta imortalidade, ele irá imediatamente adquirir a certeza simbólica porque, com o rosto coberto por um véu preto, penetra, ajudado por aqueles que passaram antes dele, na câmara que denominamos astral e que é geralmente chamada infernal.

Digamos a tal respeito e para obsequiar o sr. Antonini (*Doutrina do Mal*), que aquilo que os católicos chamam de inferno é chamado pelos ocultistas de “plano astral inferior”.

Para chegar ao Céu, é preciso atravessar o plano astral e triunfar, por sua pureza moral e por sua elevação espiritual, das larvas e dos seres que povoam esta região do invisível. O Céu envia a seus eleitos guias para passá-los através desta região. A tal respeito, o autor de *Pistis Sofia* dá interessante

esclarecimento. Mas os ocultistas põem as larvas e os demônios em seus verdadeiros lugares e não os adoram, reservando suas preces para Cristo ou para a Virgem. É necessário triunfar dos demônios para atingir o plano celeste e só se triunfa seguindo no Ocidente os preceitos evangélicos, ou seguindo no Oriente as revelações dos mestres. Todo homem de bem, seja ele cristão, muçulmano ou budista, vai para o Céu quando seguiu a palavra de Deus e todo criminoso, seja ele papa, padre católico, judeu, protestante ou simples laico, seja de que religião for, irá conhecer os seres do plano astral, até a dissolução de suas cascas, a menos que a piedade divina não apague as marcas dos seus pecados. Eis por que Dante viu vários papas no inferno.

Esta câmara astral é forrada com uma cortina transparente tendo em cada uma das extremidades um esqueleto para bem indicar que a morte é a única porta de entrada e de saída do local. Sobre esta cortina estão pintadas larvas e seres astrais diversos, que o recipiendário percebe levantando o véu que lhe cobre a cabeça.

Assim chega ele à câmara vermelha, iluminada por 33 focos de luz.

No Oriente, o recipiendário percebe, sobre um dossel, um admirável símbolo. No alto, uma estrela flamejante levando a letra **W** (Schin) invertida, para indicar a encarnação do Verbo divino na natureza humana. Embaixo, é um sepulcro aberto e vazio para mostrar que Cristo triunfou da morte, indicando dessa forma o caminho a todos que o quiserem seguir.

É também nesta direção que está o estandarte do capítulo sobre o qual se acha gravado o pelicano, de pé em seu ninho e alimentando as sete crias com o próprio sangue que faz correr rasgando o lado do corpo com o bico. Este pelicano traz sobre o peito a rosa-cruz. Tal é o símbolo do verdadeiro cavaleiro de Cristo, tal é a representação da ação incessante da luz divina que faz viver mesmo aqueles que, em seu nome, cometem atrocidades, assim como o Sol ilumina os bons e os maus espalhados pelas sete regiões planetárias do seu sistema.

A câmara verde lembra a primeira evolução do recipiendário nos graus simbólicos.

A câmara preta vai abrir-lhe as portas da segunda morte. Vai indicar-lhe uma mudança de plano. Ela é forrada de preto com lágrimas de prata.

A destruição do primeiro templo é representada por colunas quebradas e por ferramentas de construção juncando o solo. Apenas três colunas restam de pé e na pauta que as domina se lê: *Fé*, a SO; *Esperança* a SE; e *Caridade* a NO.

A leste fica um dos mais profundos símbolos: uma mesa coberta por um pano negro, sobre a qual se encontram além das ferramentas de construção material (compasso, esquadro, triângulo) o símbolo da criação pelo homem de seu ser espiritual: a cruz portando uma rosa na interseção de cada um dos seus braços.

Esta mesa fica colocada diante de um grande reposteiro que, ao afastar-se, deixará perceber o Cristo crucificado iluminado por dois círios de cor solar.

* * *

É aí que o recipiendário reencontrará a "palavra perdida", após ter recriado em si mesmo, primeiro a fé, baseada no trabalho pessoal; a seguir, a caridade, que lhe abre de par em par as portas da esperança e da imortalidade.

Desta imortalidade, ele irá imediatamente adquirir a certeza simbólica porque, com o rosto coberto por um véu preto, penetra, ajudado por aqueles que passaram antes dele, na câmara que denominamos astral e que é geralmente chamada infernal.

Digamos a tal respeito e para obsequiar o sr. Antonini (*Doutrina do Mal*), que aquilo que os católicos chamam de inferno é chamado pelos ocultistas de "plano astral inferior".

Para chegar ao Céu, é preciso atravessar o plano astral e triunfar, por sua pureza moral e por sua elevação espiritual, das larvas e dos seres que povoam esta região do invisível. O Céu envia a seus eleitos guias para passá-los através desta região. A tal respeito, o autor de *Pistis Sofia* dá interessante

esclarecimento. Mas os ocultistas põem as larvas e os demônios em seus verdadeiros lugares e não os adoram, reservando suas preces para Cristo ou para a Virgem. É necessário triunfar dos demônios para atingir o plano celeste e só se triunfa seguindo no Ocidente os preceitos evangélicos, ou seguindo no Oriente as revelações dos mestres. Todo homem de bem, seja ele cristão, muçulmano ou budista, vai para o Céu quando seguiu a palavra de Deus e todo criminoso, seja ele papa, padre católico, judeu, protestante ou simples laico, seja de que religião for, irá conhecer os seres do plano astral, até a dissolução de suas cascas, a menos que a piedade divina não apague as marcas dos seus pecados. Eis por que Dante viu vários papas no inferno.

Esta câmara astral é forrada com uma cortina transparente tendo em cada uma das extremidades um esqueleto para bem indicar que a morte é a única porta de entrada e de saída do local. Sobre esta cortina estão pintadas larvas e seres astrais diversos, que o recipiendário percebe levantando o véu que lhe cobre a cabeça.

Assim chega ele à câmara vermelha, iluminada por 33 focos de luz.

No Oriente, o recipiendário percebe, sobre um dossel, um admirável símbolo. No alto, uma estrela flamejante levando a letra **W** (Schin) invertida, para indicar a encarnação do Verbo divino na natureza humana. Embaixo, é um sepulcro aberto e vazio para mostrar que Cristo triunfou da morte, indicando dessa forma o caminho a todos que o quiserem seguir.

É também nesta direção que está o estandarte do capítulo sobre o qual se acha gravado o pelicano, de pé em seu ninho e alimentando as sete crias com o próprio sangue que faz correr rasgando o lado do corpo com o bico. Este pelicano traz sobre o peito a rosa-cruz. Tal é o símbolo do verdadeiro cavaleiro de Cristo, tal é a representação da ação incessante da luz divina que faz viver mesmo aqueles que, em seu nome, cometem atrocidades, assim como o Sol ilumina os bons e os maus espalhados pelas sete regiões planetárias do seu sistema.

As inscrições da colunas, *eternidade e imortalidade* caracterizam a transformação espiritual das virtudes que iluminam a câmara preta.

Esta iniciação está apoiada por quinze pontos de instrução que transformam sucessivamente o recipiendário em cavaleiro de Heredom, cavaleiro de guarda da Torre e rosa-cruz. Tais instruções referem-se aos seguintes pontos:

1 — Mestrado; 2 — números 9, 7, 5 e 3; 3 — pedra angular; 4 — mistérios da arca e da imortalidade (Enoch e Elias); 5 — as montanhas da salvação, o Moria e o Calvário, em todos os planos; 6 — o forno hermético; 7 — as virtudes morais nascidas do esforço espiritual; 8 — a resistência às paixões (guarda da Torre); 9 — a emblemática astral; 10 — a emblemática geral; 11 — a emblemática numeral; 12 — a Jerusalém cristã e o novo templo universal; 13 — as três luzes cristãs: Jesus, Maria, José; 14 — a palavra perdida; 15 — consummatum est.

Enfim, os iluminados haviam transmitido à maçonaria, nesse grau, seu sistema de redução cabalística dos nomes em suas consoantes e os cinco pontos representando a aprendizagem do iluminismo.

* * *

Os graus seguintes: 19, grande pontífice; 20, grande patriarca; 21, grande mestre da chave; 22, príncipe do Líbano — continuam a praxe da tradição histórica.

Este último grau, príncipe do Líbano, tornou-se o cavaleiro real Acha do Escocismo e dá início à série dos verdadeiros graus herméticos consagrados ao desenvolvimento das faculdades espirituais.

O tema de iniciação desses graus herméticos refere-se à parte da vida de Salomão que ele dedicou ao estudo da magia e da alquimia. Dessa forma, vê-se Salomão submetido às provas da morte segunda, do abandono do verdadeiro Deus pelos ídolos, e retornando à verdadeira fé pela ciência. É, sobre um outro plano, uma repetição da alegoria histórica dos graus anteriores.

Na maçonaria de perfeição, os graus herméticos eram encerrados nos seguintes graus: 22, príncipe do Líbano; 23, príncipe adepto; e 25, príncipe do segredo real.

Reencontramos neste grau de príncipe adepto, tornado o 28.º do rito escocês, cavaleiro do Sol, os estudos teóricos que formam a base de toda a prática real.

E em consequência do escocismo e dos desenvolvimentos que deu a esses graus herméticos, estudaremos detalhadamente tal seção.

Conforme se constata, o rito da perfeição continha todo o sistema maçônico e as transformações que possa sofrer exercer-se-ão apenas sobre o desenvolvimento dos graus já existentes no Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente.

Passemos então ao escocismo, mas, antes, enumeremos as sete classes que compreendem os graus deste rito:

- 1.^a classe — 1, 2, 3.
- 2.^a classe — 4, 5, 6, 7 e 8.
- 3.^a classe — 9, 10, 11.
- 4.^a classe — 12, 13, 14.
- 5.^a classe — 15, 16, 17, 18, 19.
- 6.^a classe — 20, 21, 22.
- 7.^a classe — 23, 24, 25.

Para maiores detalhes, podemos nos reportar ao quadro geral dos ritos, no fim deste capítulo.

O escocismo — Razão de ser destes novos graus — Iluminismo, reintegração e hermetismo

Chegamos ao escocismo propriamente dito, isto é, ao desenvolvimento dos últimos graus do rito da perfeição.

Como acabamos de dizer, os mistérios do desdobramento consciente do ser humano, aquilo que foi denominado a

saída consciente do corpo astral e que caracterizava o batismo nos templos antigos, tais mistérios foram desenvolvidos para constituírem os graus escoceses, juntados pelo supremo conselho de Charleston, por volta de 1802, ao sistema trazido por Morin.

Seria injusto deixar de ver quantas superfluidades existem nesses graus. Eles põem fim à progressão do desenvolvimento do ser humano dando-lhe a chave do uso das faculdades supra-humanas, pelo menos na vida atual. Dizemos a *chave*, porque uma iniciação não pode proporcionar outra coisa.

Depois disso, pouco importa que as luzes sejam dadas a homens que não verão nisso senão um simbolismo ridículo, ou que elas ceguem os clericalistas que só procurarão aí, segundo seus louváveis hábitos, falos e vícios pois têm um cérebro assim feito e só vêem isso por todos os lados, com um diabo como chefe de orquestra. Pobres coitados!

A iniciação irá retrazar as diversas fases da travessia consciente dos planos astrais, com seus perigos, seus escolhos e seu coroamento que consiste em transpor o círculo do inferno astral para elevar-se, se a alma é digna, às diversas regiões celestes.

O tema representará, como já dissemos, o recipiendário sob a figura de Salomão ocultista dirigindo o Hiram e tomando pessoalmente parte nas operações.

O 22.º grau, *cavaleiro Acha real*, refere-se às preparações *materiais* das operações figuradas pelos talhos dos cedros sobre o monte Líbano e pela acha consagrada.

O 23.º grau, chefe do Tabernáculo, refere-se às indicações concernentes ao plano no qual se vai operar, isto é, a natureza astral. A sala é perfeitamente redonda, iluminada por sete luminárias e $19 = 13$ (o número da passagem em astral) luzes acessórias. A palavra sagrada é *leve* e a palavra de passe é o nome do anjo de fogo que deve vir assistir o operador no início de suas provas: *Uriel*. Este grau mostra o erro dos operadores que, para irem mais depressa, apelam para as forças inferiores do astral e arriscam-se a perder a

comunicação com o Céu, deixando-se enganar pelo demônio, aqui figurado por ídolos aos quais Salomão rendeu sacrifício. O recipiendário deve sair triunfante deste primeiro contato com a região astral.

É então que ele se aproxima do plano onde estão gravados os símbolos astrais. Vê a palavra de Deus, a dos doze mandamentos e a dos Evangelhos escritos no livro eterno; realiza então a primeira viagem em Deus (palavra de passe) (24.º grau).

É aí que ele atinge o plano de êxtase em que se encontrava Moisés quando viu iluminar-se a sarça ardente. Acaba de ultrapassar o plano astral; aborda o plano divino e tem a primeira manifestação da harmonia celeste (25.º grau). O recipiendário tem a cruz como símbolo e a palavra sagrada é Moisés, a palavra de passe INRI, para indicar a união dos dois Testamentos. As cadeias que envolvem o recipiendário indicam o peso da matéria e das cascas, o qual paralisa a ação do espírito no plano divino, e a serpente de bronze, enrolada em volta da cruz, indica o domínio do plano astral (a serpente) pelo homem regenerado por Cristo (a cruz).

Os clericalistas não puderam, com grande mágoa, encontrar o diabo nesse grau. Dessa forma, geralmente silenciam a respeito dele.

Prosseguindo em sua evolução no plano invisível, o recipiendário atinge os diversos planos da região celeste (26.º grau), escocês trinitário ou príncipe de Mercê. Irá passar pelo primeiro, pelo segundo e pelo terceiro céus e, em lugar dos demônios do plano astral, tomará contato com os silfos e os recebedores celestes.

Também é preciso considerar os cacarejos irônicos dos ignorantes quando se referem a esse grau, bem como os alegres comentários dos clericais. Mas prossigamos:

O recipiendário recebe *as asas* como marca de sua ascensão até o plano divino. O catecismo contém as seguintes frases características:

P — Sois mestre escocês trinitário ?

R — Eu vi a *grande luz* e, como vós, sou *excelentíssimo* pela *tríplice aliança* do sangue de Jesus Cristo, do qual vós e eu trazemos a marca.

P — Qual é essa tríplice aliança ?

R — Aquela que o Eterno fez com *Abraão* pela circuncisão; aquela que ele fez com seu pai no deserto, por mediação de Moisés; e aquela que ele fez com os homens pela morte e a paixão de Jesus Cristo, seu querido filho.

No grau seguinte (27.^o), grande comendador do Templo, o recipiendário é admitido na *corte celeste* e a jóia traz as letras hebraicas **יְהוָה**, isto é, INRI. O signo consiste em formar uma cruz sobre a fronte do irmão que interroga.

Chegamos assim ao grau que primitivamente encerrava os precedentes, o grau de *cavaleiro do Sol* (28.^o), antigo príncipe adepto do rito da perfeição.

Este grau simboliza a reintegração do espírito no “Adam-Kadmon”, quando ele foi julgado digno por Deus. O recipiendário encontra-se transportado no espaço intrazodiacal onde está o homem antes da queda e toma conhecimento dos sete anjos planetários que presidem, depois da queda, os destinos das sete regiões, porque se supõe que o recipiendário encontra-se no Sol. Ele vai começar a tomar conhecimento das forças emanadas deste centro. Antes de mais nada, eis as correspondências ensinadas neste grau, do qual a palavra de passe, puramente alquímica, é *Stibium*:

Miguel	<i>Pauper Dei</i>	Saturno
Gabriel	<i>Fortitudo Dei</i>	Júpiter
Uriel	<i>Ignis Dei</i>	Marte
Zeraquiel	<i>Oriens Deus</i>	Sol
Chamaliel	<i>Indulgentia Dei</i>	Vênus
Rafael	<i>Medicina Dei</i>	Mercúrio
Tsafiel	<i>Abconditus Deus</i>	Lua

O 29.º grau (grande escocês de Santo André) é essencialmente alquímico. Supõe-se que o adepto volveu à Terra depois de sua ascensão no mundo dos princípios e que é capaz de realizar a grande obra.

A este grau foi acrescentado, como palavra sagrada, um grito de vingança, o qual demonstra que alguns pontos do rito templário foram misturados ao ensinamento hermético. Eis as palavras de passe deste grau, que são bastante claras a respeito da matéria:

PALAVRAS DE PASSE DO 29.º GRAU

<i>Ardarel</i>	Anjo do Fogo
<i>Casmarã</i>	" do Ar
<i>Taliud</i>	" da Água
<i>Furlac</i>	" da Terra

Dentre os graus administrativos 31.º, 32.º e 33.º, assinalaremos principalmente o 32.º, antigo 25.º do rito de perfeição: *príncipe do segredo real*.

É necessário deixar de lado o falso Frederico deste grau, bem como o do 21.º grau (*Noaquita*) que é uma reconstituição apenas histórica da Santa Woehme.

O que nos interessa é a figura deste grau, "o sinete" onde vemos cinco raios de luz em volta de um círculo e inscritos eles próprios em um outro círculo cercado por um pentágono o que reproduz a análise da esfinge, touro, leão, águia (de duas cabeças) e coração flamejante e alado, o todo dominado pela pedra cúbica. Em volta do sinete ficam os *campos* representando os centros de realização maçônica.

O 33.º grau é, em parte, o desenvolvimento alquímico do príncipe da arca real e, em parte, uma espécie de "molho a Frederico" que não nos interessa. Ele constitui o grau administrativo dos centros maçônicos que podem ligar-se a um iluminismo qualquer.

RESUMO GERAL E RECAPITULAÇÃO DOS GRAUS MAÇÔNICOS

A vista d'olhos que lançamos sobre a hierarquia dos graus maçônicos mostra-nos que eles constituem uma real progressão harmônica na qual mal se encontram algumas anomalias, como os graus dos noaquitas, compostos fora da ação dos fundadores do sistema maçônico.

Tais graus simbólicos contêm, é certo, *em germe* todo o sistema, mas os graus elevados desenvolvem harmonicamente esse germe, a princípio sob o ponto de vista histórico ao passar em revista o povo judeu, depois o cristianismo e, afinal, o tribunal secreto, as ordens de cavalaria e os templários.

O mencionado sistema seria incompleto sem o coroamento verdadeiramente oculto, dando ao iniciado perspectivas novas sobre a salvação do ser humano pela prece, o devotamento (18.º) e a caridade que conduzem às provas da segunda morte e à percepção do plano divino, após haver triunfado das tentações infernais do plano astral. Os iluminados, pois, deram pessoalmente à sua obra todos esses desenvolvimentos; da mesma forma, saberão recriá-la se ela termina no baixo materialismo e no ateísmo.

O quadro que se segue resumirá o sentido geral dos diferentes graus.

A evolução progressiva dos graus nos aparece pois do seguinte modo (ver o quadro adiante):

- 1 — Três graus simbólicos;
- 2 — três altos graus templários de Ramsay, que devem ser colocados defronte dos números 13, 14 e 30;
- 3 — constituição dos graus históricos, desenvolvimento da história de Salomão e da construção do Templo de Jerusalém, 4 a 15; destruição do Templo e reconstituição da Nova Jerusalém pelo cristianismo, 15 a 22;
- 4 — coroamento dos graus históricos pelos graus do hermetismo, abrindo uma porta sobre o iluminismo cristão, 22 a 25.

	(Rito de Perfeição)	(Supremo Conselho de Charleston)	(Convenção de Lausanne)
1. Aprendiz	"	"	"
2. Companheiro	"	"	"
3. Mestre	Mestre secreto	"	"
4. "	Mestre perfeito	"	"
5. "	Secretário particular	"	"
6. "	Prior e juiz	"	"
7. "	Intendente das constru- ções	"	"
8. "	Eleito dos nove	"	"
9. "	Eleito dos quinze	"	"
10. "	Ilustre eleito	"	"
11. "	Grande M. arquiteto	"	"
12. (<i>Ramsay</i>)	Arca Real	"	"
13. + Escocês	Grande Eleito — Ant. Mes- tre perfeito	"	"
14. + Noviço	Cavaleiro da espada	Perfeição	"
15. "	Príncipe de Jerusalém ..	Cavaleiro do Oriente ...	"
16. "	Cavaleiro do Oriente e do Ocidente	"	"
17. "	Cavaleiro Rosa-cruz	"	"
18. "	Grande Pontífice	"	"
19. "			

20.	"	Grande Patriarca	Grande Mestre de todas as lojas	Ven. G. M. das lojas ..
21.	"	G. M. da Chave	Patriarca e Noaquita ...	Noaquita
22.	"	Príncipe do Líbano	Arca Real ou Príncipe do Líbano	Cavaleiro da Arca Real .
23.	"	"	Chefe do Tabernáculo ..	Chefe do Tabernáculo ..
24.	"	"	Príncipe da Mercê	Príncipe do Tabernáculo
25.	"	"	Cavaleiro da Serpente de Bronze	Cavaleiro da Serpente de Bronze
26.	"	"	Comendador do Templo .	Escocês, Trinitário
27.	"	"	Cavaleiro do Sol	Grande Comendador do Templo
28.	"	Príncipe Adepto (23) ..	Kadosh	Cavaleiro do Sol
29.	"	"	"	Grande Escocês de Santo André
30. + Cav.º do Templo			Cavaleiro Comendador da Águia Branca e Preta (24)	Príncipe do Segredo Real	Kadosh
31.	"	"	Soberano Grande Inspetor Geral	Grande Inspetor
32.	"	Soberano Príncipe da mac. . Sublime Comendador do Segredo Real (25)	"	Sublime Príncipe do Segredo Real
33.	"	"	"	Soberano Grande Inspetor Geral

da Acha Real ocupou os graus 28.º, 29.º, 30.º, 31.º e 32.º; Kel Adosh, o 28.º grau; e o soberano grande inspetor geral, o 33.º e último.

Com a chegada de Grasse Tilly a Paris, uma nova disposição foi adotada e rege ainda o escocismo. Ei-la em suas linhas gerais: (24.º) o príncipe da Mercê torna-se o príncipe do Tabernáculo; o comendador do Templo torna-se o escocês trinitário (26.º); o cavaleiro do Sol torna-se o 28.º grau e foi substituído pelo grande comendador do Templo; o 29.º grau foi o grande escocês de Santo André e o Kadosh (antigo 24.º do rito de perfeição e 28.º de Charleston) tornou-se definitivamente o 30.º grau.

O 31.º tornou-se o grande inspetor; o príncipe adepto constituiu o 32.º, e o soberano grande inspetor geral do 33.º grau. Enfim o grau de noaquita, o 21.º, substituiu totalmente o grande mestre da chave do rito da perfeição.

